



# **HABITAR A RUÍNA, VIVER A MEMÓRIA**

## **REABILITAÇÃO DA ALDEIA DE BROAS**

**Maria Madalena Nunes Marques**  
(Licenciada)

Projeto elaborado para a obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura

### **Orientação Científica:**

Professor Doutor João Pardal Monteiro  
Professor Pedro Pacheco

### **Júri:**

Presidente Doutor Francisco Carlos Oliveira  
Orientador Doutor João Pardal Monteiro  
Vogal Doutor Luís Rosmaninho

Documento **Definitivo**

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro de 2016





## RESUMO

As Ruínas da Aldeia de Broas situam-se no contexto de um território rural, caracterizado por uma ocupação descontextualizada devido ao corte, por parte das populações residentes, com as ancestrais das práticas culturais e formas de vida inerente ao campo.

Em *Habitar a Ruína, Viver a Memória*, pretende-se desenvolver um discurso crítico que enquadra o caso de reabilitação de uma aldeia em ruína no propósito de revitalizar o território rural através de práticas culturais. A procura de uma forma de habitar compatível com estes objetivos é aliada a intenção de valorizar o lugar enquanto portador de memória.

A reabilitação da aldeia procura ser um compromisso entre estes objetivos, por um lado, pretende potencializar uma vivência genuína da pré-existência através, da conservação da sua autenticidade, por outro, é pensada para ser um processo participativo, evolutivo e aberto à colaboração potenciadora de práticas regenerativas da cultura.

**Palavras-chave:** ruralidade, regeneração, reabilitação, memória, cultura, revalorização.

## ABSTRACT

The Ruins of Broas Village are situated in the context of a rural area, characterized by a decontextualized occupation due to the cut, by the resident population, with the ancient cultural practices and ways of life inherent in the field.

With *Inhabiting the ruin, Living Memory*, is intended to develop a critical discourse that frames the case of rehabilitation of a village in ruin in order to revitalize rural areas through cultural practices. The search for a way of living compatible with these goals is coupled with the intention to value the place as memory carrier.

The rehabilitation of the village seeks to be a compromise between these objectives, on the one hand, it aims to enhance a genuine experience of the pre-existence through the conservation of its authenticity, on the other, is thought to be a participatory, evolutionary process open to potentiating collaboration regenerator of practical culture.

**Keywords:** rurality, regeneration, rehabilitation, memory, culture, revaluation.

Este documento contém 12.075 palavras.

Ao meu pai,  
À minha mãe,  
À minha irmã,

Por acreditarem em mim e não me deixarem desistir dos meus sonhos.

À minha família por todo o apoio e carinho demonstrado ao longo deste percurso.

Aos meus amigos por me acompanharem neste caminho.

Aos meus orientadores pelo acompanhamento e interesse prestados ao meu  
trabalho.



## ÍNDICE

Introdução	1
00. Prólogo. A rutura com a tradição arquitetónica.	3
01. Os Mitos sobre o Território Saloio	5
Região saloia, um fenómeno cultural.	5
A procura de uma cultura rural contemporânea.	9
02. Entre Sintra e Mafra ainda existe uma Aldeia.	15
A Aldeia	17
O novo contexto.	21
A ruína e o valor do tempo.	24
03. (Re)Habitar a Aldeia.	26
Uma nova ponte em Cheleiros.	26
Reinserção da aldeia no território.	
Uma aldeia para a educação.	32
04. A reabilitação do património vernacular.	33
Metodologia de projeto.	
O problema da sacralização do património.	33
O interesse renovado na tradição.	36
A ruína como matriz para o projeto de reabilitação: A Casa de Pardelhas.	37

<b>05. A leitura da pré-existência na proposta de intervenção.</b>	44
A casa salaia como núcleo de referência.	44
Lógica de crescimento por adição.	
A aldeia. Atribuição de novas funções.	55
A autenticidade do espaço. Proposta de intervenção.	69
Uma arquitetura integrada.	92
 <b>Considerações Finais</b>	 98
 <b>Referências Bibliográficas</b>	 99
 <b>Anexos</b>	 102

## INTRODUÇÃO

A casa rural é a maior forma de expressão de um povo. É o resultado puro das formas de apropriação do território. É a forma arquitetónica que detém uma maior aproximação Homem e Terra. O Homem procura o progresso, afirma-se com a sua superação tecnológica, e ao mesmo tempo distancia-se cada vez mais da sua Terra.

O território rural atravessa uma incerteza existencial: as formas de vida tradicionais foram substituídas por padrões de vida urbanos, e a sua ocupação foi feita de forma desorganizada, fruto de uma certa discrepância de importância face aos centros urbanos.

O abrigo primordial revela-se incompatível com a evolução, e é deixado ao abandono. Com a ação do tempo, transforma-se em ruína.

As ruínas da Aldeia de Broas, localizadas no território de tradição rural Sintra-Mafra, a que popularmente se chama região saloia, são a prova do processo de abandono da cultura rural. A proposta da sua reabilitação surge como uma oportunidade de questionar o papel do espaço rural no contexto contemporâneo. Por um lado, são abordadas questões sobre o aspeto funcional do território rural, tendo em conta as perspetivas de uma ruralidade contemporânea revitalizada. Por outro, questiona-se o valor da ruína e qual o fundamento para a sua reabilitação, tendo em conta o objetivo de regeneração da cultura arquitetónica.

A resposta a estas questões passa por uma investigação que propõe abordar, em primeiro lugar o território rural em que se insere a Aldeia – o território saloio. Neste primeiro capítulo – OS MITOS SOBRE O TERRITÓRIO SALOIO - o objetivo é perceber qual é o seu contexto na sociedade contemporânea, e de que forma pode ser regenerado.

Segue-se a contextualização da aldeia nesse mesmo território – ENTRE SINTRA E MAFRA AINDA EXISTE UMA ALDEIA -, onde se perspetivam os conceitos base para a metodologia de reabilitação e nova utilização.

A terceira parte – (RE)HABITAR A ALDEIA diz respeito à procura de um programa de usos para a nova utilização da Aldeia, qual a sua inserção no território envolvente, e qual a perspetiva para a sua reativação.

Na quarta parte - A PRÉ-EXISTÊNCIA NA METODOLOGIA DE REABILITAÇÃO -é feita uma abordagem sobre o papel do património rural no contexto da arquitetura portuguesa, com o objetivo de chegar à conclusão sobre o método de projeto a adotar na reabilitação do caso prático. O último capítulo - LER A RUÍNA, PROPÔR UMA INTERVENÇÃO – é referente ao processo de projeto de reabilitação. Neste capítulo, segue-se a justificação das escolhas para a intervenção, desde a organização funcional do espaço, até ao conceito de intervenção, tendo em consideração o principal objetivo de uma ação regenerativa do lugar e da cultura.





## 00. Prólogo. A rutura com a tradição arquitetónica.

A arquitetura vernacular é *uma das mais importantes manifestações da atividade criadora de um povo*<sup>1</sup>. Reflete os anseios e limitações do Homem - referido por Antunes (1964) como *Homem Rural* - cuja vida económica está intimamente ligada às contingências da natureza, e por isso ao seu meio geográfico. A casa rural é assim, o produto da relação do **Homem** com a sua **Terra**, e encerra sobre si o conhecimento resultado da experiências de várias gerações, sobre *técnicas espontâneas de organização dos espaços, de adaptação ao terreno e de fuga dos rigores do clima*<sup>2</sup>. É o resultado de base material, da superação e adaptação às condições concretas do território. Enquanto modelo de uma arquitetura vernacular associada à cultura rural da região Sintra-Mafra, a casa saloia reflete a personalidade do povo que a edificou.

No entanto, a realidade que hoje se assiste nesta região, é a de uma paisagem onde tendem a aparecer construções descontextualizadas, resultado do uso irrefletido de novos materiais e técnicas. A sua utilização veio substituir a tradição construtiva popular, por uma nova linguagem associada à standardização das formas e materiais. A arquitetura desenraizada é o reflexo da desvinculação entre o Homem e o seu meio geográfico, que se confirma pela ausência do original significado funcional da casa, associada ao trabalho e produções locais.

O desenraizamento e desapareço da cultura rural ancestral por parte das populações surge do corte geracional operado em meados do séc. XX devido às memórias de uma vida dura de subsistência desprovida de condições de salubridade e conforto que as novas gerações, com acesso a outras realidades (através da emigração e migração para as grandes cidades do litoral) querem apagar e substituir com novos modelos de vida que por inerência trazem novas formas de intervir no território “importados” das novas realidades a que têm acesso. As casas dos seus antepassados passaram a ter essa conotação negativa sendo essa uma das razões para a cisão com as técnicas e modos de construir do passado. Pode-se dizer que o meio rural, onde se insere também o território em questão, atravessa uma crise cultural, a que está associada uma crise da cultura arquitetónica e do saber construtivo.

Enquanto aldeia em ruína, o presente caso de estudo é uma oportunidade para contrariar a tendência das formas standardizadas e ausentes de significado. A proposta de intervenção pretende, não só ir ao encontro de uma arquitetura contextualizada na cultura local, mas sobretudo potenciar essa cultura e o equilíbrio da paisagem.

*A obtenção da harmonia do espaço organizado, resultante final da harmonia do homem consigo próprio, com o seu semelhante e com a natureza, será de longa e difícil, mas porque a consciência da sua necessidade deverá sobrepor-se aos obstáculos, ela deverá constituir um dos mais destacados objetivos do homem contemporâneo*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Antunes, Alfredo da Mata. 1964. *Arquitectura E Desenvolvimento Rural*. Lisboa, p.13

<sup>2</sup> *Ibidem*

<sup>3</sup> Távora, Fernando. 1982. *Da Organização Do Espaço*. ESBAP. Porto, p.58



1. Representação do saloio no tempo atual: feira saloia  
Fonte: <http://rouxinoldepomares.blogs.sapo.pt>

## 01. Os Mitos sobre o Território Saloio.

### Região saloia, um fenómeno cultural.

A região norte dos arredores de Lisboa é popularmente chamada de terra saloia. No entanto, não se sabe ao certo quais os seus limites, uma vez que não está associada a qualquer área administrativa, nem se verifica nenhum fenómeno de polarização interna neste território (Gaspar 1993). Apesar de existir uma área geográfica correspondente - mas incerta -, considera-se que a região saloia é sobretudo um **fenómeno cultural**.

A origem da palavra “saloio” constitui um indicativo explicativo do surgimento deste fenómeno. Esta deriva da palavra árabe «çahroi», que significa «habitante do campo», romanizado como «çahroio», e evoluindo depois para «çaroio», «çaloio» e «saloio» (Fernandes and Janeiro 1990). Assim, a cultura saloia encontra as suas origens nos povos árabes de tradição agrícola que ocuparam a região rural dos arredores de Lisboa, no contexto das invasões dos povos muçulmanos do século VII. Com a reconquista cristã, em 1147, da cidade Lisboa, são institucionalizados reguengos nos seus arredores. Estes constituíam um regime que designava as terras do rei onde os «Mouros» ou «Moçárabes» puderam continuar a viver (Fernandes and Janeiro 1990) e mantiveram as suas comunidades de tradição rural.

A localização dos reguengos é tida em consideração para a definição da região saloia, no entanto foram identificados reguengos na margem sul do rio Tejo, que não corresponde à área que tradicionalmente se denomina de saloia (Fernandes & Janeiro, 1990). Neste contexto, fenómeno religioso é considerado por interessar na sua dimensão geográfica, nomeadamente na sua expressão no território: as romarias. Neste aspeto, as duas margens do Tejo constituíram uma unidade ao longo de séculos.

A peregrinação de Nossa Senhora da Nazaré até ao Cabo Espichel representa exatamente os extremos da Estremadura. Tendo em conta que os «cabos do mundo» são uma referência nas comunidades religiosas, pois marcam o espaço sagrado (interior) e o profano (exterior), pode ser atribuído a estes pontos o significado de fronteira protetora e limite da «sua terra» (Fernandes and Janeiro 1990). Assim, existe a possibilidade da Estremadura – inicialmente com um vasto território entre o Douro e Mil Fontes – ter correspondido à região saloia que, com uma área inicialmente alargada, foi perdendo território devido às sucessivas infiltrações de migrantes provindos do Alentejo e do Norte, que provocaram a perda do seu carácter próprio (Fernandes and Janeiro 1990).

Esta correspondência é ainda reforçada pela existência de vestígios arquitetónicos no percurso das romarias, que têm em comum um modelo arquitetónico associado à cultura saloia (Fernandes and Janeiro 1990).

A região saloia poderá ser assim associada à área de influência dos camponeses árabes consolidada pelos invasores cristãos, que mantiveram uma **tradição rural essencialmente agrícola**.

A incidência da designação de “saloio” apenas na região Norte de Lisboa, terá a haver, segundo Gaspar (1993), com as **relações funcionais entre campo e cidade**.

Desde a ocupação romana, onde se torna mais evidente a ocupação das zonas férteis para a exploração agrícola (Delicado 2011), que se vai desenvolvendo uma relação funcional de complementaridade entre o espaço rural e o urbano. A cidade de Olissipo – uma das mais importantes províncias da Lusitânia – era um centro de atividades diversificadas que estava sem dúvida dependente do seu *ager olissiponense*, que provia a cidade de matérias-primas e produtos alimentares (Delicado 2011). A cidade de Lisboa evoluiu prosperamente, não só pela localização estratégica como ponto de interfase de comércio, mas sobretudo devido à abundância e variedade de recursos naturais do território rural que lhe é contíguo (Pereira 2003).

O equilíbrio entre campo/cidade é destabilizado com o fenómeno de industrialização que marcou o século XX. No contexto rural português, ocorreram uma série de mudanças socioeconómicas que se devem à implantação de um modelo de produção agrícola nos anos 60. Caracterizado pela produção concentrada e especializada, associada a economias de escala, veio inviabilizar a continuação da estrutura tradicional de produção, baseada em redes familiares (Costa and Viegas 1998). O novo modelo de produção impôs-se assim às formas de produção tradicionais e veio, consequentemente, alterar drasticamente a forma de vida das comunidades que as praticavam que não tiveram alternativa senão acompanhar os progressos do mundo moderno.

Pode-se dizer que no panorama geral, o território saloio foi uma exceção, já que a proximidade que mantinha com uma grande cidade – Lisboa – permitiu ao saloio um contacto com o meio urbano e com as novas atividades do mundo moderno, sem prescindir totalmente dos seus tradicionalismos. Enquanto a cidade crescia, aumentando as suas externalidades negativas, no território rural saloio os efeitos da modernização viam-se retardados. Tudo isto potenciou a criação de um simbolismo sobre o mesmo, que remete para o regresso nostálgico à natureza e às tradições



## 2. Território Saloio.

Apesar de contraditório, pode-se dizer que foi a cidade que possibilitou a conservação de certos valores associados à cultura rural saloia. Nas zonas mais próximas da cidade, o saloio conseguiu aderir ao mercado de trabalho inerente à cultura moderna, e ao mesmo tempo continuar ligado à Terra, pois através de movimento pendulares – diários ou semanais – conseguia manter as atividades agrícolas a tempo parcial. Além disso, esta proximidade com o território saloio permitia a venda de produtos frescos vindos da zona rural, mais valorizados na cidade.

Se por um lado o território saloio apresentava um forte índice de população ligada à indústria e serviços, bem como um elevado nível de modernização nas áreas da agricultura e pecuária, por outro, manteve durante muito tempo certos arcaísmos referentes à cultura tradicional (Gaspar 1993). *O convívio do saloio com a cultura urbana e mesmo com o mercado do trabalho urbano, permite-lhe um diálogo sem assimilação ou integração*<sup>4</sup>, que retardou o processo de enfraquecimento da cultura tradicional.

Paralelamente, a zona rural tornava-se mais desejada pelos cidadãos, como escape às externalidades negativas da cidade. É o contraste, entre cidade - que se encontra cada vez mais sujeita às consequências negativas do desenvolvimento moderno -, e campo - que ainda reserva os seus valores culturais e naturais – que potencia a *consolidação de um designativo por parte da população urbana, que o rural assume e até valoriza*<sup>5</sup>.

*A terra saloia representou sempre a satisfação de uma série de ansiedades míticas: o ar puro, a água límpida e leve, a comida viva e abundante, o vinho puro e inofensivo do lavrador – o quadro de prazeres simples e naturais*<sup>6</sup>.

Este simbolismo resistiu até ao tempo atual, e veio influenciar no surgimento de novas atividades que a sociedade contemporânea veio a instalar no território, nomeadamente as que dizem respeito à recreação e lazer, com incidência no turismo nas zonas privilegiadas – centros históricos, praias e paisagem natural protegida. No restante território, verifica-se o gradual desaparecimento da tradição agrícola e a sua substituição por uma forma de ocupação inerente à vida urbana, onde os habitantes, *desfrutando ainda de alguma pureza ecológica, beneficiam simultaneamente de um quadro de vida que inclui condições urbanas*<sup>7</sup>.

A visão pitoresca do campo - enquanto lugar de recreação e lazer - que veio substituir a visão utilitarista, aliada à instalação de uma população com padrões de vida urbanos, resulta no aparecimento de novas *percepções e representações de mundos trocados*<sup>8</sup> – rural e urbano. Assim, se por um lado se dá o crescimento de atividades turísticas – lazer e recreação -, que fazem uso do simbolismo associado ao território, por outro assiste-se ao decréscimo das atividades produtivas locais, associadas à cultura tradicional que está na base desse mesmo simbolismo.

---

<sup>4</sup> Gaspar, Jorge. 1993. *Território Dos Saloios*. Sintra, p.13

<sup>5</sup> Ibidem, p.14

<sup>6</sup> Ibidem, p.15

<sup>7</sup> Costa, António Firmino da and José Manuel Leite Viegas. 1998.

<sup>8</sup> Covas, António and Maria das Mercês Covas. 2012. *A Caminho Da 2ª Ruralidade*. edited by F. Mão de Ferro. Lisboa, p.121

## A procura de uma cultura rural contemporânea.

No panorama geral da região saloia, assiste-se a um processo de perda da cultura tradicional agrícola, que teve início com a Revolução Industrial do século XX. Existe um sentimento de nostalgia de querer voltar ao passado, e a tradição é mantida na memória coletiva através da sua representação em museus, feiras e festas saloias. No entanto esta já não é praticada, e por isso é ausente de significado.

A estrutura tradicional agrícola é inviável no contexto da sociedade moderna, e por isso a procura de uma cultura rural que se insira no contexto contemporâneo implica a visão de novas perspetivas e possibilidades. Neste âmbito, é relevante referir os conceitos de Covas & Covas (2012) sobre a multifuncionalidade do espaço rural.

A atividade agrícola não deixa de ser uma forte presença no meio rural, e é de facto essencial ao seu desenvolvimento. No entanto, nem o modelo tradicional de agricultura de subsistência, nem o modelo de monocultura fruto da modernização da atividade, são viáveis para um desenvolvimento sustentável. O primeiro, porque a agricultura deixou de ser a atividade estruturante da sociedade e torna-se economicamente inviável. O segundo, porque é um método de produção que impossibilita a biodiversidade ecológica, e consequentemente fechado à criação de outras atividades humanas integradas no contexto do território. Assim, além de pôr em causa a sustentabilidade ecológica, é contraditório com o desenvolvimento da cultura local. Torna-se necessário modernizar a atividade agrícola no sentido da sua biodiversidade. Esta modernização só é viável se o meio rural for encarado como espaço de múltiplas funções onde, a atividade agrícola *deixa de ser a dimensão organizadora dos sistemas e práticas económicas, sociais e culturais*<sup>9</sup>, e passa a ser uma atividade revalorizada por um *conjunto de medidas agroambientais e de valorização da paisagem*<sup>10</sup>. Ou seja, a ruralidade contemporânea deve ser fundamentada no desenvolvimento de práticas que comportem a vertente ambiental e de produção, associadas à função recreativa do espaço rural. Esta, por sua vez, beneficia do quadro de qualidade ambiental, paisagística e cultural, implícitos nas funções de produção e conservação ecológica.

---

<sup>9</sup> Costa, António Firmino da and José Manuel Leite Viegas. 1998. *Portugal, Que Modernidade?* Celta Edit. Oeiras, p.357

<sup>10</sup> *Ibidem*





2. Tradição agrícola e refúgio natural.

4. Paisagem do território.

Apesar do gradual enfraquecimento da cultura rural de base agrícola, o território em questão conserva ainda as características ecológicas que o tornam apto para esta atividade, e que justificam a sua integração na Reserva Agrícola Nacional – RAN. Salienta-se uma importante área de utilização agroflorestal, denominada por *Norte Agroflorestal* (Anon 2001), que engloba os concelhos da faixa Norte da AML. Esta zona é caracterizada pelo uso dominante para produção agrícola, com incidência na produção hortofrutícola diversificada.

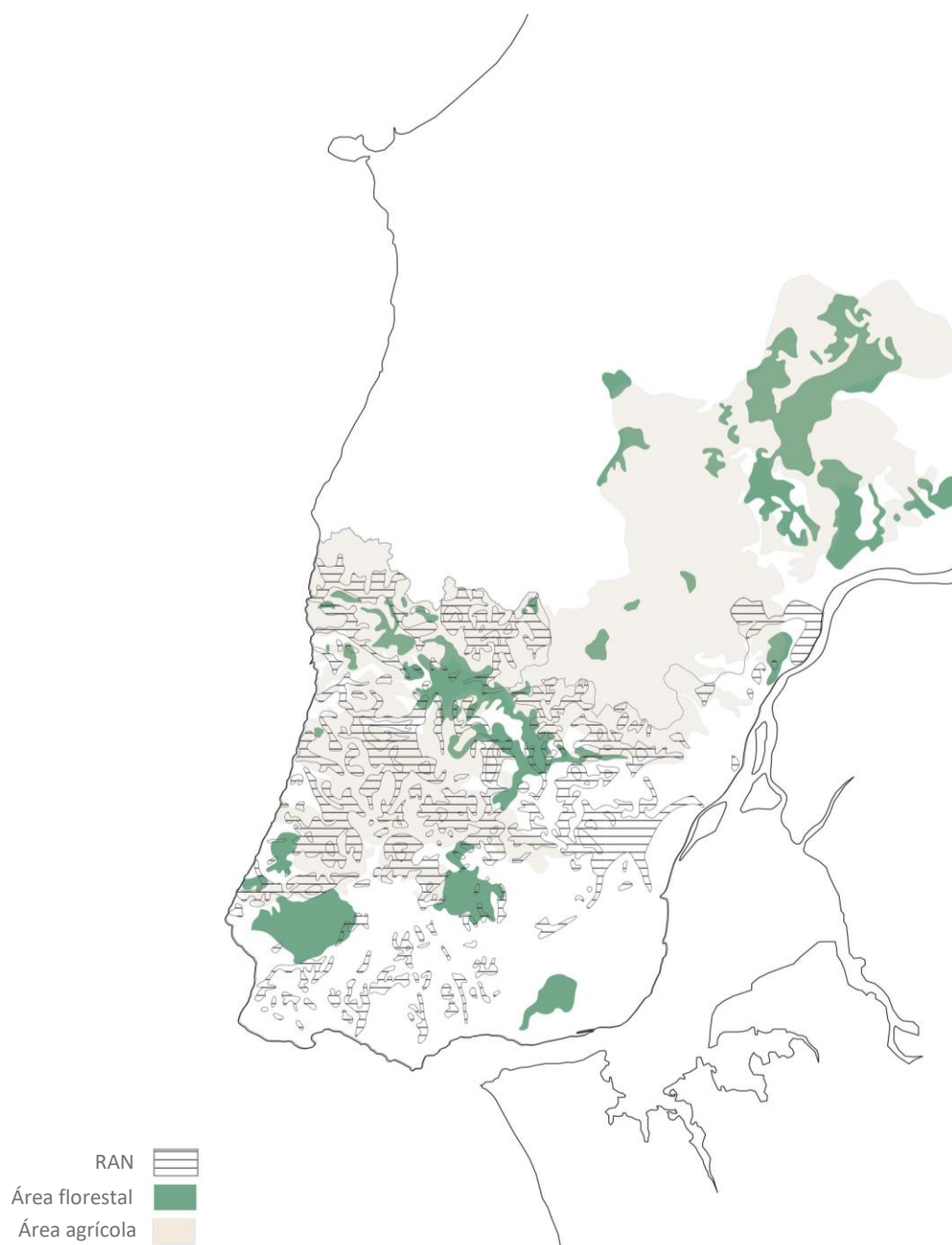
Além de constituir um importante recurso agrícola, o território apresenta uma riqueza da paisagem natural que é consequente da sua diversidade morfológica. Entre a Serra de Sintra, que se destaca na paisagem pela sua altitude, e os baixos-relevos ao redor da vila de Mafra, encontram-se as plataformas de zonas planas encaixadas numa abundante rede hidrográfica. Esta área está integrada na Reserva Ecológica Nacional (REN) e podem ser aí identificadas uma série de áreas nucleares de conservação da natureza<sup>11</sup>, com a evidência do Parque Natural Sintra-Cascais, que tem um carácter excecional por ser uma área classificada.

Apesar do ritmo acelerado a que se processou a ocupação dos arredores da cidade, a região saloia conserva ainda áreas de inegável valor ecológico e paisagístico, reconhecidas nos instrumentos de gestão territorial, e constitui ainda um importante recurso agrícola. Pode-se assim dizer que os “mitos” sobre o território saloio, enquanto refúgio natural e de local de tradição agrícola, são ainda uma realidade. A presença destas qualidades constitui uma oportunidade e uma necessidade, para a revitalização com base nos conceitos de biodiversidade e multifuncionalidade do espaço rural.

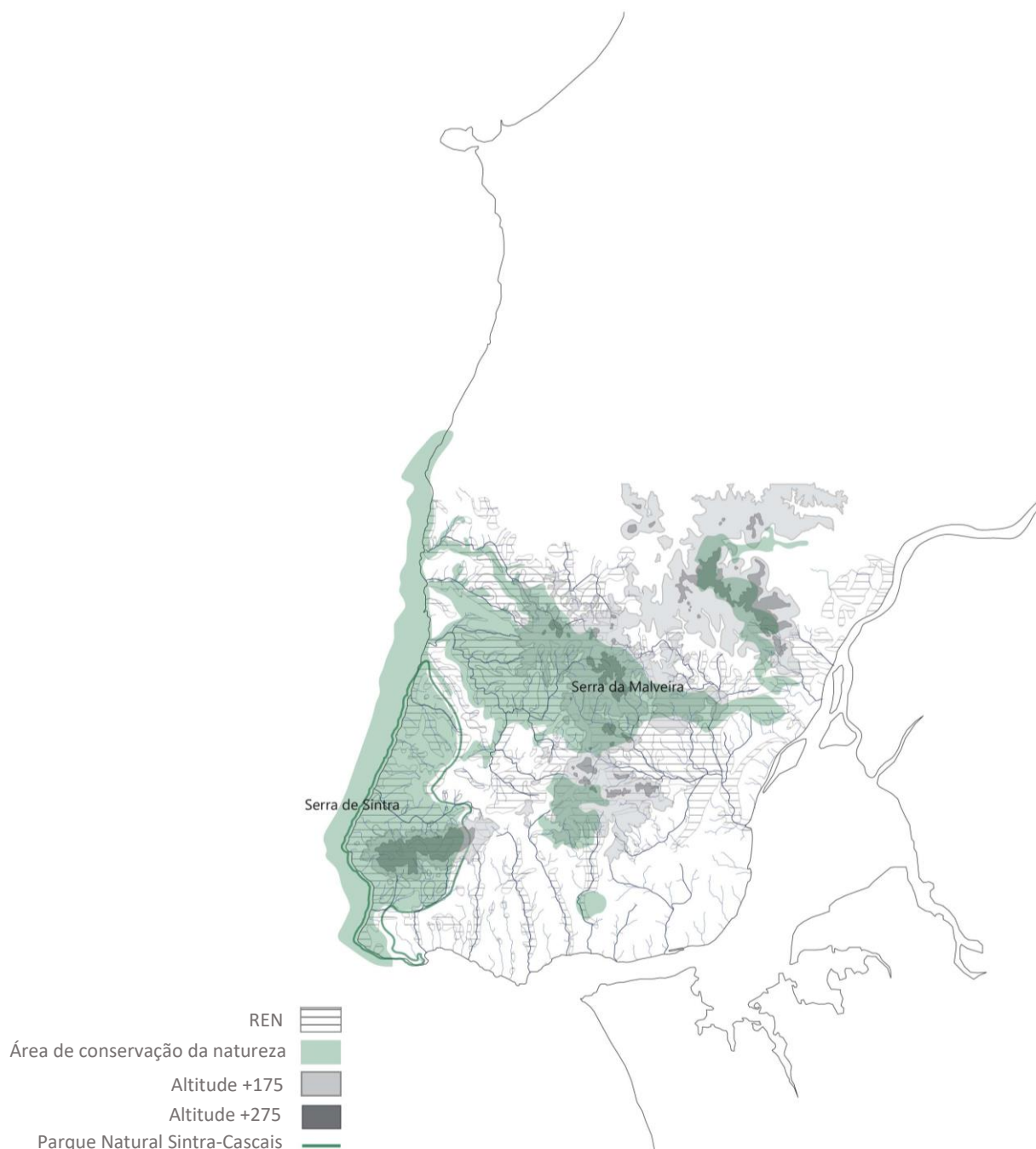
O caso prático – Aldeia de Broas – constitui uma oportunidade de procura de uma nova forma de habitar o espaço rural, assente no objetivo de restabelecimento da ligação Homem-Natureza e na regeneração da cultura local.

---

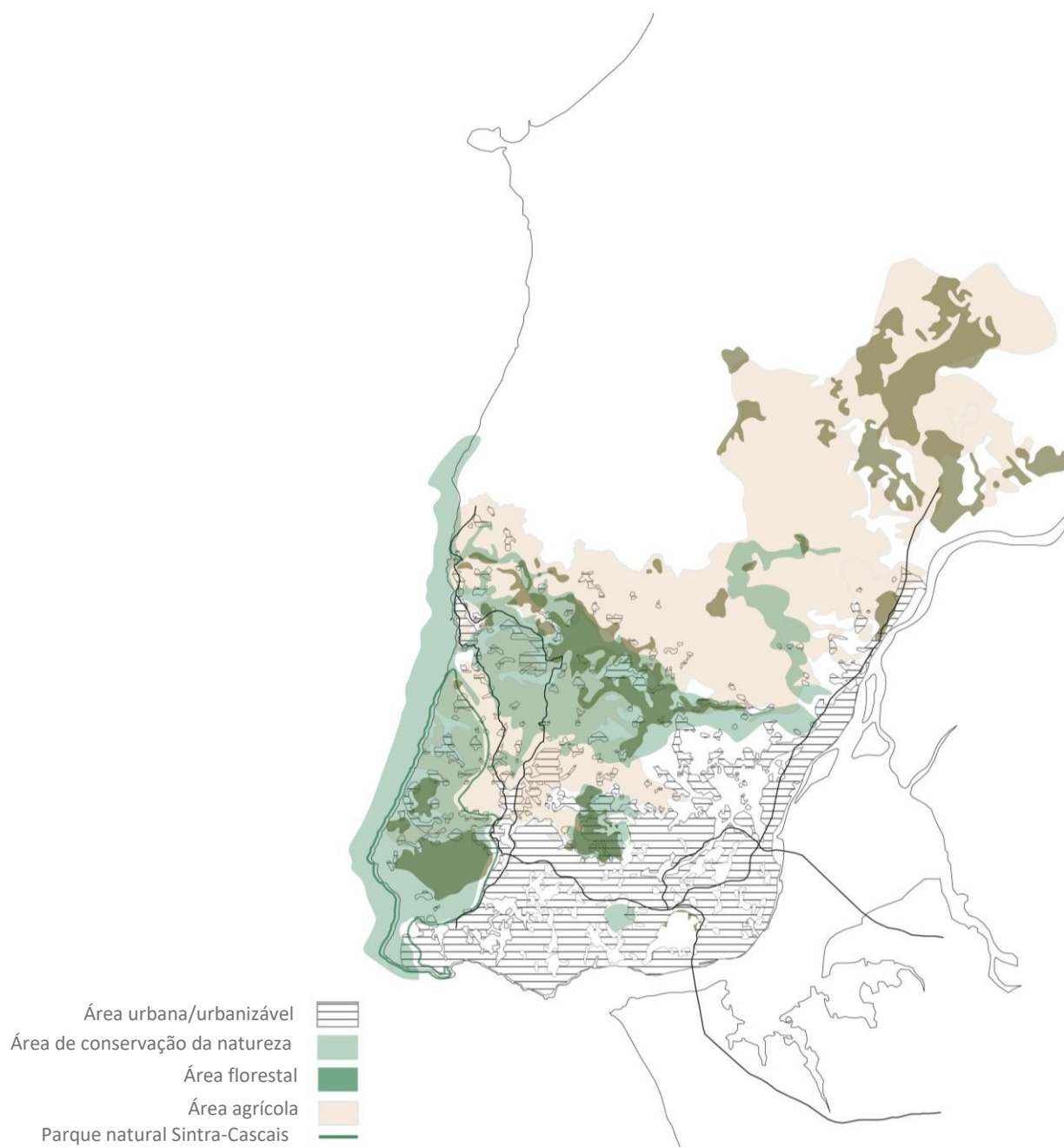
<sup>11</sup> Constituem a *rede básica de áreas naturais ou semi-naturais cuja protecção deve ser assegurada de modo a manter a diversidade e riqueza do património natural da AML* (Anon 2001)



**6. Diversidade e qualidade natural.**  
Área de prioridade de conservação/principais serra/  
rede hidrográfica.



7. Norte agroflorestal. Áreas de uso agrícola e florestal.



## 6. Território rural a preservar.

A expansão urbana e áreas naturais/atividades agroflorestais

## 02. Entre Sintra e Mafra ainda existe uma Aldeia.

Entre Sintra e Mafra existe um território de tradição rural. Ao longo do percurso que articula estas duas centralidades, nasceram pequenas comunidades de integradas numa estrutura de tradição agrícola.

Na paisagem pré-industrial, ainda era possível constatar o carácter próprio do território rural, onde *as modestas casas saloias da moda velha*<sup>12</sup> eram o elemento marcante da paisagem.

Constata-se agora que, a essa paisagem tipicamente rural, foi sobreposta uma nova forma de ocupação consequente das transformações funcionais do território. Ao lado da casa saloia surgem novas construções desenraizadas e descaracterizadas fruto da rutura com a cultura tradicional.

---

<sup>12</sup> Dionísio, Santana and Raúl Proença. 1924. *Guia de Portugal. Biblioteca*, p.566





7. | 8. Ruína e descaracterização da paisagem rural.

## A Aldeia de Broas

Apesar da generalizada desordem da paisagem humanizada deste território, e implantada numa das «boroas»<sup>13</sup> que se erguem nas vertentes da Ribeira de Cheleiros, permanece intocada uma aldeia que tomou o nome da sua condição geográfica (Ribeiro, Cabral, and Nunes 1986).

Sabe-se desta aldeia que estaria integrada na sociedade rural agrícola pré-industrial desta região. As suas referências mais antigas remontam o século XVI (Museologia 1986), e existem registos de que em 1950 a Aldeia de Boroas<sup>14</sup> teria cerca de 25 habitantes, entre seis a sete famílias (Filipe 2001). A casa mais recente data o ano de 1888 (Museologia 1986).

Quando ocorre o fenómeno da industrialização, surgem as transformações que mudam drasticamente a estrutura social e económica dos saloios (Gaspar 1993), e que se refletiram no habitantes de Broas, com o gradual abandono da aldeia.

Ao contrário de outros pequenos aglomerados daquela zona, a aldeia de Broas não foi alvo de modernização, e os seus habitantes não encontraram ali as condições necessárias à satisfação dos novos padrões de vida.

O esquecimento da aldeia por parte da sociedade moderna poderá ter a sua causa na posição geográfica – junto à Ribeira que separa Sintra e Mafra -e que causa incertezas quanto à sua dependência administrativa<sup>15</sup>. Perto de Cheleiros, mas com a barreira física da ribeira e do declive acentuado do monte onde se situa, a comunicação com o mundo exterior torna-se difícil, e o perto torna-se longe.

Inacessível e entregue ao esquecimento por parte das autarquias, não oferece um futuro promissor às novas gerações que, pouco a pouco, a abandonam.

---

<sup>13</sup> Corcovas dos montes

<sup>14</sup> Nome que deu origem à Aldeia de Broas

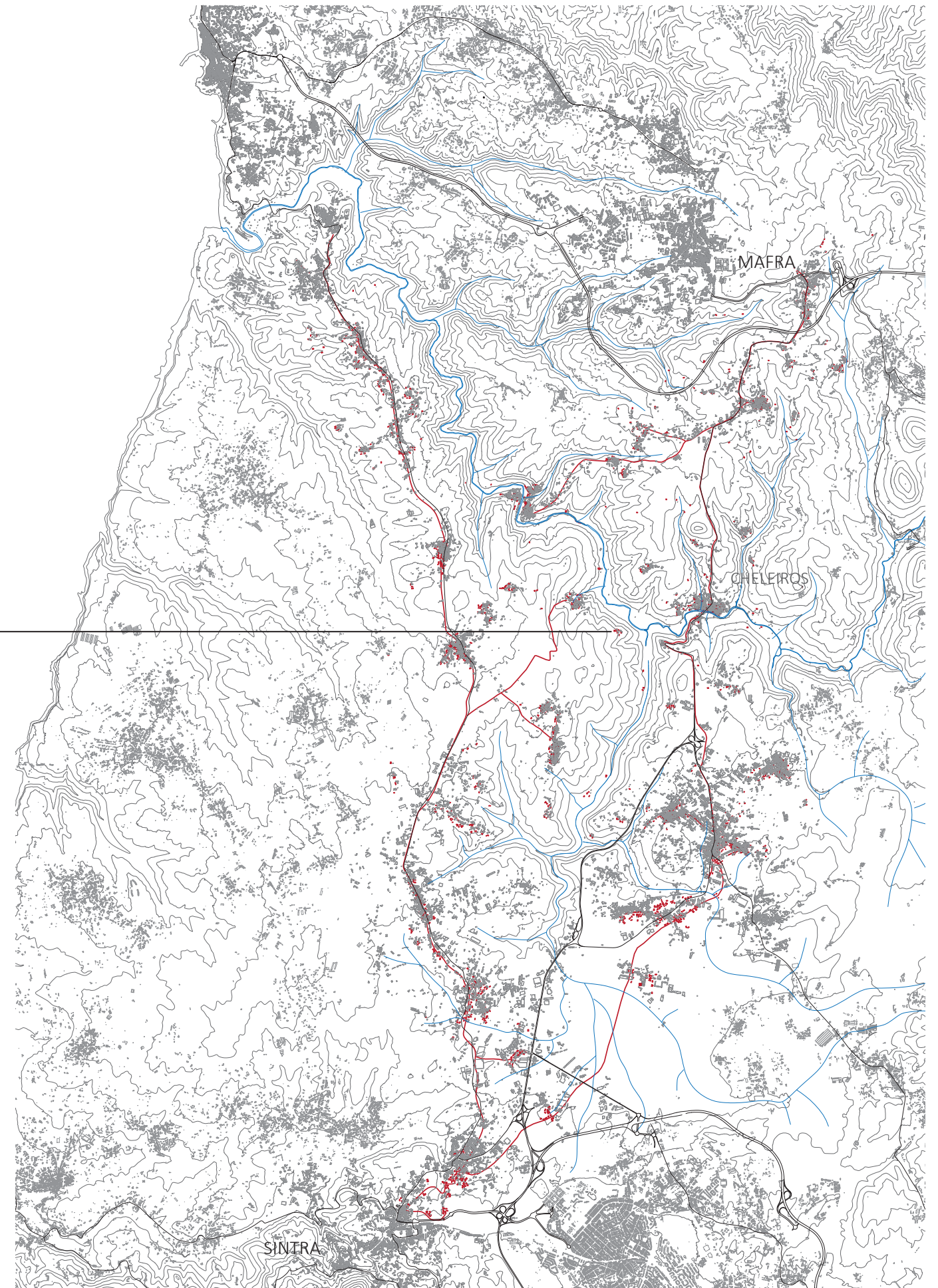
<sup>15</sup> Um marco geodésico encontrado no local indica que em 1805 a aldeia pertencia já a Mafra (Filipe 2001), no entanto em 1834 é definida a linha de divisão dos municípios que coloca a aldeia entre os dois concelhos (Peres 1996).





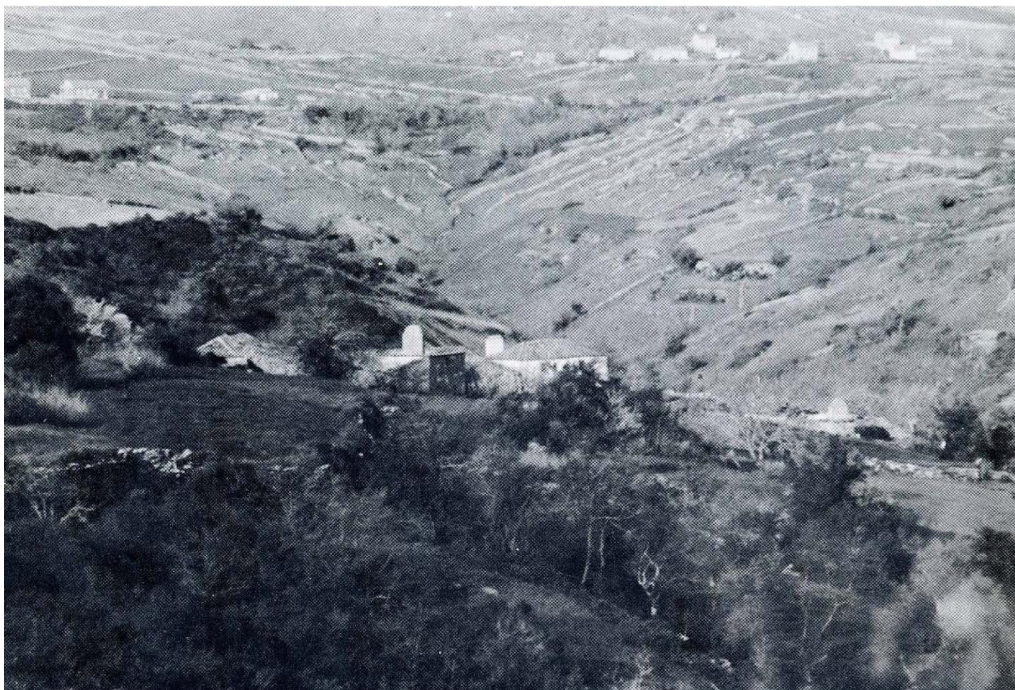
**11.** Ocupação rural tradicional. Acessos Sintra-Mafra e edificado, segundo a Carta Militar de Portugal de 1941

ALDEIA DE BROAS



**12.** Evolução da ocupação do território rural. Sobreposição da ocupação tradicional ao edificado e vias actuais



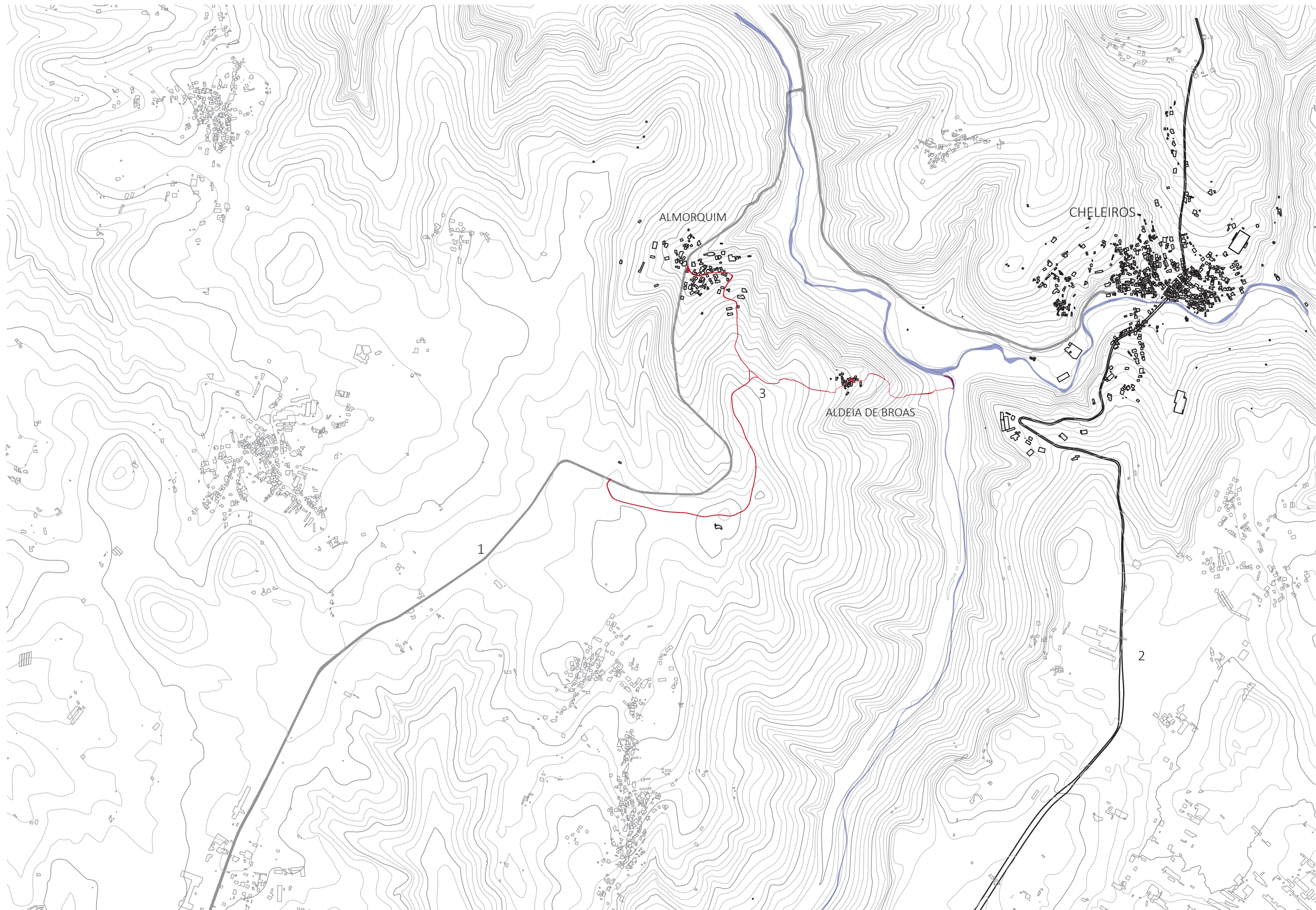


**9. Aldeia de Broas**

*Fonte: Museologia, Associação Portuguesa de 1986*

**10. Vista para o Vale de Cheleiros**





15. Planta de localização

Ribeira de Cheleiros Vias de comunicação: 1- Estrada local 2- Ligação Sintra- Mafra 3- Caminhos de acesso à aldeia

## O novo contexto.

Atualmente, a aldeia permanece inabitada, e o tempo levou à sua apropriação por parte da natureza e da ruína. Isolada da civilização, é acessível apenas pelos caminhos que outrora suportaram a vida tradicional.

Esta sua nova condição confere-lhe um carácter excecional que suscita um interesse por parte do público em geral: surgem as denominações de “A Aldeia Fantasma” ou “As Ruínas de Broas”. A sua fama generalizou-se, e constitui agora um marco de passagem para caminhante da natureza, ou por quem procura as ditas ruínas.

O interesse pela aldeia passa também pelos seus *valores autênticos ainda subsistentes da arquitetura saloia* <sup>16</sup>. No colóquio APOM/85, é feita a recomendação para que se encontre uma solução intermunicipal, com vista à urgente aquisição, recuperação e revivificação museológica da aldeia abandonada (Museologia 1986).

A condição de isolamento, que de certa forma provocou a sua exclusão da sociedade moderna, foi também a que lhe conferiu o valor atual: não só como exemplar intocado da arquitetura vernacular – valor patrimonial -, mas também pelo novo contexto de ruína que veio transformar o significado do lugar.

---

<sup>16</sup> Museologia, Associação Portuguesa de. 1986. “Colóquio APOM/85 - Extracto Das Actas - Museus Da Região de Sintra.” in *Cadernos de Museologia*, edited by E. da C. M. de S. (Serviços Culturais). Sintra, p.23





11. | 12. | 13. | 14.

Aldeia de Broas na década de 80

Fonte: *Museologia, Associação Portuguesa de 1986*



**16.** Os caminhos para a aldeia. Interesse paisagístico.

**15.** Ruína como protagonista do espaço. Entrada principal da aldeia.

## A ruína e o valor do tempo.

O passar do tempo e o isolamento conferiram à aldeia uma nova forma de ser observada e vivida, onde a ruína é agora o elemento protagonista. Esta é a consequência da inevitabilidade do tempo – o tempo é incontrolável, assim com as transformações dinâmicas que lhe estão associadas. A degradação dos materiais levou ao estado de ruína, e esta apresenta-se como material de depósito do tempo, criador de um novo contexto do lugar.

Enquanto produto dos *efeitos do tempo*<sup>17</sup>, a ruína pode ser comparável ao encanto da *madeira em bruto que, com o passar dos anos, adquire uns laivos castanhos, e o aspeto da madeira emana então um certo encanto que acalma os nervos de forma estranha*<sup>18</sup>. Da mesma forma, a ruína evoca os efeitos do tempo e constitui agora um *elemento do belo*<sup>19</sup>.

A preservação da qualidade estética da ruína não está na sua cristalização, pois essa ação revela uma intenção em “parar o tempo”, o que é contraditório com o próprio tempo, inevitavelmente dinâmico.

O projeto “Librairie Avant-Garde” de AZL Architects, é um exemplo de reabilitação onde a presença da ruína é mantida na nova intervenção, através da criação de *uma estética contemporânea de continuidade*<sup>20</sup>.

O projeto de arquitetura recupera dois edifícios de adobe que estavam inativos, e adapta-os à função de livraria.

Enquanto as paredes de adobe são mantidas, o telhado tradicional – de telha cerâmica e treliças de madeira – é reinventado para se adaptar à nova função: a sua elevação permite a entrada natural da luz e da paisagem ao espaço de leitura. Esta intervenção mostra ser uma ação de continuidade de desenvolvimento de um modelo arquitetónico milenar. Assim, além de criar um contexto onde a dominância espacial são os **elementos portadores do tempo e da memória** – paredes e telhado – o projeto tem também a função de regeneração baseada na consciência cultural.

Os **novos elementos** – corredores no pátio e instalações interiores – são uma forma de adição industrializada e produzida, importante para a nova função contemporânea. A sua **forma pura** torna-os perfeitamente integrados nos edifícios pré-existentes.

A reabilitação das ruínas da Aldeia de Broas pressupõe uma ação arquitetónica de continuidade e regeneração, onde os novos elementos, também estes expostos às dinâmicas do tempo, detenham a capacidade de criar novos contextos e de se adaptar a futuras realidades. Em síntese, o projeto de reabilitação da aldeia de Broas pressupõe a valorização da ruína enquanto dominância espacial de uma nova estética/beleza, associada a uma ação de continuidade do modelo arquitetónico vernacular.

---

<sup>17</sup> Tanizaki, Junichiro. 1933. *O Elogio Da Sombra*. Relógio d'Água, p.26

<sup>18</sup> Ibidem, p.20

<sup>19</sup> Ibidem, p.26

<sup>20</sup> “Librairie Avant-Garde - Ruralation Library / AZL Architects.” Retrieved September 14, 2016 (<http://www.archdaily.com/790181/librairie-avant-garde-ruralation-library-azl-architects>).





17. | 18. Librairie Avant-Garde de AZL Architects  
*Fonte: <http://www.archdaily.com>*



### 03. (Re)Habitar a Aldeia.

#### Uma nova ponte em Cheleiros. Reinserção da aldeia no território.

##### Dinâmicas da ocupação tradicional. Ligação a Cheleiros

A comunidade que habitava a Aldeia de Broas estava inserida na sociedade pré-industrial de tradição agrícola que ocupava a região. A observação da fotografia aérea de 1957 confirma a existência do padrão de ocupação - mosaico rural <sup>21</sup> - típico desta região, denominado por paisagem compartimentada, e que se caracteriza pela abertura da mata para ocupação por pastos e agricultura. Obedecendo ao padrão de ocupação do território desta zona, os habitantes da aldeia detinham como principais atividades a agricultura e a pastorícia. E através destas podiam reger a sua vida socioeconómica quase inteiramente a partir do território envolvente.

A estrutura de vida agrícola potenciava uma certa autonomia, pois encontrava no território natural envolvente o seu meio de subsistência. No entanto, a Aldeia de Broas não estava isolada. Os habitantes da aldeia mantinham relações com o exterior, especialmente com deslocações a Cheleiros. Recorriam ali ao cemitério, à escola, mercearia, ao lagar de azeitona e eram ali feitas as trocas comerciais (compra e venda de animais) e tratados assuntos jurídicos (Monteiro 2015).

Por outro lado, também a aldeia era visitada: comerciantes ambulantes, a peixeira da Ericeira, o sapateiro, o senhor que arranjava painéis; o médico e o regedor quando necessário, deslocavam-se até à aldeia de cavalo. (Mantero 2007) A aldeia de Broas não vivia isolada. A organização socioeconómica baseada nas atividades produtivas locais, só era possível numa constante dinâmica de relação com o exterior.

Quando a estrutura da vida rural tradicional é desintegrada pelo surgimento formas de vida urbanas, a pequena aldeia desviada das principais vias de comunicação, vê-se fora do processo de modernização que o resto do território atravessava, e assim cada vez mais isolada da sociedade. A reintegração da aldeia, na sociedade contemporânea, passa pela sua articulação com as dinâmicas socioeconómicas do território, nomeadamente com a ligação com Cheleiros.

---

<sup>21</sup> Padrão que resulta da humanização da paisagem natural, com vista à produção de alimentos, à obtenção de materiais, ao abrigo e demais necessidades de quem nela trabalha (Magalhães n.d.:74).



Muros de pedra solta

Acessos à aldeia:

— Caminho Principal

— Caminhos Secundários

**19.** A aldeia e o território de influência. Padrão de ocupação tradicional.  
Fotografia aérea de 1957.

### Vale de Cheleiros: qualidade da paisagem natural e cultural

As barreiras físicas que separam a aldeia de Broas, de Cheleiros – a ribeira e a sua galeria ripícola, a vertente do monte onde cresce agora uma área de mata, e a zona agrícola entre as margens da ribeira –, e que até agora inviabilizaram a modernização dos acessos, indiciam uma articulação por meio de um percurso pedonal.

A sua viabilização justifica-se pela integração num território onde é evidente o interesse paisagístico: pela diversidade ecológica que se traduz numa série de contextos de paisagem; e pela existência de um património cultural que engloba, não só o património arquitetónico/arqueológico classificado, mas também o que se refere à ocupação de tradição agrícola.

Nos caminhos que articulam os cumes e a ribeira do Vale de Cheleiros, é possível experienciar uma série de ambientes e sensações. Dos altos dos montes, quase planos e de vista aberta e privilegiada, observa-se a plenitude do território, rendilhado de muros de pedra que separam os campos. Já no fundo do Vale, a galeria de vegetação ribeirinha, densa e frondosa, contrasta com a expansividade do cimo dos montes, pelo seu carácter fechado sobre si. A presença da água remete para a calma, todo o ambiente transmite serenidade; marca um tempo de pausa.

Explorar o vale de Cheleiros torna-se uma viagem a uma série de experiências, enriquecidas não só pela qualidade dos espaços naturais, mas também pelas marcas que os povos do passado lhe deixaram. O percorrer do território potencia o contacto direto com a natureza – vida - e a observação dos vestígios do passado – memória.





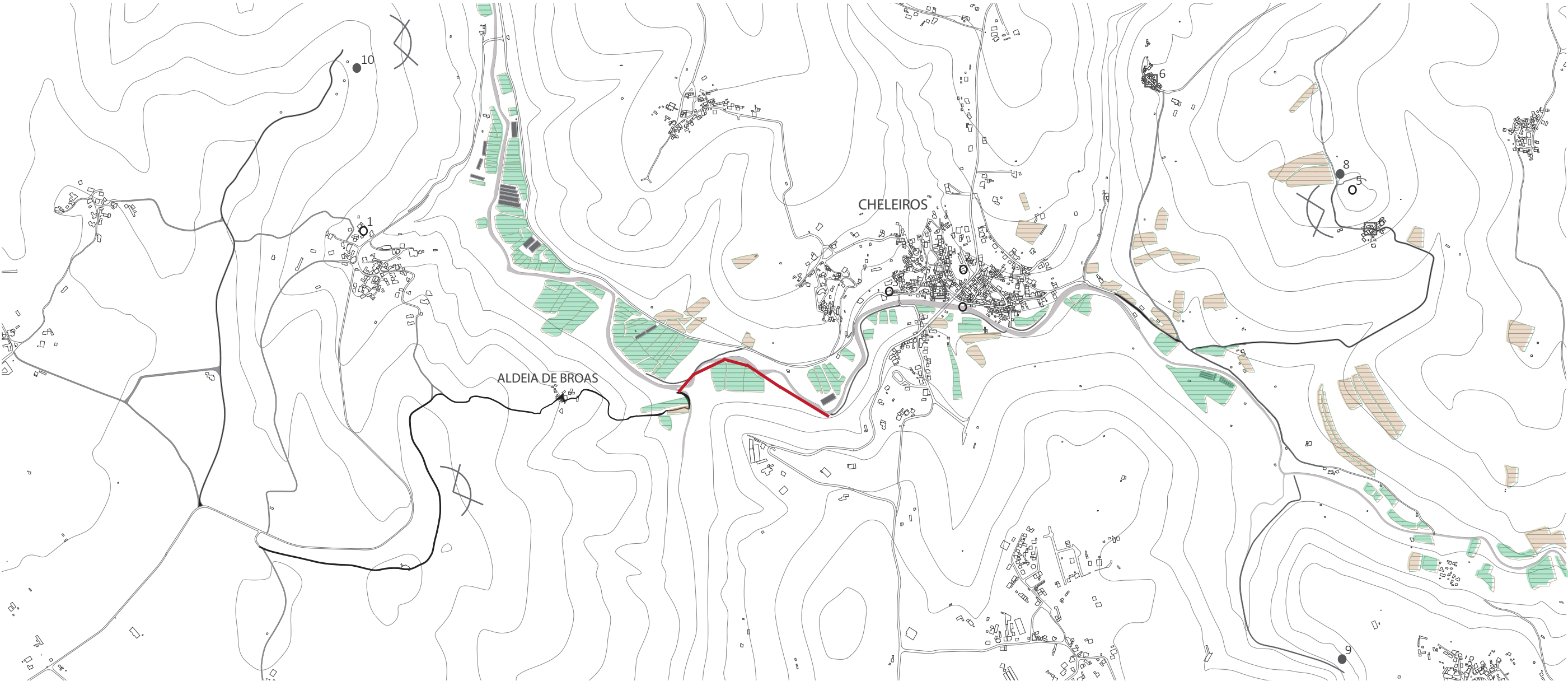
20. | 21. | 22. Diversidade paisagística na área do Vale de Cheleiros.





26. Cascatas de Anços  
27. Capela do Espírito Santo  
28. Vinha

29. Ponte antiga de Cheleiros  
30. Penedo do Lexim



PATRIMÓNIO CLASSIFICADO

- 1- Ruínas de Odrinhas- Museu Arqueológico de Odrinhas
- 2- Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rocador
- 3- Capela do Espírito Santo

- 4- Ponte antiga em Cheleiros
- 5- Penedo do Lexim- achados arqueológicos

TURISMO RURAL

- 6- Turismo de habitação
- 7- Enoturismo

LOCAIS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO

- 8- Penedo do Lexim
- 9 - Cascatas de Anços
- 10- Caminho dos moinhos

ACTIVIDADE AGRÍCOLA

- Estufas
- Vinhas
- Culturas de regadio

PERCURSOS

- Caminhos existentes
- Proposta de um troço de ligação
- Vistas para a paisagem

23. Vale de Cheleiros: ocupação e percursos\_Proposta de um novo troço de ligação e atravessamento da ribeira

Tendo em conta os conceitos referidos para a revitalização do espaço rural, a função recreativa que se espera do Vale de Cheleiros é viável desde que integrada nas funções de produção e preservação. Nesse âmbito, é importante referir o território em questão apresenta condições excecionais para práticas agrícolas: como é verificado pela tradição agrícola predominante desde os a ocupação dos primeiros povos; e pela presença de solos de elevado valor ecológico que indicam solos férteis, em especial das margens da ribeira. Apresenta assim um território com as condições essenciais à reconversão agro-ecológica que é aliás, uma ação necessária dado o seu carácter prioritário de preservação ecológica.

É importante referir que começam a surgir interesses turísticos na região rural Sintra/Mafra – que normalmente estavam apenas direcionados para os centros históricos e zona de praias. No território do vale de Cheleiros nota-se essa tendência pela verificação da presença de turismo de habitação e albergues, bem como o desenvolvimento de enoturismo. Embora estes mercados, muitas das vezes, não assentem nos fundamentos de desenvolvimento da cultura local e ecologia – devido à sua visão pitoresca do campo - não deixam de ser uma forma de potenciar novos interesses e procura que, neste caso, poderão dar alguma visibilidade ao local.

Propõe-se assim o atravessamento da Ribeira de Cheleiros, bem como um novo troço de caminho que integre a aldeia nos caminhos existentes. O novo troço pedonal, ao beneficiar das qualidades paisagísticas do local, passa a ser uma forma de atracção, e a ribeira, que tem sido um elemento de fronteira, passa assim a ser uma forma de continuidade no território.

## Uma aldeia para a educação

Desde o início, que o presente trabalho de investigação revela intenções de uma **ação regeneradora da cultura local** – rural – que atravessa uma fase de crise materializada numa paisagem descaracterizada e desequilibrada.

Tendo em conta a linha de pensamento de Távora (1982), num meio em que se perdeu o equilíbrio entre Homem e a Terra, a educação é *o meio para integrar, unificar e reestruturar o caos em que o homem e a sociedade se encontram*<sup>22</sup>. Mas para atingir esta cultura comum, é necessário que a educação se faça por meio da **experiência e da colaboração**. Só assim é possível implantar a unidade de interesses que possibilita a vivência continuada da cultura de geração em geração.

O novo programa de usos para a aldeia de Broas tem como principal objetivo a investigação/educação através da sua prática – com a integração de atividades produtivas relacionadas com os ofícios e arte, agricultura e sustentabilidade, entre outros.

O objetivo de desenvolver, na aldeia de Broas, uma série de práticas que visam o desenvolvimento da cultura local, pressupõe uma força humana dinamizadora das mesmas. Torna-se assim essencial que, os novos habitantes partilhem desse mesmo objetivo: a de construção de uma realidade rural que ainda não foi suficientemente desenvolvida, e que necessita de ser explorada. Neste âmbito, é necessário referir a tendência de surgimento de um habitante do meio rural renovado. O Homem culto e consciente, que não tem as suas raízes no meio rural, mas que se interessa no mesmo – é muitas vezes um homem de duas culturas: urbana e rural. Assim, *o habitante da nova ruralidade é o homem itinerante, pendular, que se encontra em processo de construção, e por isso cada vez mais dedicado e conhecedor deste mundo rural – natural*<sup>23</sup>.

A localização da aldeia é também uma mais valia para a nova utilização proposta. Se de certa forma está isolada da civilização, envolvida por um território natural onde já se verificou a existência de uma qualidade paisagística que se tem vindo a perder noutras áreas da região, por outro lado beneficia da proximidade de grandes centros urbanos que tornam possível a sua visibilidade na sociedade e as trocas entre mundo rural e urbano.

Deste modo é possível posicionar a aldeia na rota dos viajantes, dos entusiastas pela natureza e atividades ao ar livre, dos procuram um refúgio do artificialismo do mundo moderno e dos que procuram conhecer uma cultura viva do meio rural, baseada em experiências enriquecedoras.

---

<sup>22</sup> Távora, Fernando. 1982. *Da Organização Do Espaço*. ESBAP. Porto, p.80

<sup>23</sup> Covas, António and Maria das Mercês Covas. 2012. *A Caminho Da 2ª Ruralidade*. edited by F. Mão de Ferro. Lisboa, p.122



## 04. A Reabilitação do Património Vernacular. Metodologia de Projeto.

### O problema da sacralização do património.

Os fenómenos de mundialização e normalização que a arquitetura e a reabilitação enfrentam hoje, têm como consequência *uma amnésia forçada, que se traduz numa perda da nossa competência de edificar (e reutilizar)*<sup>24</sup>. A rutura com os modelos tradicionais resulta numa arquitetura estranha ao Homem, e consequentemente descontextualizada da paisagem que este habita. Este corte com a tradição conduz à perda das práticas culturais e traduz-se, na sociedade contemporânea, num *anseio na procura de raízes*<sup>25</sup>. O desaparecimento da memória viva – relativa ao processo de transmissão do contexto local de interação social – faz com que a única forma de reaproximação com a tradição seja através da sacralização de objetos do passado.

Desde os anos 50 do século XIX que a maior parte dos países europeus consagram o monumento histórico (Choay 2005), e surge assim a ideia de património: *interpretação e representação pública do passado que veio substituir a história ou tradição (...); é o passado como ele nunca foi; nostálgico, acrítico, ahistórico...*<sup>26</sup>

Paralelamente dá-se uma expansão tipológica do património histórico, em que passam a ser valorizados e reconhecidos por novas disciplinas - como a etnologia rural e urbana – edifícios modestos relativos à arquitetura popular (Choay 2005).

*O património tornou-se uma apressada alternativa ao cinzentismo de um mundo cada vez mais monossómico.*<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Aguiar, José, Vítor Ribeiro, and Miguel Reimão Costa. 2014. "Reabilitar a Reabilitação E Continuar Inovando." *Archdaily*.

<sup>25</sup> Peralta, Elsa. 2008. *A Memória Do Mar: Património, Tradição E (Re)imaginação Identitária Na Contemporaneidade*. Universaid. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p. 94

<sup>26</sup> Peralta, Elsa. 2008. *A Memória Do Mar: Património, Tradição E (Re)imaginação Identitária Na Contemporaneidade*. Universaid. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.96

<sup>27</sup> Aguiar, José, Vítor Ribeiro, and Miguel Reimão Costa. 2014. "Reabilitar a Reabilitação E Continuar Inovando." *Archdaily*.



Em Portugal, a necessidade de revalorizar as tradições, face a uma Europa industrializada, faz-se sentir nos finais do século XIX, e concretiza-se através de um programa de tipo nacionalista e de afirmação da identidade portuguesa. Se por um lado se pretende mostrar uma imagem de estado ocidental moderno e grandioso, por outro existe a vontade de elogiar um Portugal rural, um país *humilde, feliz e dócil*<sup>28</sup> afastado dos malefícios da industrialização. Dá-se a *revalorização do que é nosso*<sup>29</sup>, e é associado o nacional ao popular – *o que é popular é nacional*.<sup>30</sup>

O espírito generalizado de redescoberta da ruralidade, traduz-se mais recentemente, em Portugal, num conjunto de ações dirigidas por políticas europeias de desenvolvimento local em meio rural. As políticas que o sustentam pretendem a preservação e valorização do património histórico, cultural, natural e paisagístico, e para tal procedem à patrimonialização dos recursos locais, colocando-os em serviço do desenvolvimento das atividades económicas e turísticas. (Ribeiro, Aguiar, and Costa 2012)

Esta atitude resulta num processo de transformação do território rural português: a atividade dominante já não é a produção de alimentos. No seu lugar, surgem as práticas materiais e simbólicas relacionadas com a sua preservação para aproveitamento turístico (Leal, 2008). Os projetos de turismo rural em Portugal assentam sobretudo a recuperação de casas rurais para este uso, e baseiam-se na valorização etnográfica da arquitetura popular. O património arquitetónico vernacular é assim promovido como parque temático para consumo turístico.

Este tipo de abordagem implica normalmente uma atitude cristalização das formas do passado, e traduz-se numa ação arquitetónica de «pastiche», que segundo Távora (1982) denuncia apenas a incapacidade de encontrar uma solução contemporânea.

---

<sup>28</sup> Bandeirinha, José António. 2011. "A Lição Da Ponte de Rio Onor." *Revista de Cultura Arquitectónica* 2, p. 129.

<sup>29</sup> Leal, João. 2008. "Arquitectos, Engenheiros E Antropólogos: Estudos Sobre a Arquitectura Popular No Século XX Português." In *Conferência Arquitecto Marques Da Silva*, p.20.

<sup>30</sup> *Ibidem*



**23.** Exemplo de reabilitação recente – casa para turismo de habitação em Mafra

**24.** Casa saloia em Mem Martins, Sintra  
*Fonte: Arquitectura Vernácula da Região Saloia – Enquadramento na Área Atlântica*

## O interesse renovado na tradição

O ambiente vivido em Portugal, numa época em que por um lado se anseia pela modernização, e por outro existe o receio de perder a tradição, reflete-se numa arquitetura com tendências opostas. Num extremo, o movimento nacionalista protagonizado por Raul Lino que, em *A Casa Portuguesa*, propõe *uma espécie de objetivação nacionalizadora da arquitetura popular portuguesa*<sup>31</sup> que constituiria não só a realidade existente, como também o programa arquitetónico. Paralelamente, e sobretudo após o Congresso de 1948, cresce a aderência dos arquitetos portugueses ao Movimento Moderno importado de países com realidades diferentes, e que por isso se viria a revelar ideologicamente vazio (Dias, 2015).

A consciência da lacuna de significado do Movimento Moderno, que surge no decorrer dos anos 50; e a reivindicação do modelo nacionalista – criticado por Távora no texto publicado em 1947, *O Problema da Casa Portuguesa* – manifestam-se na procura de um novo paradigma de reencontro com as raízes de tradição popular (Dias, 2015).

Neste contexto, é iniciado em 1955, O Inquérito da Arquitetura Popular organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos. No projeto encontravam-se nomes sonantes da arquitetura portuguesa – moderna - da época, entre os quais Fernando Távora, Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira, e teria como objetivo o estudo e registos da verdadeira arquitetura popular antes que desaparecesse.

Ao contrário das ideias da Casa Portuguesa - que considerava a arquitetura popular enquanto unidade nacional, o Inquérito afirma a diversidade regional e a existência da ligação entre o Homem e a Terra (Dias 2015). Verifica-se a tendência de relacionar a arquitetura com outras áreas científicas, nomeadamente na abordagem da Zona 1 (Minho, Douro Litoral e Beira Litoral), feita pelo grupo liderado por Fernando Távora, em que se faz a aproximação das formas de contruir com a História e a Geografia.

A associação da arquitetura vernacular à realidade em que foi construída, vem trazer a consciência que as suas formas são o resultado de uma sociedade em constante evolução e transformação, num território específico. Esta nova forma de ver as formas do passado vem facilitar a abertura a novas formas de diálogo entre a arquitetura moderna e arquitetura vernacular (Leal 2008).

Tal como a Casa Portuguesa, o Inquérito marca um dos momentos mais importantes na pesquisa sobre arquitetura popular em Portugal. Este projeto foi uma grande influência na reestruturação da Escola do Porto, e permitiu o enraizamento de uma nova metodologia que incentivava os alunos ao trabalho de campo e na tomada de conhecimento na realidade social do país, *de modo a que a tradição construtiva fizesse parte integrante e operativa do desenho de projeto*<sup>32</sup>. Esta era a base de uma nova arquitetura pensada por Távora que, com um interesse renovado pela arquitetura vernacular, *procurava uma forma de manter a modernidade sem recusar a procura da autenticidade da tradição portuguesa*<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> Leal, João. 2008. "Arquitectos, Engenheiros E Antropólogos: Estudos Sobre a Arquitectura Popular No Século XX Português." In *Conferência Arquitecto Marques Da Silva*, p.24

<sup>32</sup> Dias, Olga Filipa Pereira. 2015. "O Encontro Da História Com a Forma Arquitectónica -Memória E Cultura Portuguesa Na Arquitectura de Alexandre Alves Costa E Sergio Fernandez." FCTUC, p.74.

<sup>33</sup> *Ibidem*

## A ruína como matriz para o projeto de intervenção: A Casa de Pardelhas.

O projeto da Casa de Pardelhas (1994-1999) insere-se no contexto das intervenções de reabilitação do património, desenvolvidas por Fernando Távora, no período entre os anos 70 e 90 (Cotter 2013), onde este coloca em prática os seus princípios sobre o valor da arquitetura vernacular. O trabalho desenvolvido no Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa, confere-lhe um conhecimento das arquiteturas vernaculares que lhe permite consolidar o trabalho em Pardelhas.

Do conjunto agrícola que constitui a Casa de Pardelhas, ficaram intactas as paredes de granito que constituem a ruína, e que vão ser o ponto de partida para o desenvolvimento do projeto de reabilitação.

A valorização do passado reflete-se na metodologia de projeto desenvolvida por Távora, que se baseia no uso da pré-existência enquanto matriz para o desenvolvimento de uma nova intervenção. Este método implica um processo de interpretação da ruína, que possibilite o entendimento da lógica e natureza das formas do passado.

*O primeiro exercício era perceber qual era a lógica, qual era a qualidade dos espaços, o que era fundamental e o que se podia acrescentar*<sup>34</sup> tendo em conta o novo programa: uma casa de férias para uma família.

As decisões de projeto foram baseadas nos indícios que as ruínas apresentavam. Por exemplo, o pavimento e forno de pedra que a cozinha apresentava, confere-lhe um carácter próprio e distinto dos outros espaços, que torna empírica a sua utilização para o mesmo uso. O mesmo aconteceu com o alpendre e o volume suspenso, onde a presença de cachorros para receber as vigas de madeira, determinou a sua realização. *Para Távora (...) esta intervenção foi muito simples porque foi ler os indícios*<sup>35</sup>.

A primeira fase do projeto passa assim pela leitura da ruína e o entendimento do seu carácter; perceber qual a dinâmica dos espaços, as relações entre eles, e como o novo programa por ser adaptado.

---

<sup>34</sup> Pacheco, Pedro. *Entrevista a Pedro Pacheco*. Lisboa, 4 de junho 2010 in Cotter, Ana Berkley. 2013. *Casa Em Pardelhas - O Desenho de Fernando Távora Na Arquitectura Popular*, p. 112.

<sup>35</sup> Ibidem, p.106

### Ler a ruína. O carácter dos espaços

Integrada na região montanhosa de Vila Nova de Cerveira, a Casa de Pardelhas estava associada a uma vida agrícola de tradição serrana. Assim, grande parte das construções que a constituem estariam destinadas ao uso relativo à produção e trabalho: as lojas onde se guardava o gado, o sequeiro, o lagar, a casa da eira e dois espigueiros. De facto, o único espaço dedicado à habitação resumia-se a um primeiro piso em cima de lojas, onde existia uma sala-quarto que se estendia para a cozinha num único compartimento (Cotter 2013).

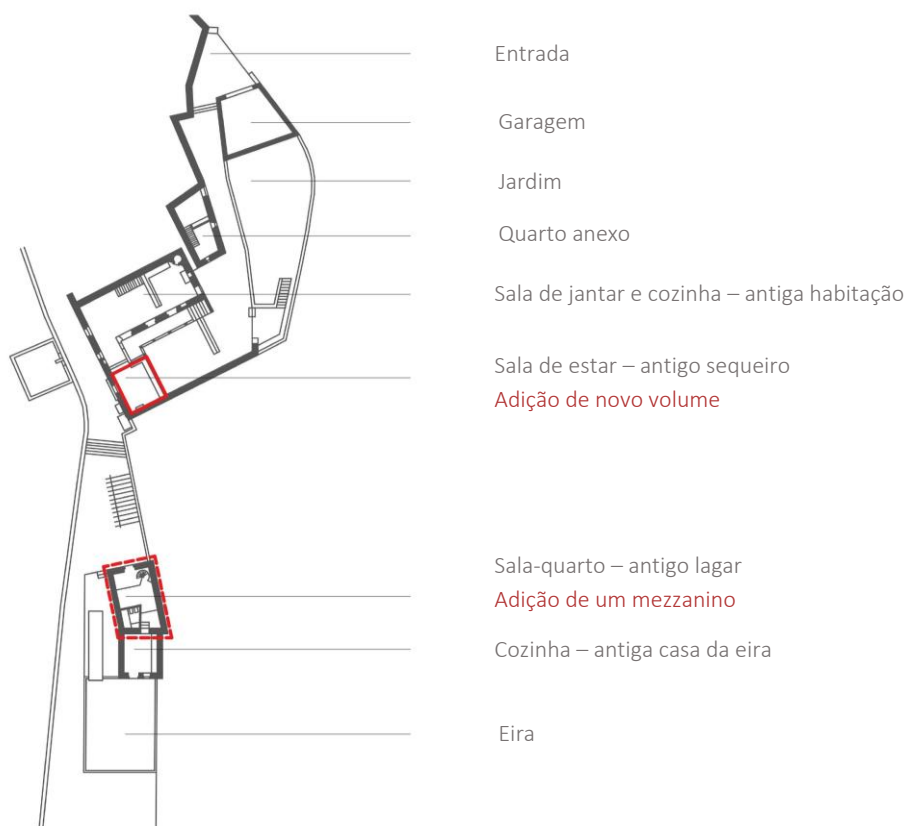
O protagonismo deste espaço no lugar mais solarengo do conjunto, a existência do pavimento de lajes de pedra na cozinha, a sua natural ligação com o espaço de sala, tornam evidente a sua reapropriação para os mesmos usos. Enquanto esta área nobre se destina à utilização comum, às lojas, de carácter secundário, é destinada a utilização de quarto – espaços que necessitam de maior intimidade.

A hierarquia dos espaços e das suas funções revela-se também entre os edifícios que compõem o conjunto. No edifício contíguo à eira, distanciado do núcleo principal, e aproveitando a sua posição isolada, foi criada *uma espécie de casa independente com acesso direto ao largo*<sup>36</sup>, com uma cozinha, uma sala/quarto e uma casa de banho.

O conjunto é articulado por percursos que confluem para pátios exteriores, propícios ao encontro e concentração, e que por sua vez fazem o acesso às divisões interiores. As entradas são de carácter informal, na medida em que são feitas a partir de corredores exteriores ou pátios – que funcionam como mais uma divisão da casa. A intenção em manter certos aspetos relativos à natureza essencial dos espaços determina, não só a sua função, mas o tipo de ação interventiva a tomar, de modo não interfira com o seu carácter, mas pelo contrário, permitir a sua valorização.

---

<sup>36</sup> Pacheco, Pedro. *Entrevista a Pedro Pacheco*. Lisboa, 4 de junho 2010 in Cotter, Ana Berkley. 2013. *Casa Em Pardelhas - O Desenho de Fernando Távora Na Arquitectura Popular*, p. 112.



25. A intervenção. Planta Piso 0.



31. Organização funcional do espaço.

## Integração da linguagem arquitetônica contemporânea

Távora fazia a sua interpretação da pré-existência com *grande consciência sobre o valor da história, mas também com uma grande liberdade*<sup>37</sup>. A opção de integrar novos volumes nas ruínas de Pardelhas reflete *uma posição sem fundamentalismos no diálogo que se estabelece com as pré-existências liberdade*<sup>38</sup>.

Tanto na ampliação do antigo sequeiro adossado à casa principal, como no mezanino colocado na casa anexa, sobressai da pedra a linguagem arquitetônica contemporânea. O alçado destes novos volumes chama a atenção pela implementação de materiais diferentes: as construções leves em madeira com grande área de envidraçado, **contrastam** com a rudeza e solidez das paredes de granito.

Ainda assim, estas intervenções estão perfeitamente **integradas** na linguagem da arquitetura popular. O equilíbrio elas e o existente, conferem a sensação de continuidade entre a linguagem arquitetônica do passado e a contemporânea.

No novo volume para a sala de estar - evidenciado do conjunto por estar suspenso – verifica-se um desenho das carpintarias que respeita a proporção do conjunto: *a reduzida dimensão das janelas desta fachada é coerente com a dos vãos pré-existent*s (Cotter 2013, p.104), e a transposição do ritmo das colunas do alpendre para a nova fachada proporciona a continuidade da linguagem arquitetônica. Os telhados têm um papel importante em conferir ao conjunto a impressão de unidade.

---

<sup>37</sup> Pacheco, Pedro. *Entrevista a Pedro Pacheco*. Lisboa, 4 de junho 2010 in Cotter, Ana Berkley. 2013. *Casa Em Pardelhas - O Desenho de Fernando Távora Na Arquitectura Popular*, p. 138.

<sup>38</sup> *Ibidem*



**26.** O mezanino. Intervenção por adição de um novo volume  
*Fonte: Casa em Pardelhas – O Desenho de Fernando Távora na*  
*Arquitectura Popular, 2013*

**27.** Integração na pré-existência. Proporção e forma  
*Fonte: A reabilitação como procura de uma identidade através de*  
*duas obras do arquitecto Fernando Távora: a Casa da Quinta da*  
*Cavada e a Casa de Pardelhas, 2013*



Na Casa de Pardelhas verifica-se uma relação entre as formas contemporâneas e a ruína que dá a impressão do que foi introduzido já lá poderia ter estado. A integração dos novos volumes nas ruínas de pedra - inerentes a uma arquitetura vernacular, de natureza espontânea – só é possível se os sistemas construtivos se identificarem com a diversidade de situações e forem adaptáveis a cada uma delas. Assim, o saber construtivo é essencial para um resultado em equilíbrio com a pré-existência, que respeita a escala e as proporções.

Nesta forma de intervir na ruína, em que os sistemas construtivos são específicos a cada situação, implica uma relação mais direta entre o arquiteto e a obra. Távora adota uma metodologia diferente da habitual, onde o trabalho de atelier é em parte substituído por uma maior proximidade com o trabalho na obra, com o objetivo de manter a unidade do trabalho e articulação das várias áreas/artes da construção (Cotter 2013). A Casa de Pardelhas reflete uma metodologia de projeto fundamentada na continuidade da linguagem arquitetónica, onde o património é *simultaneamente um legado histórico que devemos cuidar, mas também representa o que nós lhe podemos acrescentar, dando-lhe continuidade*<sup>39</sup>.

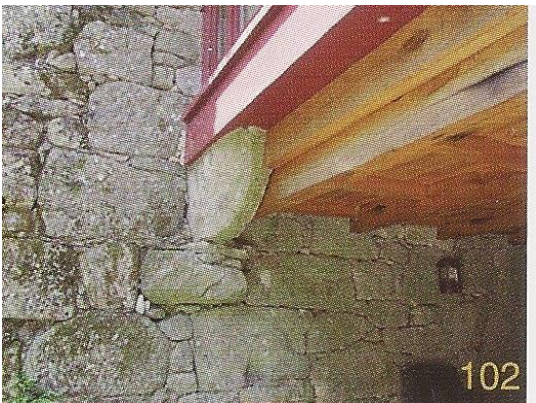
A intervenção na Casa de Pardelhas vem servir de exemplo de aplicação do pressuposto de continuidade da arquitetura que, como foi referido anteriormente, é o principal objetivo do caso prático de reabilitação da presente investigação. Assim, do estudo deste exemplo de reabilitação, são retiradas as seguintes “lições” para a intervenção na Aldeia de Broas:

- 1) A leitura da pré-existência é feita no sentido de entender a essência dos espaços, as suas qualidades próprias e potencialidades para uma nova utilização.
- 2) A integração nas novas formas na pré-existência deverá respeitar questões de proporção e ritmos existentes, de forma a proporcionar o equilíbrio das formas. Para isso, é essencial uma arquitetura integrada, que inclua métodos construtivos adaptáveis ao carácter irregular/circunstancial que este tipo de obra implica.

Embora a natureza teórica deste trabalho não permita a verdadeira aplicação do método de projeto localizado e integrado, o objetivo é encontrar uma solução arquitetónica que possibilite este tipo de abordagem.

---

<sup>39</sup> Pacheco, Pedro. *Entrevista a Pedro Pacheco*. Lisboa, 4 de junho 2010 in Cotter, Ana Berkley. 2013. *Casa Em Pardelhas - O Desenho de Fernando Távora Na Arquitectura Popular*, p. 138.



**28.** Adição de um novo volume de sala. Continuidade da proporção e ritmo.  
*Fonte: Casa em Pardelhas – O Desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular, 2013*

**29.** Detalhes. Adaptação do método construtivo a cada situação.  
*Fonte: Casa em Pardelhas – O Desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular, 2013*

## 05. Leitura da pré-existência na proposta de reabilitação.

### A casa salaia como núcleo de referência. Lógica de crescimento por adição.

À primeira vista, a aldeia de Broas parece estar submersa pela vegetação que tende a cobrir os edifícios. O material construído, a pedra, tende a misturar-se com a natureza, de volta à sua origem. No entanto, entre este emaranhado de pedra e natureza viva, destacam-se uma série de edifícios, que teriam constituído as casas de habitação.

Estas evidenciam-se do conjunto de edifícios de pedra à vista, pelas suas paredes sólidas – argamassadas e rebocadas – com vãos emoldurados por cantarias, e em algumas delas ainda reservam os telhados tradicionais onde se destaca a chaminé.

Tendo em conta que as pré-existências estão inseridas no contexto de uma arquitetura vernacular regional, as habitações que as constituem obedecem a um esquema de organização que descreve a casa salaia: desenvolve-se a partir de um espaço de entrada térreo, a que se chama «casa de fora», e que por sua vez faz a ligação com a cozinha e quarto(s) (Fernandes and Janeiro 1990b).

Na «casa de fora» eram comuns as atividades domésticas relativas a trabalhos artesanais<sup>40</sup>, bem como o armazenamento dos bens da família<sup>41</sup>, e ocasionalmente eram servidas refeições<sup>42</sup>. Aqui o salão guarda as recordações de família e bugigangas na buraca<sup>43</sup>, e ao lado pendura orgulhosamente as medalhas que ganhou nas romarias (Fontes 1948). O carácter de protagonismo deste espaço em relação às restantes divisões é enfatizado pelos pavimentos em grandes lajes de pedra, que marcam a entrada na casa.

As refeições do dia-a-dia eram servidas na cozinha, onde se destaca o forno com lareira integrada. Aqui se reunia a família, confeccionava-se pão, queijo<sup>44</sup> e outros pitéus *que família e um ou outro criado saboreiam nos lazeres da ceia* (Fontes, 1948, p.1).

Estes eram os espaços principais da vida quotidiana comum, onde a família convivia, trabalhava e partilhava refeições. Ainda é possível identifica-los pelos elementos característicos que apresentam: as lajes de pedra nos pavimentos, as cantareiras, os fornos com chaminés, as buracas. São elementos marcantes no espaço de habitação que refletem o protagonismo e evidencia da casa. São elementos que interessam preservar e que pressupõem uma intervenção arquitetónica que os integre.

---

<sup>40</sup> O “escano<sup>40</sup> (...) onde se guarda o necessário à costura caseira” (Etnografia Saloia, p. 256), dá indícios de atividades de produção doméstica como a costura feita em “em noites seroadas” (Fontes, 1948, p.8)

<sup>41</sup> A existência da “arca (...) para o bragal<sup>41</sup>” (Fontes, 1948, p.6), a “grande arca” que guarda o pão (Fontes, 1948, p.7) ou cereais e leguminosas, remetem para a utilização deste espaço para armazenamento dos bens da família. Era também comum pendurar cebolas e alhos debaixo do vão das escadas.

<sup>42</sup> A esta divisão da casa não pode faltar também a “*mesa robusta, junto à parede*” (Fontes, 1948, p.6) para servir refeições nos dias de festa, bem como duas ou três cadeiras, muito simples.

<sup>43</sup> *Espécie de armário cravado na parede* (Fontes, 1948, p.7)

<sup>44</sup> Era frequente a existência de poiais em pedra nas cozinhas, e entre eles haviam aqueles que tinham uma saliência esculpida que servia para escoar os líquidos resultantes do processo de fabrico do queijo (Monteiro 2015).



36. Protagonismo da casa.





37. A «sala de fora».

38. A cozinha.



39. | 40. | 41. | 42. Elementos a preservar.

Inserida no contexto de uma vida agrícola, além das habitações, a aldeia de Broas apresenta uma série de edifícios que seriam relativos às atividades produtivas do campo. Estes desempenhavam a função de armazenamento - essencialmente currais – e de produção, onde se destaca a existência de três adegas com lagares de vinho e a casa do forno.

Assim, à habitação, edifício principal da vida familiar, estavam associados edifícios anexos. O conjunto forma uma unidade individual que é representativa do o *carácter autónomo, isolado e afirmativo do agregado de edificações a que se chamaria habitualmente casal saloio* (Fernandes & Janeiro, 1991, p.28). A sua identificação na aldeia, leva à compreensão de quais os edifícios que funcionam como um todo: articulados por percursos exteriores ou ligações interiores, formam uma unidade.

A casa saloia apresenta uma tendência de crescimento por adição de anexos que apoiam as necessidades dos habitantes. Esta lógica é o fundamento da nova intervenção. O núcleo principal – a casa – onde existe o espaço nobre de entrada e relação direta com o exterior, é propício a espaços de reunião e concentração. A partir deste núcleo surgem novos espaços que completam a função do conjunto.

O entendimento da relação dos núcleos com os anexos existentes – tipos e possibilidades de articulação -, e a possibilidade de introdução de novas formas, são determinativos da atribuição das novas funções.



43. O casal saloio.

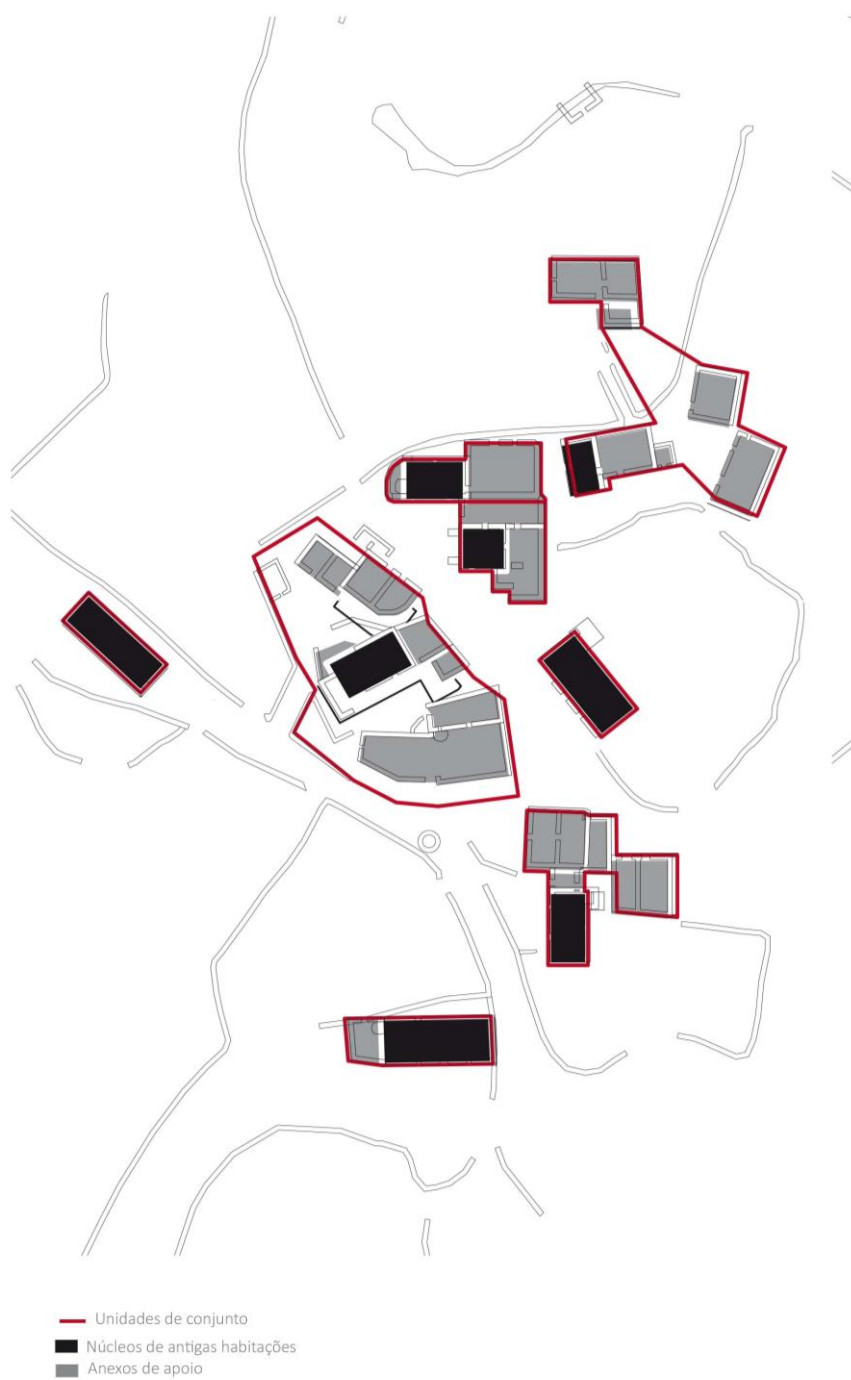




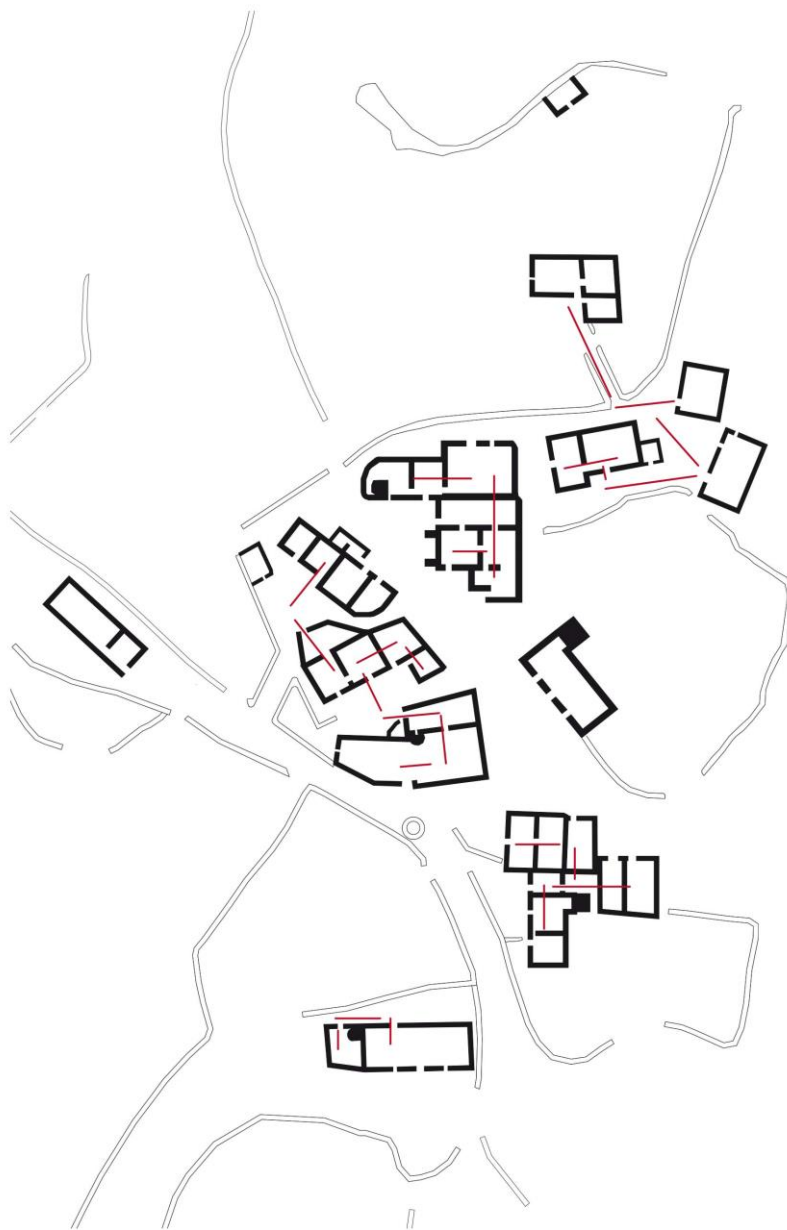
44. | 45. | 46. Lagar e elementos constituintes.



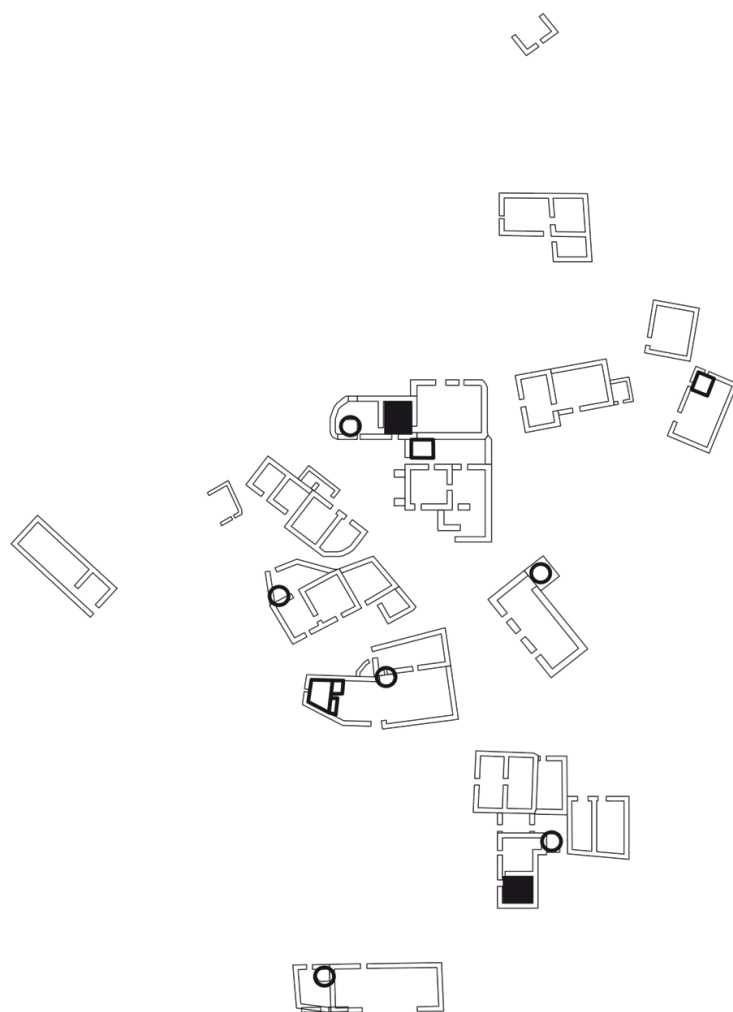
47. Núcleo de habitação. Esquema da pré-existência e antigas habitações.






**48. Núcleo e anexos.**  
A noção de unidades de conjunto



49. Articulação das unidades de conjunto.



-  Lagar
-  Pavimento em laje de pedra
-  Forno e chaminé

50. Elementos pontuais que valorizam o espaço.

## A aldeia. Atribuição de novas funções.

### Interfaces coletivos e articulações

A implantação das ruínas de Broas obedece a uma forma de organização associada a pequenas comunidades de habitantes ligados a práticas sociais e ritmos de trabalho que os identificam (Pacheco 1937:53). Verificam-se relações espaciais entre as unidades de habitação - corredores de comunicação, pátios e espaços comuns - que os fazem constituir o aglomerado coeso a que se chama aldeia.

Assim, apesar das habitações apresentarem um carácter individual, estão articuladas por percursos conducentes a espaços que proporcionam o trabalho coletivo ou a concentração de pessoas. Os habitantes da Aldeia de Broas partilhavam de espaços de trabalho, como é o caso das eiras, e de um poço. O grande freixo, localizado numa zona relativamente plana onde confluem os caminhos de acesso à aldeia, constituía o local de encontro dos habitantes e até um espaço de descanso de quem estava de passagem.

O abandono da aldeia levou à inutilização dos espaços coletivos e à desativação de alguns percursos, no entanto, estes podem voltar a fazer sentido numa nova organização, desde que articulados na lógica funcional.

O principal acesso à aldeia é agora um caminho que atravessa longitudinalmente toda a aldeia, estando o antigo parcialmente desativado. Este acesso é direcionado para dois importantes pontos de referência: ~~se~~ quem vem do caminho de Cheleiros, chega à aldeia e encara com o grande freixo – lugar de pausa/descanso/reunião; quem chega do caminho da cota superior é direcionado até à eira onde tem uma vista privilegiada para o vale.

Estas centralidades são a referencia para a sugestão de novas articulações com a cota superior: o que parte do freixo e percorre um conjunto de edifícios; e o que liga as duas eiras. Estas novas ligações justificam-se na adequação de um programa. Assim, pressupõe-se a criação de novas centralidades intermedias nestes percursos com usos coletivos de reunião, convívio e atividades ao ar livre.

É ainda prevista a reativação do antigo percurso da cota superior, que possibilita a articulação transversal da aldeia.





**51.** Chegada à aldeia: direção Cheleiros – Aldeia de Broas.

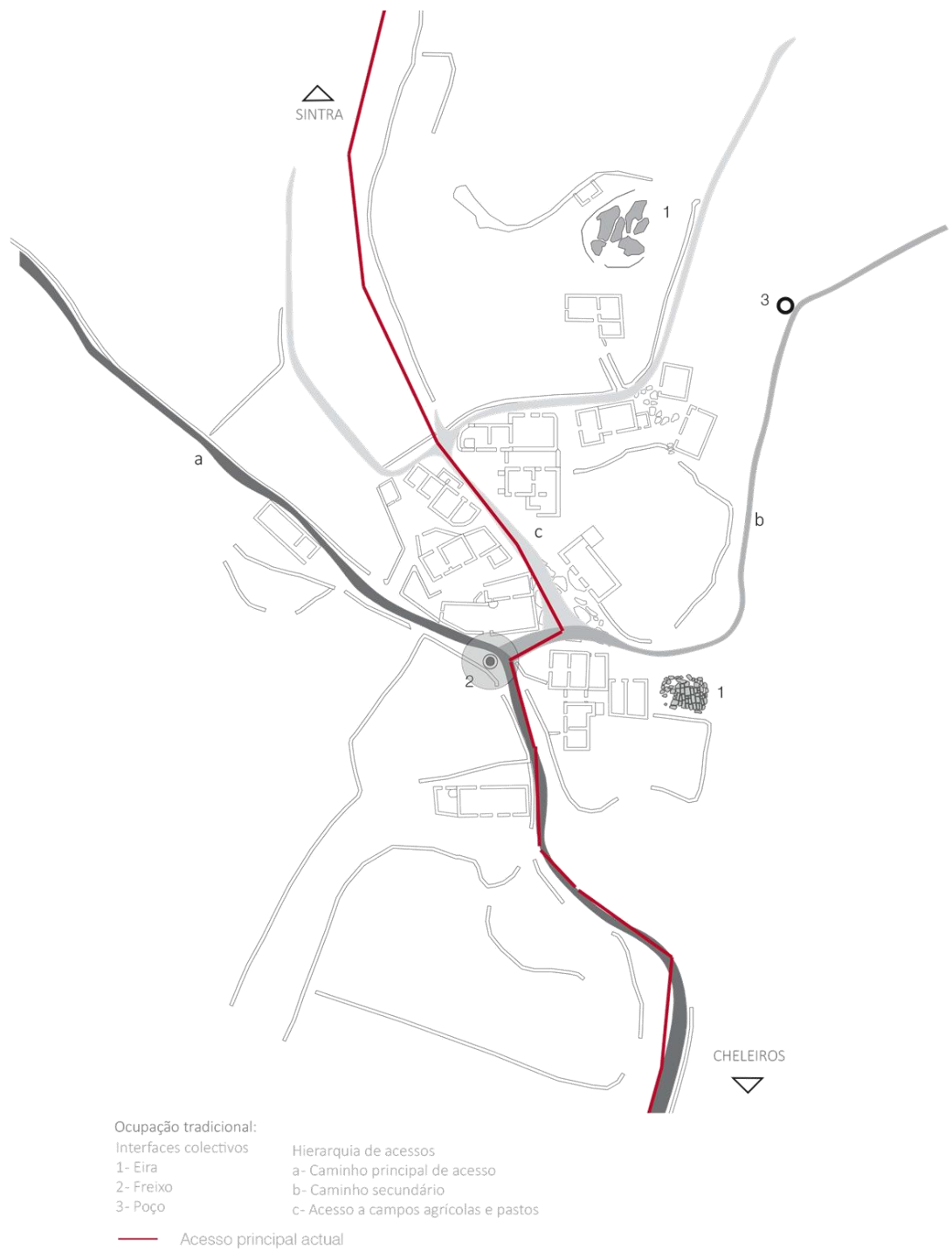
**52.** O grande freixo.

**53.** O poço.



54. A eira – vista para a paisagem.





55. Dinâmicas de ocupação pré-existente.  
 Novo acesso.



56. Intenção de novas ligações e interfaces coletivos.

### Organização funcional do programa

A distribuição do programa de usos parte da noção de conjuntos, onde se tem em conta não só a sua posição no conjunto da aldeia, mas também as características formais e espaciais dos edifícios, reveladoras da sua potencialidade de utilização.

A panóplia de atividades que o novo uso da aldeia contempla, faz desta um local de múltiplas funções. O carácter prático das atividades - de média e longa duração- torna necessário, além de espaços de trabalho, a existência de condições para a estadia de longo e curto prazo, bem como espaços que possibilitem a vida coletiva.

A distribuição do programa tem em conta, não só a noção de unidades de conjunto e as suas especificidades formais, como também a sua localização na aldeia. Tendo em conta as intenções de novas ligações e potencialidades do espaço, o programa foi dividido em dois grandes grupos: usos referentes a atividades coletivas de trabalho e recreação, e utilização para habitação.

## ESPAÇOS DE USO COLECTIVO

### A - “Comunidade e Eventos”

Relativo a atividades e eventos de carácter coletivo. Neste âmbito prevê-se uma zona de cozinha e espaço de refeições, bem como equipamentos e serviços partilhados que apoiem a vida quotidiana da aldeia.

A zona comunitária foi escolhida tendo em conta a possibilidade de ligação entre cotas, através de pátios que articulam os edifícios do conjunto e que sugerem a permanência e usos coletivos. Na cota inferior, possibilita a ligação ao grande freixo através de um espaço de estar na zona onde existe o antigo lagar, onde é aproveitada a diferença de cotas para a criação de um pequeno anfiteatro. A ligação à cota superior é favorável à localização de equipamentos de apoio e zonas técnicas de carácter comunitários, como casa das máquinas, lavandaria e locais de armazenamento. O edifício principal, enquanto espaço de cozinha e refeições/eventos, faz a transposição entre o espaço de equipamentos e o espaço de recreação.

### B - “Trabalho E Investigação”

Relativo a atividades práticas ligadas à educação e investigação na ecologia e na exploração criativa dos saberes tradicionais; local de troca de conhecimentos e divulgação.

A este uso estão inerentes espaços de trabalho: prático - em oficinas e *ateliers* - de reunião, e de investigação/trabalho individual.

Trata-se de um conjunto de edifícios dispersos que possibilitam a utilização para vários tipos de trabalho – coletivo/individual; prático/investigação - e a sua comunicação sem interferirem nas suas atividades.

No extremo Norte, constitui um conjunto mais independente, com possibilidade de um acesso secundário ao exterior da aldeia. Ainda que mais afastado, está integrado no conjunto, não só pelo acesso direto à zona de “Comunidade e Eventos”, mas também pela articulação com o novo espaço de estar exterior.

## C - “Hortas e Pomar”

O programa da aldeia prevê zonas de horta e pomar, integradas no âmbito da educação para a ecologia, e cuja produção se destina ao consumo próprio. As atividades agrícolas contam com edifícios de apoio – armazenamento de produtos e ferramentas – bem como tanques de armazenamento de água para rega.

Prevê-se uma área de horta no terreno junto ao freixo, que teria já esse uso. O novo pomar tem lugar no terreno plano na vertente sul da aldeia, onde existe um caminho secundário de acesso. Entre a horta e o pomar existe uma possível antiga casa, cujo estado de ruína e apropriação da natureza não justificam o seu reuso para habitação. Assim, e tirando potencialidade da sua posição entre estes espaços de atividades agrícolas, prevê-se a sua ocupação para um edifício de apoio às hortas, com arrumação e espaço de trabalho.

## Recreação e lazer no exterior

Articulados com os antigos interfaces coletivos, são propostos novos espaços de estar e reunião exteriores.

Os antigos lagares possibilitam um espaço exterior protegido pelas suas paredes existentes e por isso propícios a zonas de concentração/reunião. Assim, ao lagar integrado na zona de “Trabalho/Investigação” é destinado um pátio de estar/reunião com uma área de fogueira. No lagar que se articula com o edifício de “Comunidade” o declive do terreno é aproveitado e controlado através de patamares em *deck* de madeira que proporcionam um pequeno anfiteatro e espaço de estar.

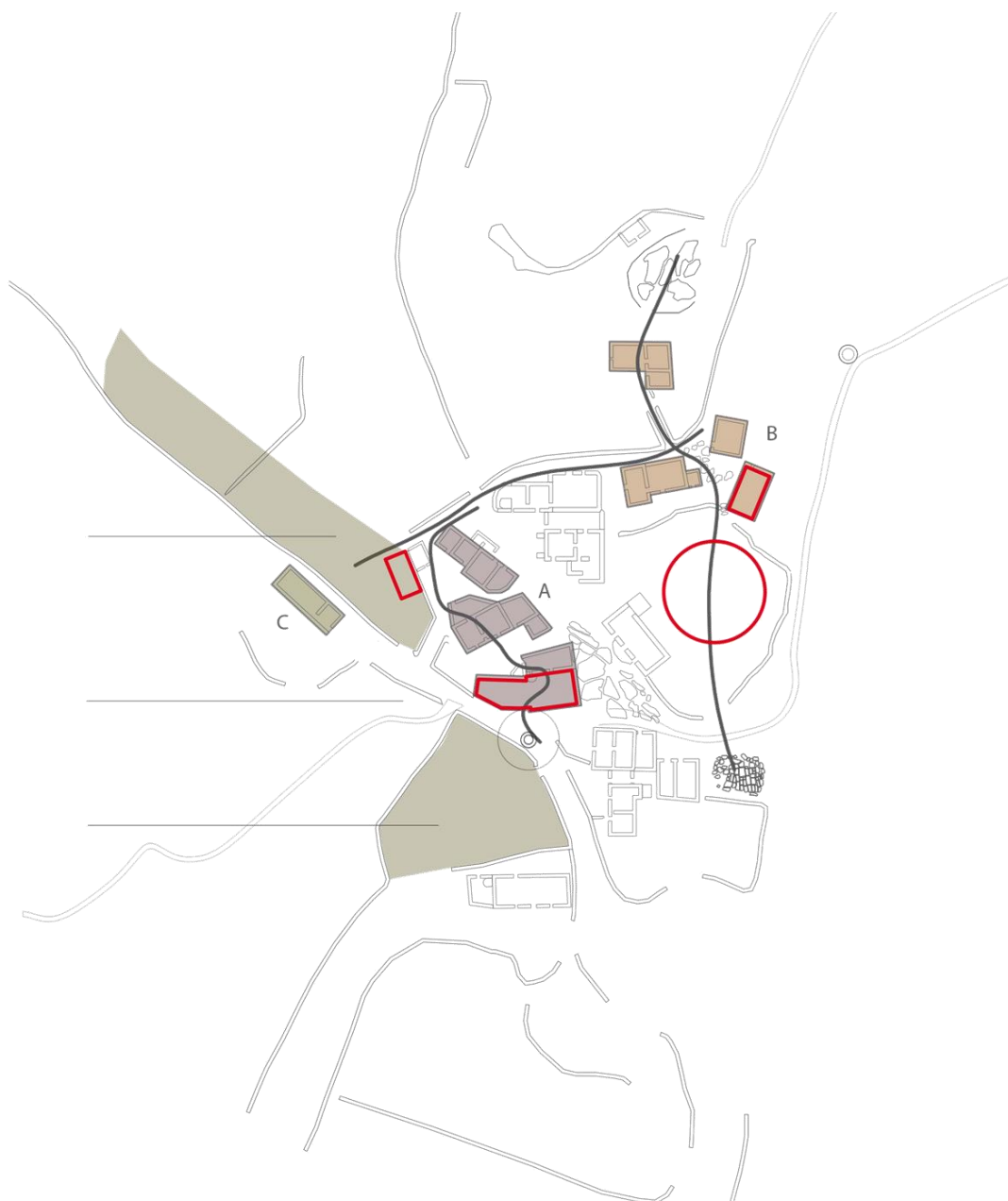
Os novos espaços de lazer/recreação ao ar livre são constituídos por uma zona de banhos e por um espaço de estar e de atividades ao ar livre. Constituída por um tanque e *deck* de madeira à entrada do pomar, a zona de banhos que beneficia da vertente protegida a sul, e de uma maior privacidade das zonas ativas da aldeia. Na vertente Norte, articulada com a zona de Investigação/Trabalho, é prevista a manipulação do terreno em socalcos, aproveitando a inclinação, para criar um espaço de estar natural que beneficia de uma vista privilegiada para a paisagem.

## ESPAÇOS DE HABITAÇÃO

### **Conjunto C - “Habitação”**

Ao longo do acesso principal da aldeia localizam-se os edifícios destinados à estadia na aldeia, podendo esta ser fixa ou temporária. Aqui englobam-se zonas privadas de dormir e higiene, bem como espaços inerentes à vida quotidiana de confeção de alimentos e refeições e convívio.

As denominações – fixo/temporárias – não são incontornavelmente determinativas do seu uso, podendo ser meramente sugestivas. Apesar do carácter coletivo da aldeia induzir o uso comum de vários espaços, cada habitação mantém individualidade de vida quotidiana, nomeadamente a nível de equipamentos de cozinha e instalações sanitárias/banhos que permitem a permanência a longo prazo. As habitações são pensadas para uma atividade dinâmica da aldeia, e por isso estão abertas a vários tipos de permanência.

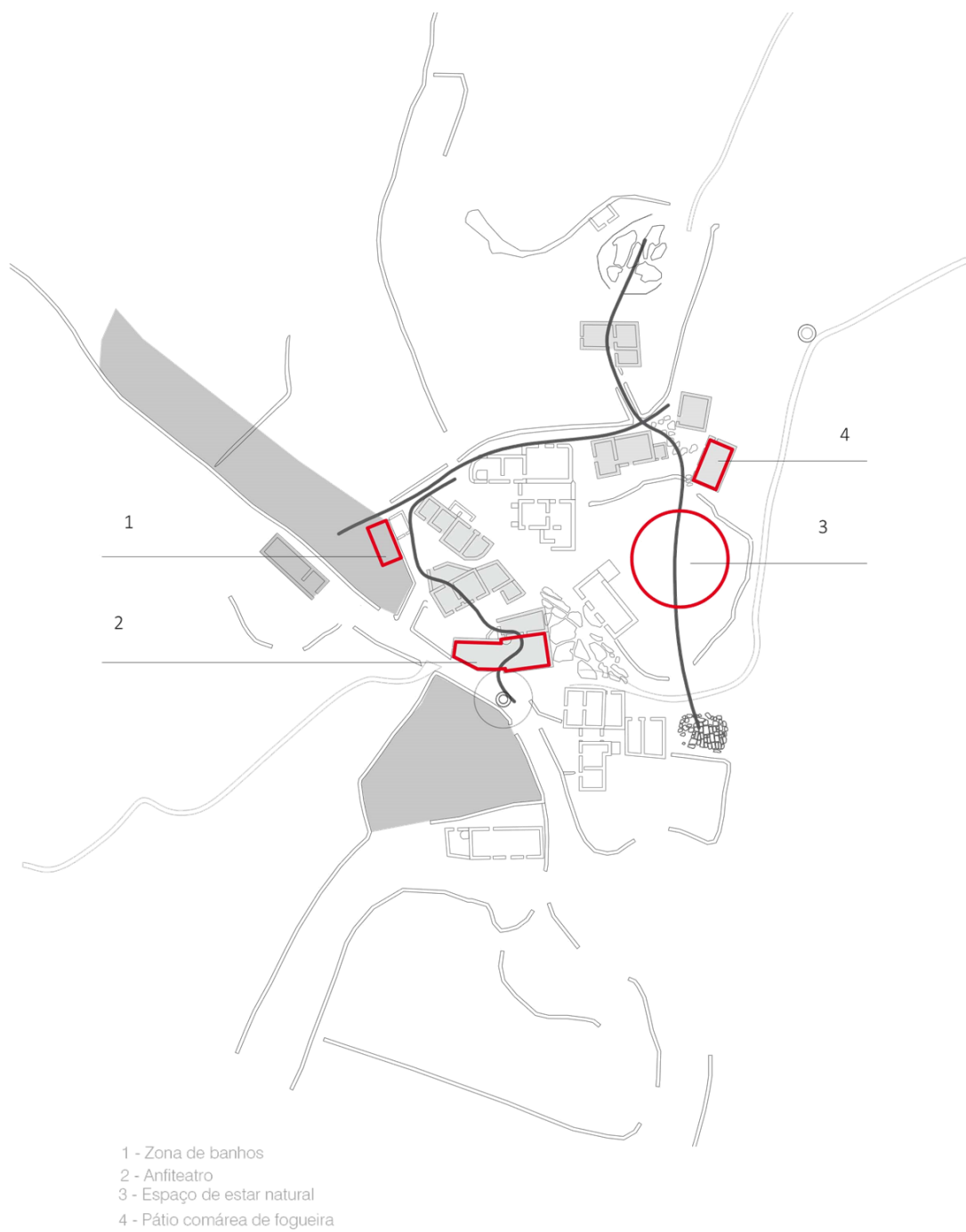


Espaços de reunião/concentração  
 A - Recreação e Eventos  
 B - Trabalho e Investigação  
 C - Hortas e Pomar



58. Habitação.





59. Espaços de recreação e lazer no exterior.



60. Socalcos no terreno que formam um espaço de estar.

Fonte: <http://s-media-cache-ak0>

61. Anfiteatro de madeira.

Fonte: <http://woni365.cn/news/1119.html>

62. Pátio com área de fogueira. Muuratsalo Experimental Housem

Alvar Aalto. Fonte: <http://www.zeroundiciu.it>

## EQUIPAMENTOS DE APOIO

A aldeia é como um edifício. Os espaços e funções estão organizados para um uso fluido e articulado dos vários conjuntos. Este edifício está equipado com estruturas de apoio que dizem respeito ao aproveitamento de recursos naturais. Prevê-se a instalações de equipamentos de eficiência energética comuns e individuais, bem como um tanque de aprovisionamento de águas para rega.

### Plano de eficiência energética

Propõe-se um sistema constituído por fontes de energia solar e biomassa, que produz energia para climatização, preparação de águas quentes sanitárias e energia elétrica para uso geral.

O sistema de climatização constitui uma central com caldeira de biomassa que proverá aquecimento para todos os edifícios. A existência de depósitos de inércia, permitem que a caldeira seja alimentada durante o dia, não sendo necessário manter a queima durante a noite.

O sistema de aquecimento de águas é constituído por sistemas solares térmicos, colocados o mais próximo possível do local de uso – zonas de banho - para evitar as perdas de energia. Este sistema conta com o apoio da energia gerada com a central de biomassa para climatização. Nos períodos de Verão em que a disponibilidade de calor gerada pelo sistema solar seja excessiva, este calor poderá ser dissipado para os tanques destinados a banhos no exterior.

Conta-se ainda com um sistema solar fotovoltaico para autoconsumo, dimensionado para produzir eletricidade para uso geral dos edifícios. Quando não houver disponibilidade de energia produzida pelo sistema fotovoltaico, a alimentação é feita por via da rede elétrica nacional.

A instalação dos sistemas solares (térmico e fotovoltaico) tem em conta a integração arquitetónica e paisagística. Por isso, a sua colocação deve assegurar uma conveniente exposição solar, mas também minimizar o impacto visual. A instalação da caldeira de biomassa implica uma infraestrutura para a sua colocação e local de armazenamento da biomassa. Este edifício terá também em conta a integração na paisagem, bem como a facilidade de acesso ao transporte do combustível.

## A autenticidade do espaço. Proposta de intervenção.

### A simplicidade da casa. Ação de integração na pré-existência.

*“...simples casas de modestos trabalhadores do campo, gentes de poucos teres e cultura. (...). Onde lhes vem o encanto? Da verdade que revelam, do acordo que existe entre elas e a vida simples do proprietário, do equilíbrio das diversas partes que a compõem (...), das paredes lisas, sem atavios, (...); janelas pequenas, quadradas, ou com insignificante predomínio na vertical, não alteram a linha geral da construção...”*(Fontes, 1948, p.3)

A essência da casa saloia está na simplicidade da sua forma. As linhas direitas, a simetria e o aspeto “limpo” que as suas fachadas apresentam, revelam-se em espaços interiores de forma cúbica, marcados por relações de centralidade e simetria entre os vãos e buracas. Na casa saloia, cada elemento vale por si e a sua presença é inteiramente assumida no espaço.





63. | 64. Relações de simetria e centralidade. Presença assumida de todos os elementos.





65. | 66. | 67. Relações de simetria e centralidade.  
Presença assumida de todos os elementos.

A intervenção nos edifícios onde se verificam estas características pretende a preservação da autenticidade dos espaços – através da continuidade da sua lógica.

A conservação dos elementos considerados de valor existentes – as cantarias, lajes e soleiras, fornos e chaminés, buracas – pressupõe uma acção que os integre. É feita a requalificação do espaço através da melhoria da sua eficiência térmica – aplicação de isolamento térmico e caixilharia de madeira com vidros duplos – e utilização de revestimentos contínuos que adaptam às formas existentes de carácter irregular. Onde se verificam as chaminés, é optada pela reconstrução do telhado tradicional que permite a sua integração, também este com melhorias térmicas.

A divisão dos espaços de utilização é feita através de paredes divisórias que separam os espaços comuns dos privados através de uma planta quadrangular que respeita a forma cúbica dos volumes.

A introdução de novos equipamentos/objetos inerentes às necessidades de utilização são feitas segundo o conceito de objeto com valor próprio e assumido como tal no espaço. Podem estas ser objetos colocados em evidência central, ou estruturas habitáveis independentes.

Em síntese, a forma arquitetónica é composta por elementos “pesados” constituídos pelas paredes e pavimentos de aspeto contínuo; onde são integrados elementos de madeira das coberturas e paredes divisórias – “leves” – ou adicionadas formas independentes com valor próprio.





**68.** Ordem dos Farmacêuticos, João Mendes Ribeiro.

Fonte: <http://www.archdaily.com>

**69.** Intervenção na Herdade da Torre de Palma, João

Mendes Ribeiro. Fonte: <http://www.archdaily.com>

**70.** Centro de Artes Visuais, João Mendes Ribeiro. Fonte:

<http://acriacaoartisticaneastacidade.wordpress.com>

**71.** Reforma de um apartamento em Barcelona, Vora

Arquitectura. Fonte: <http://www.archdaily.com>



72. | 73. Casa da Escrita, João Mendes Ribeiro.  
Fonte: <http://www.archadaily.com>



**74.** Belavali House, Studio Mumbai.  
*Fonte: <http://www.archdaily.com>*

### As formas da pedra. Valor da pedra na qualidade do espaço e dos percursos

*A casa rural é o produto imediato das relações do Homem com o meio natural que o rodeia* (Veiga de Oliveira & Galhano, 1992, p.13). Na Aldeia de Broas isso verifica-se na escolha da pedra calcária - matéria prima abundante na zona - como o material de eleição para a construção. As técnicas aplicadas na utilização deste material variam na complexidade de execução, de acordo com o tipo de uso a que se destina.

Se por um lado as habitações apresentam a pedra solidamente argamassada e outrora revestida com cal, os edifícios de apoio às atividades do campo eram contruídos através do simples emparelhamento da pedra, podendo estas ser trabalhadas ou não. A diversidade de emparelhamentos que surgem na aldeia enriquece o lugar e revela ser um fator de potencial valorização dos novos espaços.

Na intervenção surgem várias formas de tirar partido desta qualidade. Nos casos em que se deixa a totalidade da pedra à vista, são atribuídas funções compatíveis com esta opção: podem constituir pátios exteriores de estar ou integrados em percursos; espaços de transição interior - exterior, ou onde se pratiquem atividades oficinais.

Por outro lado, quando se pretende um uso de permanência interior, faz-se a ocupação parcial do espaço por uma novas estruturas em madeira. O intervalo entre a estrutura e a parede permite o contacto visual com a pedra, assim como a entrada de luz indireta e ventilação natural.

Desta forma, o que eram edifícios secundários tomam agora uma nova presença com valor acrescido.

A intenção de adição de espaços nas formas pré-existentes pressupõe uma maior dispersão das funções, que poderá ser considerada de certa forma “inconveniente”. A noção de conforto é repensada, e as decisões projetuais são baseadas num equilíbrio entre a funcionalidade e a qualificação dos espaços. É assumida a preferência de criação de ambientes com um valor próprio, proporcionadores de uma experiência completa do espaço: sejam eles espaços de permanência ou os percursos que os articulam valorizados pela autenticidade da pré-existência.





75. | 76. | 77. Diversidade de emparelhamentos.



## O equilíbrio visual. Peso e leveza.

*Solidamente erguida em alvenaria de pedra* (Associação dos Arquitectos Portugueses 1988), a casa saloia transmite uma sensação de peso e resistência que tem a haver com a natureza maciça da pedra e as espessuras generosas a que as paredes autoportantes obrigam.

*Os seus volumes cúbicos são rematados pelo telhado mourisco de telhas cuidadosamente argamassadas* (Associação dos Arquitectos Portugueses 1988). Os telhados apresentam *o sanqueamento tão particular das casas portuguesas que dá ao telhado a sua característica linha espraiada e doce como a lona de qualquer tenda* (Fernandes & Janeiro, 1991, p.36).

O peso do volume de pedra, *acentuado pela exiguidade das aberturas* (Fernandes & Janeiro, 1991, p.35), contrasta com o telhado de linhas fluídas que lhe dão uma sensação de leveza.

Este equilíbrio visual que caracteriza a casa saloia foi o ponto de partida para o conceito geral das novas coberturas: de aspeto leve, poisam sobre os volumes de pedra sem tirar protagonismo à sua forte presença.

Além dos telhados tradicionais que são previstos para as habitações onde se pretende a integração das chaminés antigas, existem dois tipos de intervenção nas coberturas:

- 1) Casos em que a cobertura é ligeiramente elevada, como se quase “poisasse” sobre o volume maciço. E nestes casos, dependendo do uso, podem ou não, ter vãos que proporcionam uma luz zenital permanente.
- 2) Casos em que o protagonismo da parede se mantém através da cobertura quase impercetível - como se esta fosse uma “tampa”.

As novas coberturas têm também a função de servir de apoio às estruturas tecnológicas de painéis solares, e por isso foi escolhido um material que suporta a introdução das mesmas. São constituídas por estruturas de madeira variáveis, onde assentam painéis tipo sandwich de revestimento metálico. Este material, de carácter industrializado, possibilita uma mesma linguagem tecnológica. Seguindo a lógica da intervenção, os painéis são poisados sobre a mesma e assumem-se como objeto independente mas integrado.



**78. | 79.** Vigas visíveis no exterior, noção de cobertura poisada.  
Module Grid House, Tetsuo Yamaji.  
Fonte: <http://www.archdaily.com>





80. | 81. Cobertura tipo “tampa”. Casa Vi EV+A, Lab Atelier d’Architettura.

Fonte: <http://www.archdaily.com>



**82. | 83.** Cobertura elevada, Alvar Aalto, Town Hall of Säynätsalo.

Fonte:

<http://hjbarker.files.wordpress.com/2013/03/saynatsalo.jpg>

Fonte:

<http://www.flickr.com/photos/juanpesr/12508758025/in/photostream/>.

**84.** Cobertura em chapa metálica, aspecto tecnológico.

Fonte: <http://www.archello.com>



## A luz e a sombra. A experiencia natural.

*Uma casa serve ao homem de duas maneiras fundamentais: oferece-lhe um refugio onde se pode sentir cómodo e estar em paz consigo mesmo, e serve-lhe como ponto de partida para as suas ações no mundo. (...) só quando a casa cria uma sensação de pertença e proteção, o homem alcança a força interior que necessita para sair.*<sup>45</sup>

Na casa saloia a noção de abrigo está bem presente no carácter de encerramento sobre si: com vãos de pequenas dimensões e paredes grossas, o contacto com o exterior é através da luz ténue que ainda assim se consegue introduzir no interior. A relação interior-exterior/ luz-sombra é feita numa relação de contraste, que proporciona uma vivencia do espaço inteiramente interior ou exterior, e que de certa forma os separa.

Apesar desta vivencia ser também interessante no conjunto, os novos espaços que completam a casa surgem como uma oportunidade de criar uma maior proximidade e vivencia do exterior.

Apesar do contexto natural e de qualidade paisagística onde a aldeia se insere, não se pretende que a casa se separe da sua função original de abrigo, para dar lugar a uma função de observação da natureza, na sua ideia romântica - “um belo quadro a ser admirado”. Não se pretende criar cenários naturais, mas vivências na natureza. E por isso essa relação com o espaço exterior é feita através de vãos abertos para pátios protegidos pelas paredes de pedra que sugerem a permanência no exterior sem prescindir da noção de abrigo.

Salvo raras exceções onde esse uso se justifica, os novos vãos não têm uma função de admiração da paisagem, mas a de introdução de luz e ventilação. Na maioria das vezes a introdução de luz faz-se de forma indireta: através de vãos nas coberturas, junto às paredes de pedra, ou protegidos por um ripado; ou através pequenos vãos acabam por ser focos de luz.

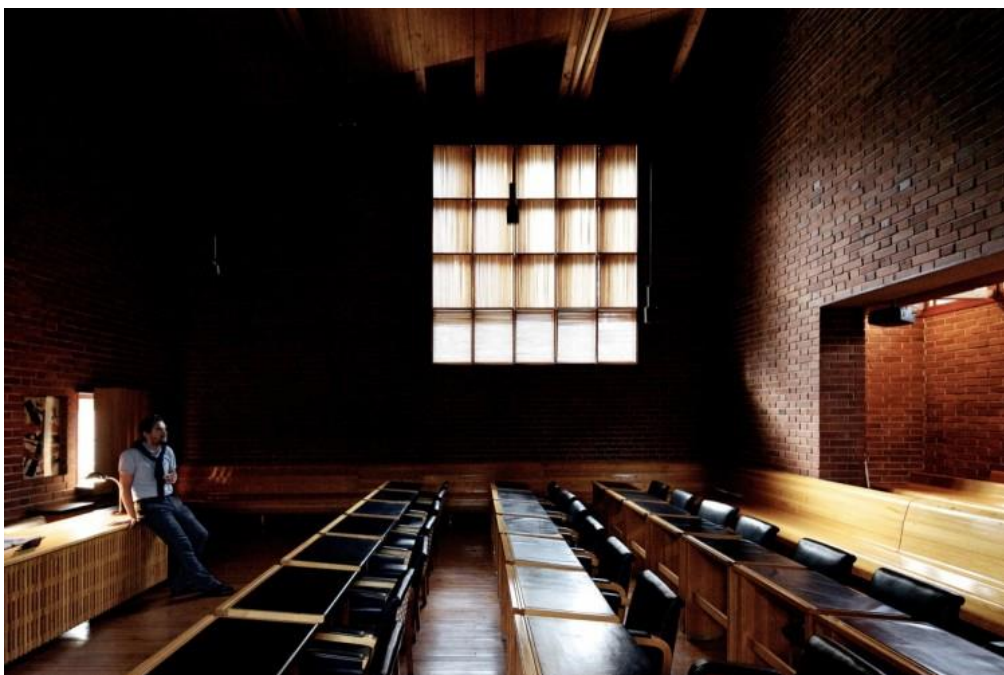
---

<sup>45</sup> Shulz, Norberg. 2005. “La Casa Natural.” in *Los Principios de la Arquitectura Moderna*. Barcelona, p. 98.





*“(...) foi assim que os nossos antepassados, obrigados a viver quer quisessem quer não em divisões escuras, descobriram um dia belo no meio da sombra...”*  
*(Tanizaki. n.d.. p.43)*



*“É na (...) luz indirecta e difusa que se encontra o factor essencial da beleza(...)”*  
*(Tanizaki, n.d., p.44)*



87. Relação direta interior-exterior.



88. Alvar Aalto Town Hall of Säynätsalo. Fonte: <http://www.greatbuildings.com>

89. Casa no Sri Lanka – Lunuganga, Geoffrey Bawa.  
Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>

90. Tara Baoli, Mumbai Studio. Fonte: <http://studiomumbaiarchitects.blogspot.pt>

O caso de renovação de uma casa tradicional japonesa pelos arquitetos Tadashi Yoshimura – “Wood Old House”, em Nara, Japão - constitui uma referência na forma como se tirou partido da interação entre espaço interior e exterior na intervenção. O facto de a casa ser constituída por vários pequenos edifícios, interligados por pátios e passagens exteriores, foi aproveitado através da criação de um vazio - pátio central - de dimensões que permitem a iluminação e ventilação natural ao interior através de novos vãos que comunicam com este pátio.

Além desta intervenção, são criados novos espaços interiores, que comunicam através de percursos existentes em pavimento de terra compactada e em jardins. Estes constituem os espaços de transição entre a intervenção e o exterior.

Assim, tal como neste caso, a intervenção na aldeia de Broas tem como objetivo tirar potencialidade do carácter disperso da pré-existência, através de intervenções localizadas, articuladas por percursos exteriores e espaços de transição.

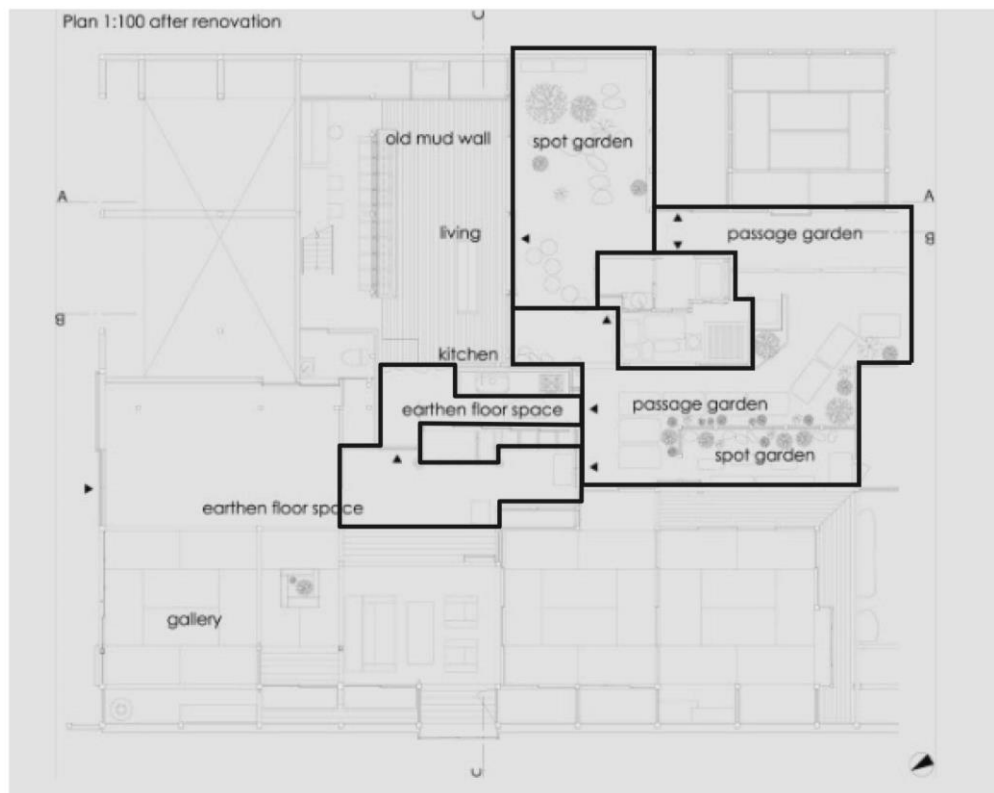
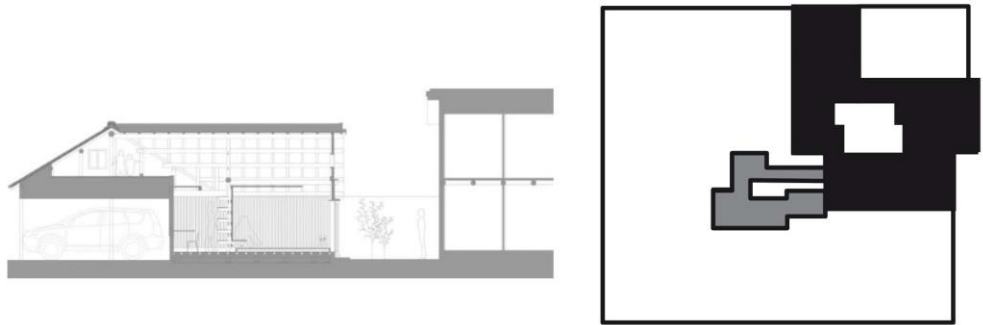




91. | 92. Wood Old House, Tadashi Yoshimua Architects. Relação direta do espaço de estar com o exterior.

Fonte: <http://www.archdaily.com>





93. Wood Old House, Tadashi Yoshimua Architects., corte.  
 Fonte: <http://www.archdaily.com>

94. Wood Old House, Tadashi Yoshimua Architects., planta.  
 Fonte: <http://www.archdaily.com>


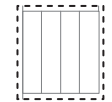
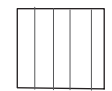


95. | 96. Wood Old House, Tadashi Yoshimua Architects., áreas de transição interior-exterior.

Fonte: <http://www.archdaily.com>





-  Telhados
-  Cobertura elevada
-  Cobertura tipo "tampa"

98. Síntese de intervenção- coberturas

## Uma arquitetura integrada.

A natureza do projeto é a de uma intervenção cirúrgica de ações localizadas. A autenticidade e carácter desigual e específico de cada caso de pré-existência não comporta a normalização de modelos arquitetónicos. A especificidade das intervenções pressupõe o trabalho e experimentação no local, e que vai de encontro às funções programáticas do seu novo uso. Assim, as técnicas e formas arquitetónicas que foram decididas para esta intervenção pressupõem a construção no local.

Neste âmbito pode ser considerado um projeto aberto, em que é previsto um plano geral, e especificada uma linguagem, mas que é consolidado no local. Na proximidade da arquitetura com a realidade construtiva, surge o desenvolvimento de técnicas tradicionais e a consequente exploração de materiais naturais. Materializa-se assim o objetivo de uma arquitetura integrada capaz de *impulsionar novos modos de projetar e de ensaiar modelos para uma construção mais equitativa, mais saudável e tecnicamente mais qualificada* <sup>46</sup>(Baía 2015).

---

<sup>46</sup> Baía, Pedro. 2015. "Em Busca de Uma Arquitectura Integrada." *Jornal Dos Arquitectos J-A* 252. Retrieved April 23, 2016 (<http://www.jornalarquitectos.pt/>).



## AS TÉCNICAS E MATERIAIS

### 1) *Descrição dos sistemas construtivos*

As coberturas em telha de canudo, de duas ou mais águas, são suportadas por estruturas de madeiramento tradicional de asna simples. O isolamento térmico a acabamento interior é feito através de do sistema tipo sandwich com forro interior em tabuado de madeira.

As novas coberturas de painéis sandwich com chapa metálica integrada, são suportadas por vigas horizontais de madeira, cuja dimensão da secção e espaçamentos variam de acordo com os vãos a vencer.

Os novos volumes são constituídos por estruturas de madeira leves, de sistema simples pilar-viga. O revestimento e isolamento é feito pelo interior, pregado à estrutura, de forma a que esta fique à vista.

Estes volumes podem ser independentes, ou com a estrutura pregada às paredes de alvenaria de pedra existente.

A utilização de peças esbeltas torna necessário o reforço estrutural nos casos em que seja necessário vencer maiores vãos, ou nas estruturas independentes. Dependendo do caso, são optadas por vigas ou pilares duplos, ou pela repetição vigas únicas com menores espaçamentos.

A ideia de utilizar peças esbelta que permitem o trabalho localizado, tem também o objetivo de conferir leveza às estruturas.

### 2) *Revestimentos de materiais naturais*

#### Pavimentos contínuos de terra batida

Tradicionalmente, a terra batida no pavimento era utilizada em adegas e locais menos nobres. Este material não tem proteção anti capilar e por isso, se aplicado diretamente sobre o solo, poderá transportar humidade para o interior dos edifícios. Atualmente é possível a sua aplicação em interiores habitados, desde que seja colocada uma separação capilar, como por exemplo cascalho com m isolamento, ou ainda uma tela geotêxtil. Seque-se a aplicação das várias camadas de argila, com a sua posterior compactação.

Este tipo de pavimento permite a colocação piso radiante. O tratamento de superfície com óleo protetor confere ao pavimento uma camada de desgaste de proteção.

É prevista a aplicação deste pavimento em espaços de permanência interiores.

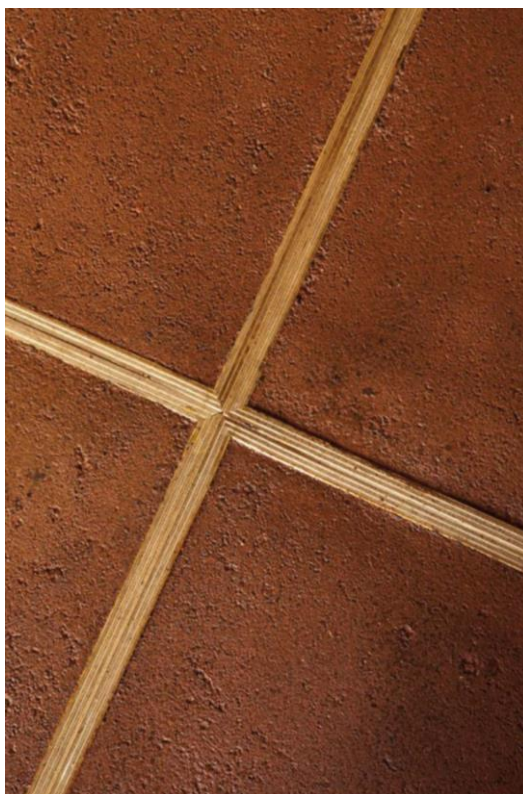
### Revestimentos de “tadlakt”

Trata-se de uma técnica marroquina de revestimento através de um reboco mineral brilhante, resistente à água. É composto por cal hidráulica natural areias de quartzo, pó de mármore, argila, cinzas, terra de diatomáceas e celulose. Na técnica tradicional marroquina, o “tadlakt” o material é alisado com uma talocha de plástico, e densificado com uma pedra em movimentos circulares, que lhe confere o acabamento polido e impermeável. Esta técnica é prevista para revestimentos em zonas húmidas.

### Rebocos e acabamentos das paredes

O isolamento e revestimento das paredes de pedra, quando este é previsto, é feito no mesmo princípio de aplicação de materiais naturais. O isolamento é feito no interior através de painéis de isolamento térmico de fibra de madeira colados com argila cola. Estes painéis permitem a aderência de rebocos naturais à base de argila que podem permanecer com o seu aspeto texturado, ou ser pintados com tintas minerais à base de silicatos.

Nos casos em que se justifica, é prevista a colmatação de juntas e fissuras através de argamassas de cal hidráulica natural.

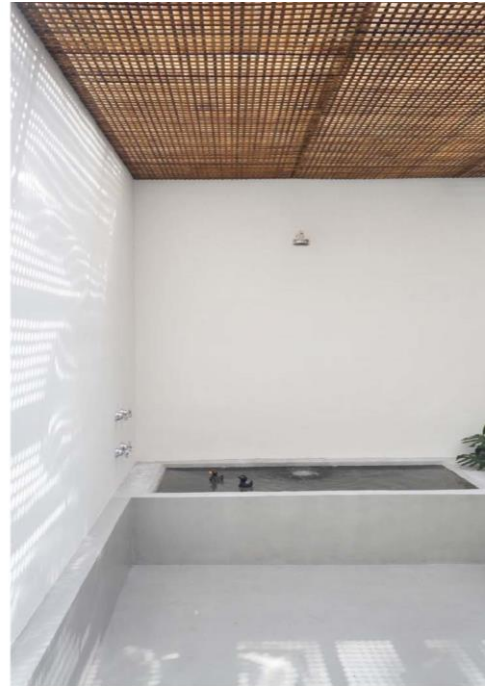


99. Pavimento contínuo de argila compactada. Fonte: <http://providencehillblog.wordpress.com>

100. Compactação. Fonte: <http://www.casa-natural.com>

101. Aplicação do óleo de proteção. Fonte: <http://www.casa-natural.com>

102. Pavimento de argila com junta de madeira. Fonte: <http://skrei.pt>

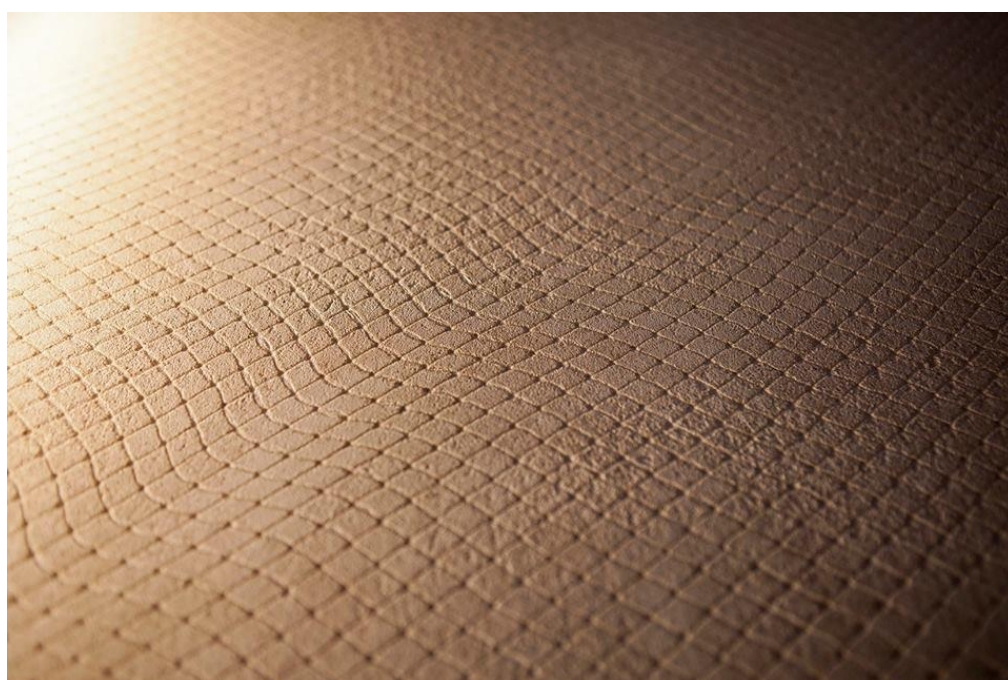


**103.** Revestimento de tadlakt. Fonte: <http://blog.thedpages.com>

**104.** Técnica de polimento com pedra.  
Fonte: <http://www.ikekligermanbarkley.com>

**105.** Tadlakt com junta de madeira. Fonte: <http://skrei.pt>





106. | 107. Revestimentos de paredes em argila.

Fonte: <http://skrei.pt>



## Considerações Finais

A aldeia de Broas faz parte do conjunto de espaços organizados pelos nossos antepassados, que se distribuem pelo território nacional e que, na *maioria anónimos, possuem bom senso, equilíbrio, continuidade e modéstia; qualidades que não existem nas obras recentes*<sup>47</sup>.

Os *fenómenos de mundialização, de normalização, de amnésia forçada*<sup>48</sup>, que hoje a arquitetura e a reabilitação enfrentam, traduzem-se numa *perda da nossa competência de edificar*<sup>49</sup>. (Aguiar, Ribeiro, and Costa 2014)

Num passado onde não existiam arquitetos, *havia sim uma cultura contínua e integrada, que atingia e prendia todos, um sentido comum de pensamento e ação, uma tradição que evoluía lentamente mas com segurança e, traduzidos estes e outros fatores, os espaços eram organizados com coesão, com sentido de realidades, em regime de inteira e total colaboração*<sup>50</sup>.

Dado a evidente desorganização e descontinuidade do espaço, em contraste com as formas equilibradas e harmoniosas do passado de arquitetura popular, surge a questão de qual é o papel do arquiteto na sociedade contemporânea e no contexto da procura da coesão cultural.

Se a coesão cultural tem de ser feita através da educação, também a arquitetura, enquanto elemento fundamental da cultura, tem que ter implícito esse fator. O que significa que o método de exercer arquitetura tem que ser suficientemente aberto à colaboração e potenciar a experiencia. Ou seja, a forma de fazer arquitetura não deve ser através da imposição das formas, mas sim através de *um processo positivo de valorização cultural de todos os que organizam* (Távora, 1982, p. 82), que implica a sua participação ativa da sociedade.~

---

<sup>47</sup> Távora, Fernando. 1982. *Da Organização Do Espaço*. ESBAP. Porto, p.79

<sup>48</sup> Aguiar, José, Vítor Ribeiro, and Miguel Reimão Costa. 2014. "Reabilitar a Reabilitação E Continuar Inovando." *Archdaily*. Retrieved April 23, 2016 (<http://www.archdaily.com>).

<sup>49</sup> *IBIDEM*

<sup>50</sup> Távora, Fernando. 1982. *Da Organização Do Espaço*. ESBAP. Porto, p.79

## Referências Bibliográficas

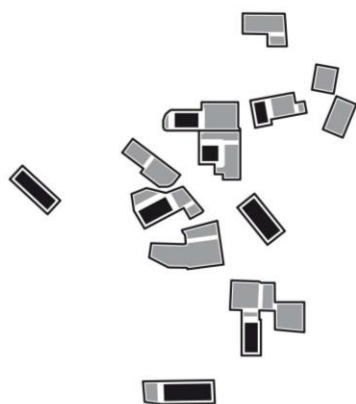
- Anon. 2001. *Plano Regional de Ordenamento Do Território Da Área Metropolitana de Lisboa - Estudos de Fundamentação Técnica*. Lisboa.
- Antunes, Alfredo da Mata. 1964. *Arquitectura E Desenvolvimento Rural*. Lisboa.
- Choay, Françoise. 2005. *Património E Mundialização: Problemáticas E Estratégias*. 2ª edição. edited by E. Licorne/CHAIA. Évora.
- Costa, António Firmino da and José Manuel Leite Viegas. 1998. *Portugal, Que Modernidade?* Celta Edit. Oeiras.
- Cotter, Ana Berkley. 2013. *Casa Em Paredelhas - O Desenho de Fernando Távora Na Arquitectura Popular*. Norprint -.
- Covas, António and Maria das Mercês Covas. 2012. *A Caminho Da 2ª Ruralidade*. edited by F. Mão de Ferro. Lisboa.
- Delicado, Alda. 2011. "Contributo Para a Caracterização Do Mundo Rural Olisiponense." Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Dias, Olga Filipa Pereira. 2015. "O Encontro Da História Com a Forma Architectónica - Memória E Cultura Portuguesa Na Arquitectura de Alexandre Alves Costa E Sérgio Fernandez." FCTUC.
- Fernandes, José Manuel and Maria de Lurdes Janeiro. 1990a. *Arquitectura Vernácula Da Região Saloia - Enquadramento Na Área Atlântica*. edited by I. de C. e L. P.-M. da Educação.
- Fernandes, José Manuel and Maria de Lurdes Janeiro. 1990b. *Arquitectura Da Região Saloia - Enquadramento Na Área Atlântica*. 1991st ed. edited by Instituto da Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação. Lisboa.
- Filipe, Marisa. 2001. "Estudos Sobre a Aldeia de Broas." Universidade de Évora.
- Gaspar, Jorge. 1993. *Território Dos Saloios*. Sintra.
- Leal, João. 2008. "Arquitectos, Engenheiros E Antropólogos: Estudos Sobre a Arquitectura Popular No Século XX Português." in *Conferência Architecto Marques da Silva*.
- Magalhães, Manuela Raposo. n.d. *Complexidade Da Paisagem Metropolitana*.
- Mantero, Ana. 2007. "Broas, Memórias de Outros Tempos."
- Monteiro, Diogo Filipe Frade. 2015. "Reabilitação Architectónica E Urbana Da Aldeia de Broas Como Estratégia de Desenvolvimento Regional." Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- Museologia, Associação Portuguesa de. 1986. "Colóquio APOM/85 - Extracto Das Actas - Museu Da Região de Sintra." in *Cadernos de Museologia*, edited by E. da C. M. de S. (Serviços Culturais). Sintra.

- Pereira, Ana Ramos. 2003. *Diversidade Do Meio Físico E Recursos Naturais*. Lisboa.
- Peres, Rosa [et al. ... 1996. "Ingredientes Para a Reabilitação de Broas: 100g de Cultura, 50g de Tradição, 80g de Desenvolvimento, Interesse Q.b." *Boletim Cultural'* 96 233–50.
- Ribeiro, José Cardim, M. Elisabeth Figueiredo Cabral, and M. Luísa Abreu Nunes. 1986. *Contributos Museológicos Para Uma Abordagem Antropológica Da Região Saloia*. Sintra.
- Ribeiro, Vítor, José Aguiar, and Miguel Reimão Costa. 2012. *Do Inquérito À Arquitetura Regional Portuguesa À Investigação Local Aplicada: A Experiência Do GTAA Sotavento Nos Domínios Da Investigação Sobre O Património Vernacular Construído*. Porto.
- Távora, Fernando. 1982. *Da Organização Do Espaço*. ESBAP. Porto.
- Anon. 2001. *Plano Regional de Ordenamento Do Território Da Área Metropolitana de Lisboa - Estudos de Fundamentação Técnica*. Lisboa.
- Antunes, Alfredo da Mata. 1964. *Arquitectura E Desenvolvimento Rural*. Lisboa.
- Choay, Françoise. 2005. *Património E Mundialização: Problemáticas E Estratégias*. 2ª edição. edited by E. Licorne/CHAIA. Évora.
- Costa, António Firmino da and José Manuel Leite Viegas. 1998. *Portugal, Que Modernidade?* Celta Edit. Oeiras.
- Cotter, Ana Berkley. 2013. *Casa Em Pardelhas - O Desenho de Fernando Távora Na Arquitectura Popular*. Norprint -.
- Covas, António and Maria das Mercês Covas. 2012. *A Caminho Da 2ª Ruralidade*. edited by F. Mão de Ferro. Lisboa.
- Delicado, Alda. 2011. "Contributo Para a Caracterização Do Mundo Rural Olisiponense." Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Dias, Olga Filipa Pereira. 2015. "O Encontro Da História Com a Forma Arquitectónica - Memória E Cultura Portuguesa Na Arquitectura de Alexandre Alves Costa E Sergio Fernandez." FCTUC.
- Fernandes, José Manuel and Maria de Lurdes Janeiro. 1990a. *Arquitectura Vernácula Da Região Saloia - Enquadramento Na Área Atlântica*. edited by I. de C. e L. P.-M. da Educação.
- Fernandes, José Manuel and Maria de Lurdes Janeiro. 1990b. *Arquitectura Da Região Saloia - Enquadramento Na Área Atlântica*. 1991st ed. edited by Instituto da Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação. Lisboa.
- Filipe, Marisa. 2001. "Estudos Sobre a Aldeia de Broas." Universidade de Évora.
- Gaspar, Jorge. 1993. *Território Dos Saloios*. Sintra.
- Leal, João. 2008. "Arquitectos, Engenheiros E Antropólogos: Estudos Sobre a Arquitectura Popular No Século XX Português." in *Conferência Arquitecto Marques da Silva*.

- Magalhães, Manuela Raposo. n.d. *Complexidade Da Paisagem Metropolitana*.
- Mantero, Ana. 2007. "Broas, Memórias de Outros Tempos."
- Monteiro, Diogo Filipe Frade. 2015. "Reabilitação Arquitetónica E Urbana Da Aldeia de Broas Como Estratégia de Desenvolvimento Regional." Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- Museologia, Associação Portuguesa de. 1986. "Colóquio APOM/85 - Extracto Das Actas - Museus Da Região de Sintra." in *Cadernos de Museologia*, edited by E. da C. M. de S. (Serviços Culturais). Sintra.
- Pereira, Ana Ramos. 2003. *Diversidade Do Meio Físico E Recursos Naturais*. Lisboa.
- Peres, Rosa [et al. .. 1996. "Ingredientes Para a Reabilitação de Broas: 100g de Cultura, 50g de Tradição, 80g de Desenvolvimento, Interesse Q.b." *Boletim Cultural* 96 233–50.
- Ribeiro, José Cardim, M. Elisabeth Figueiredo Cabral, and M. Luísa Abreu Nunes. 1986. *Contributos Museológicos Para Uma Abordagem Antropológica Da Região Saloia*. Sintra.
- Ribeiro, Vítor, José Aguiar, and Miguel Reimão Costa. 2012. *Do Inquérito À Arquitetura Regional Portuguesa À Investigação Local Aplicada: A Experiência Do GTAA Sotavento Nos Domínios Da Investigação Sobre O Património Vernacular Construído*. Porto.
- Távora, Fernando. 1982. *Da Organização Do Espaço*. ESBAP. Porto.

## Anexos

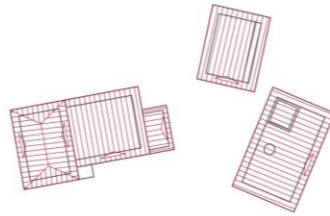
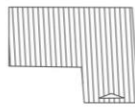
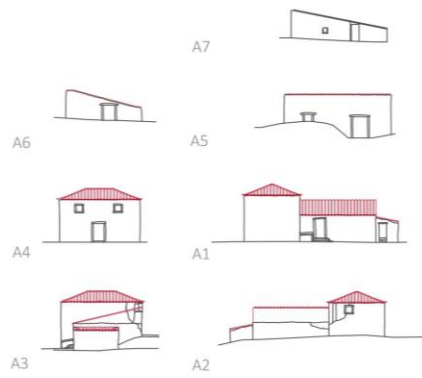
### ANEXOS I – Levantamento do existente



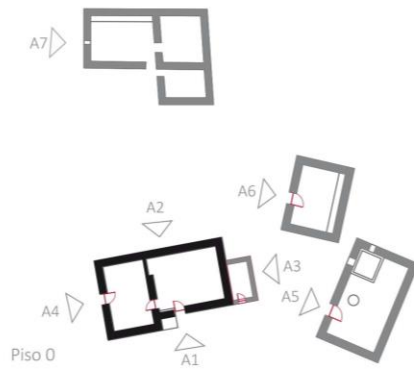
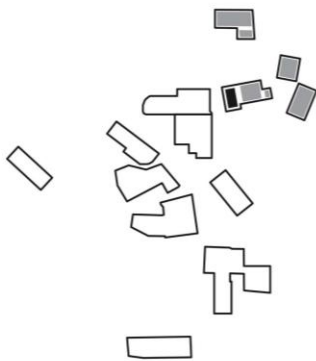
#### LEGENDA ESQUEMAS

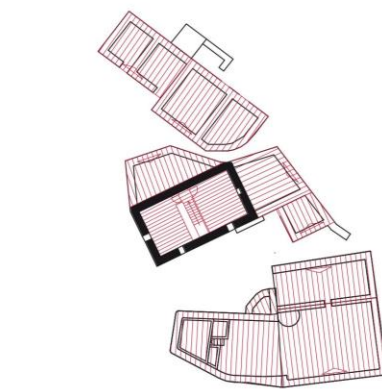
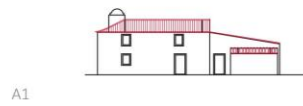
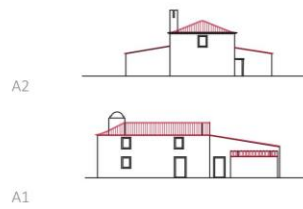
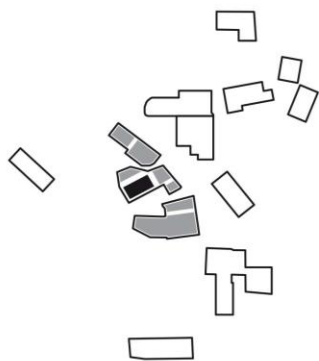
Existente	—
Estado original	—
Paredes de pedra argamassada	■
Paredes de pedra aparelhada	■



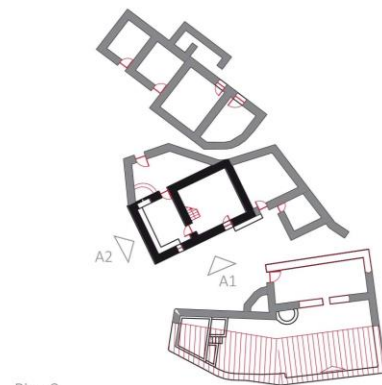


Coberturas

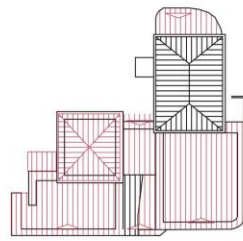




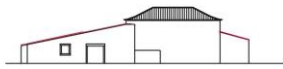
Piso 1



Piso 0



Coberturas



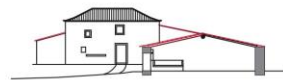
A2



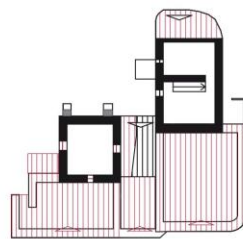
A1



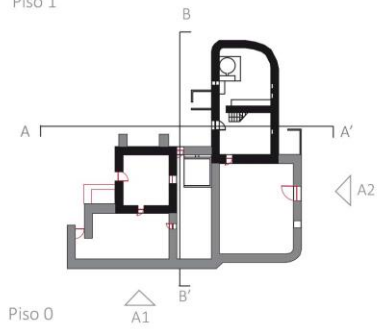
[BB']



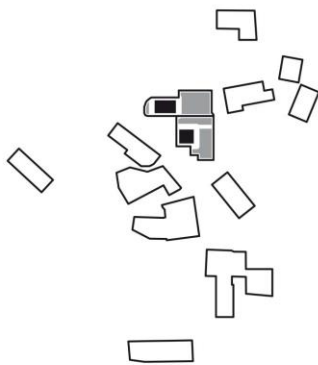
[AA']

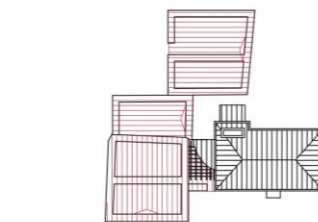
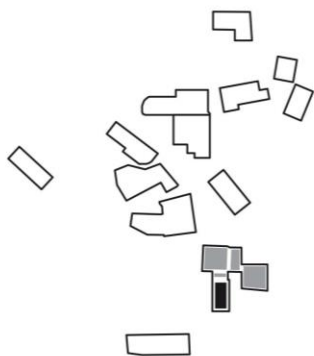


Piso 1

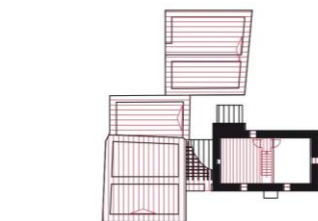


Piso 0

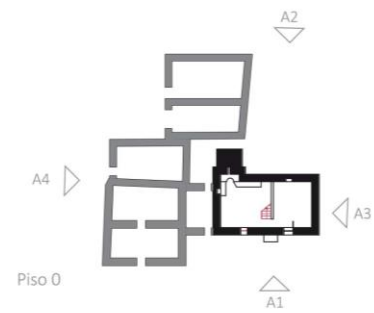




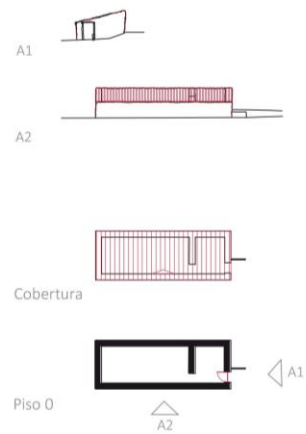
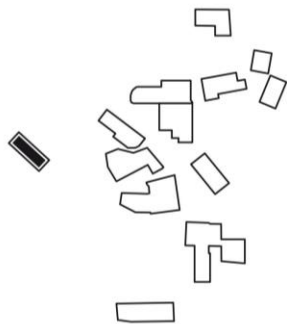
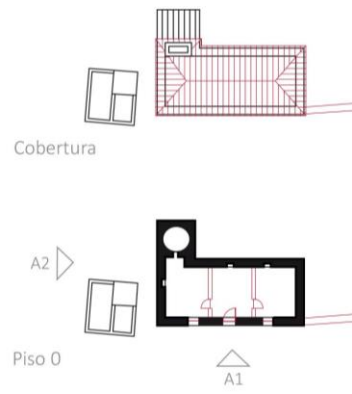
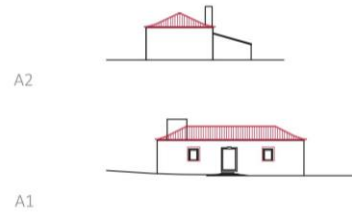
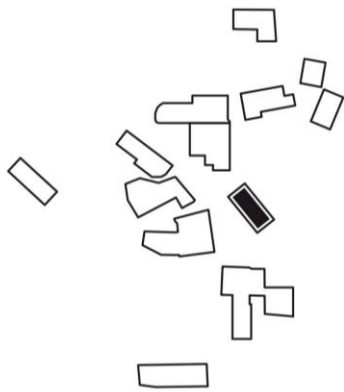
Coberturas



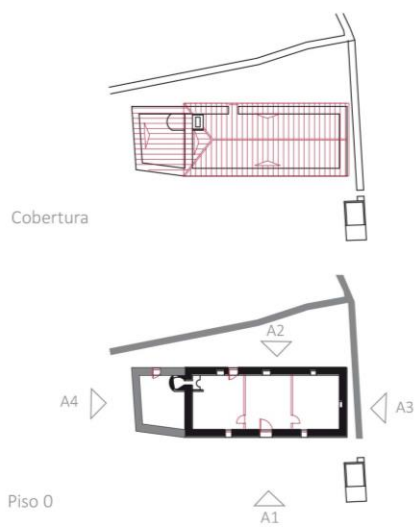
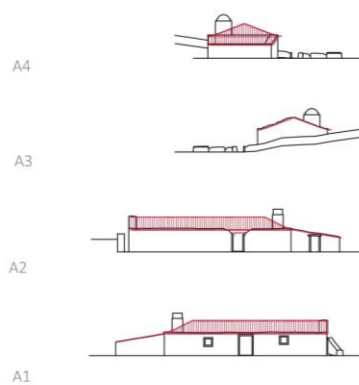
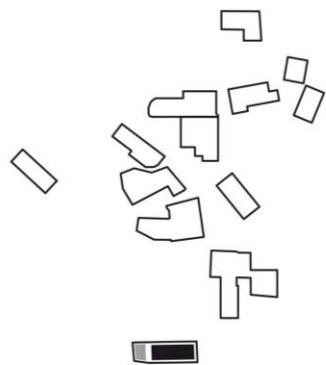
Piso 1



Piso 0

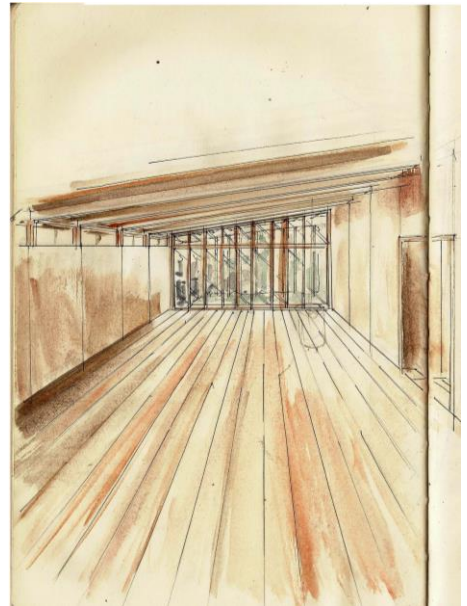
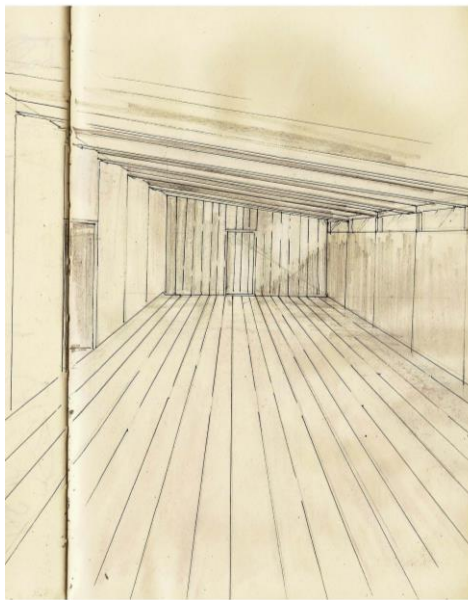
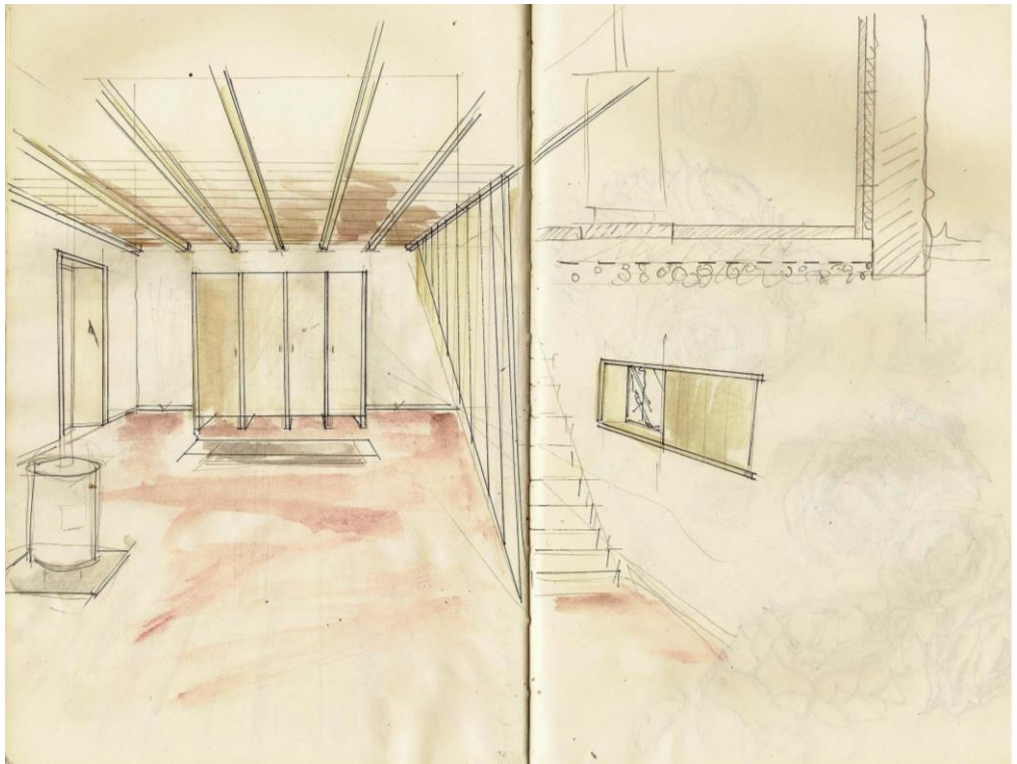




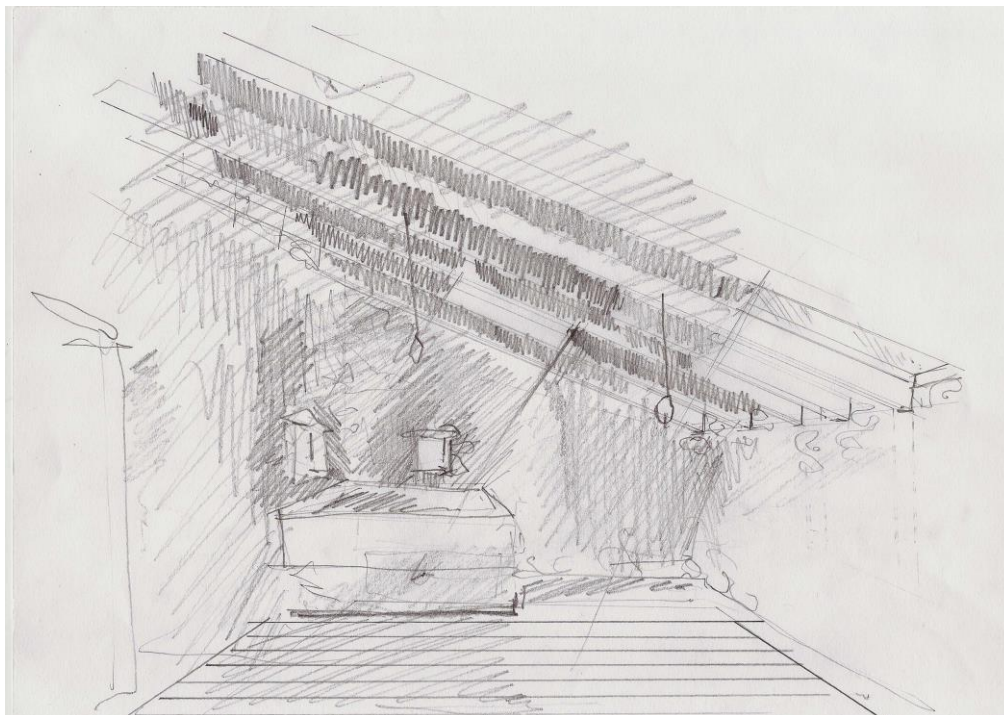
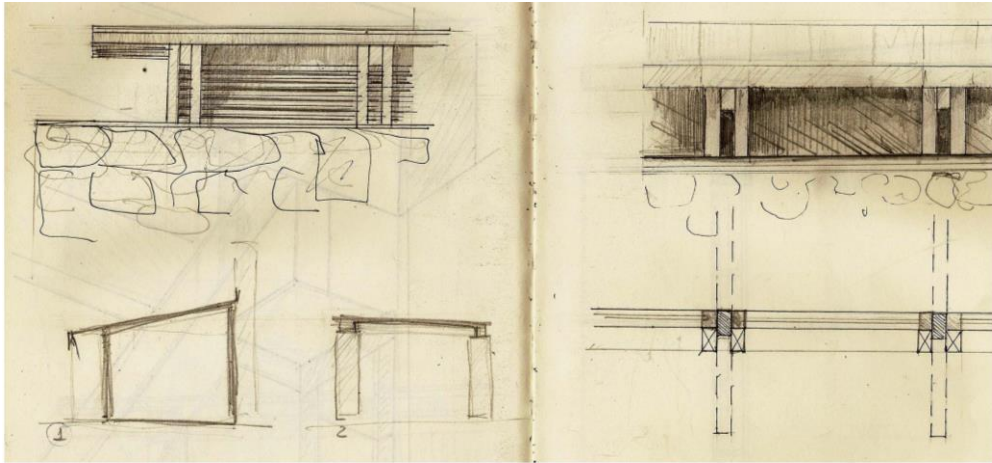


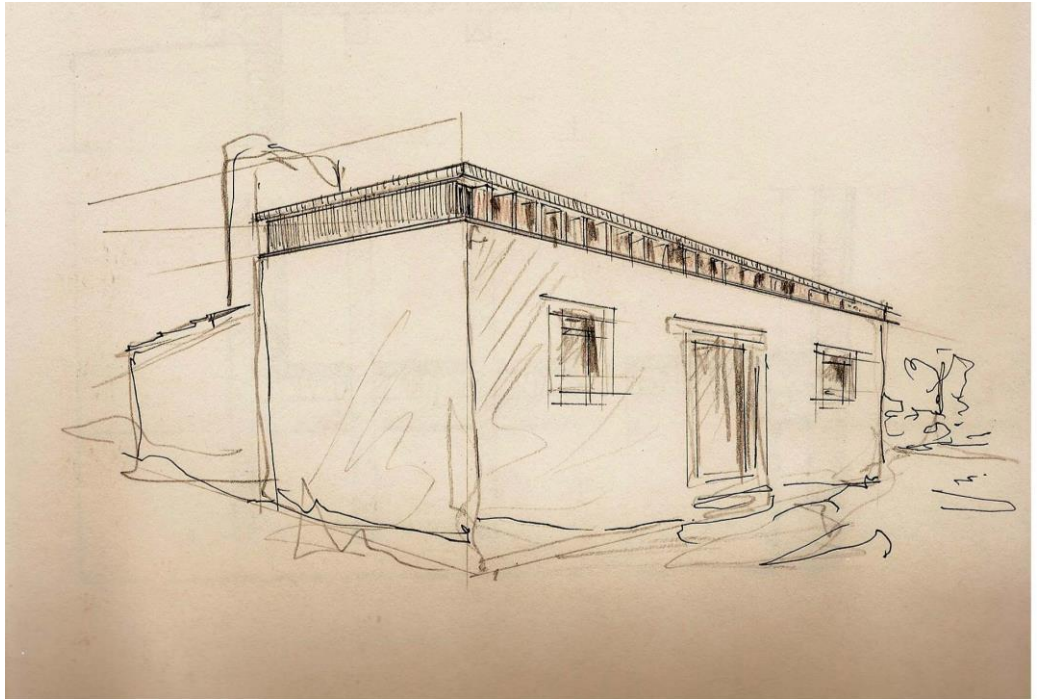
## ANEXOS II – Processo



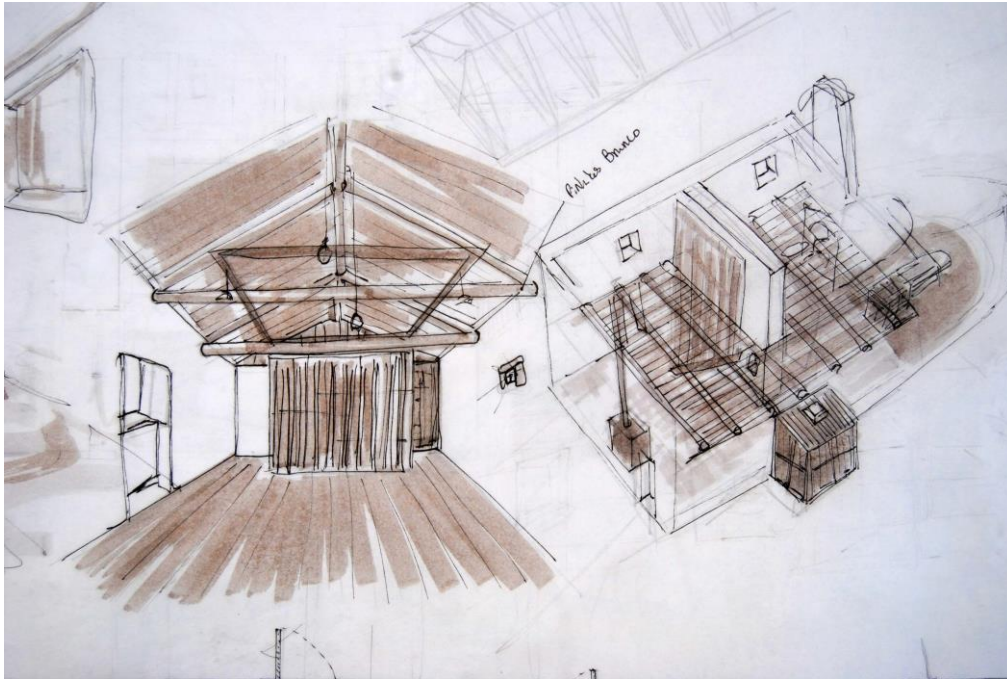








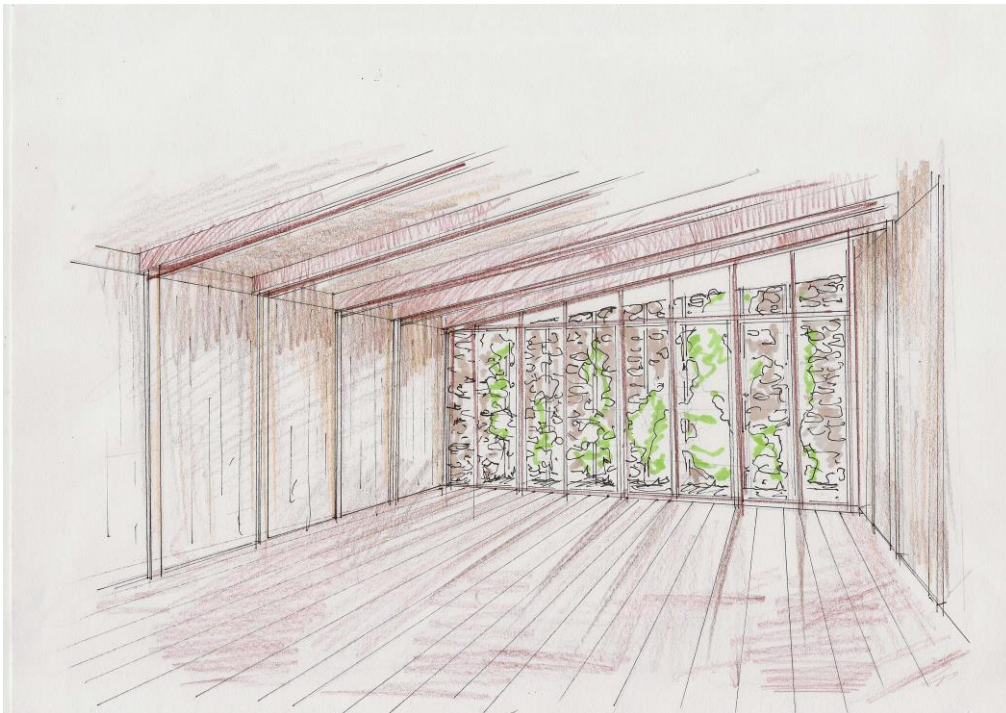




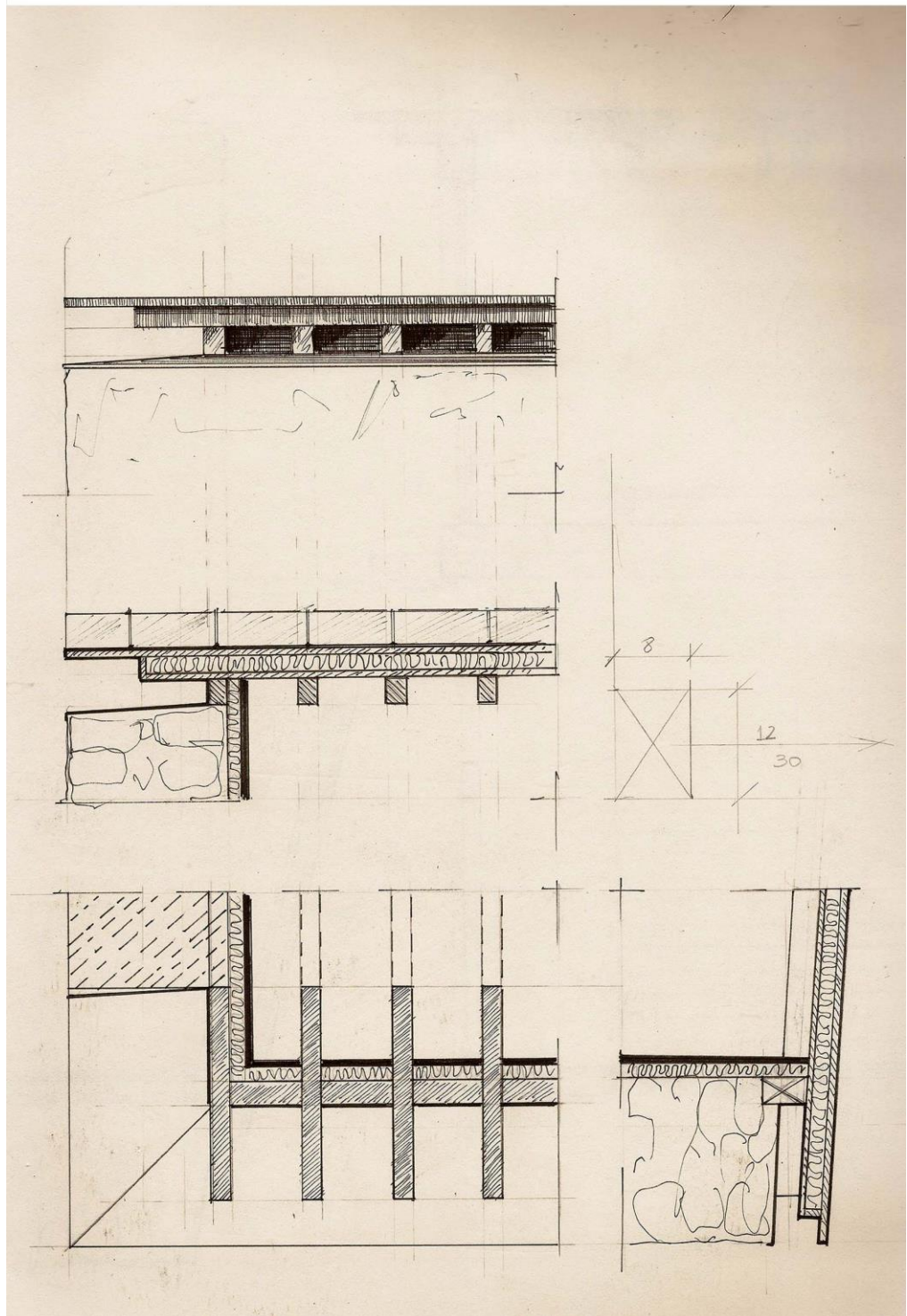
### ANEXOS III – Vistas da intervenção



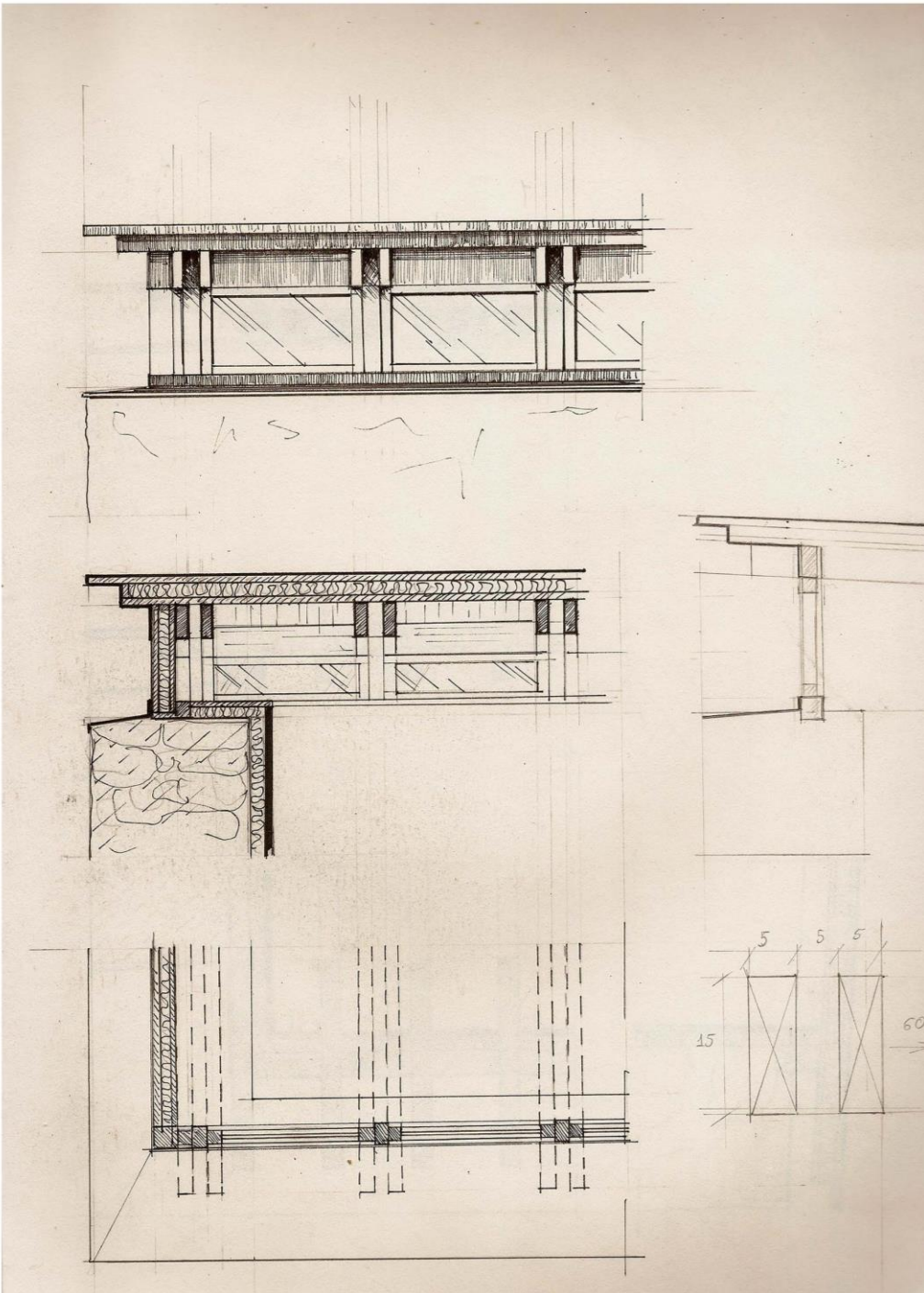




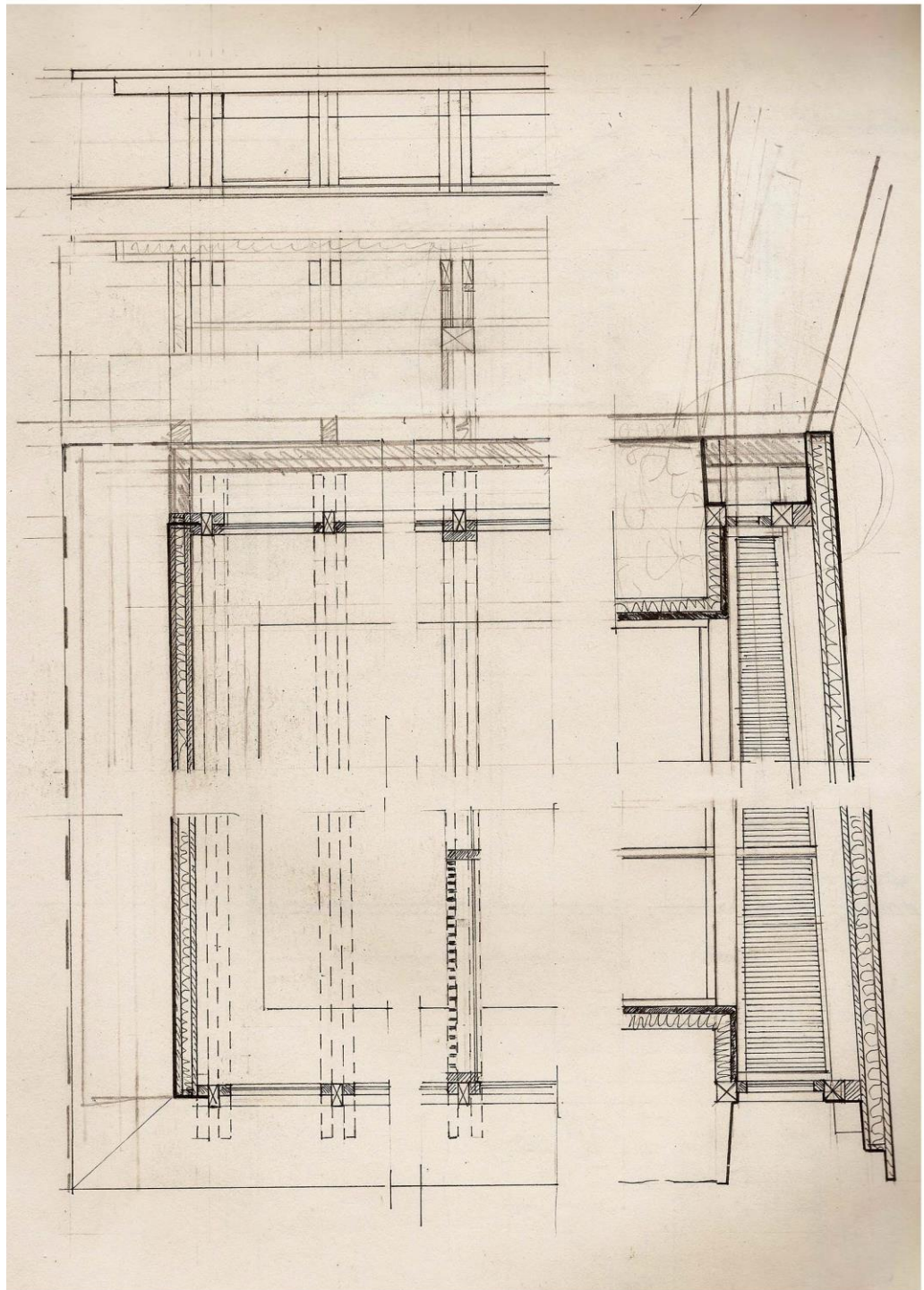
ANEXOS IV – Pormenores das coberturas

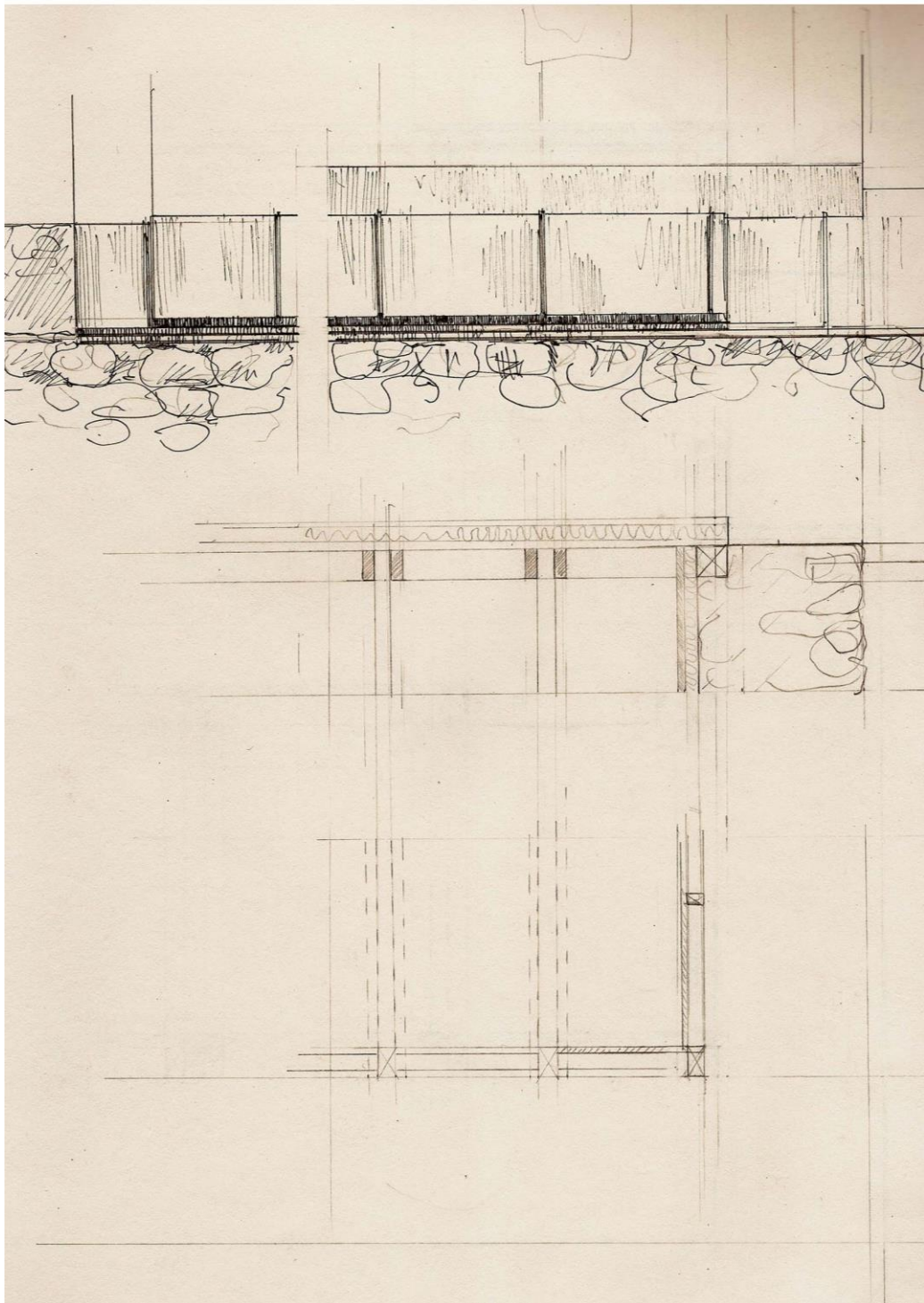














ANEXOS V – Fotografias da Maqueta











## **ANEXOS VI – Peças desenhadas finais**

**P01** – Análise do território -Território Sintra-Mafra \_ 1/25000

**P02** – Análise do território - Vale de Cheleiros \_ 1/6000

**P03** – Planta de implantação \_1/1000

**P04** – Planta de coberturas \_1/500

**P05** – Síntese de intervenção \_ esquema

**P06** – A pré-existência \_registo fotográfico

**P07** – Planta de coberturas \_1/200

**P08** – Planta e cortes \_1/100

**P09** – Planta e cortes \_1/100

**P10**– Planta e cortes \_1/100

**P11** – Planta e cortes \_1/100

**P12** – Planta e cortes \_1/100

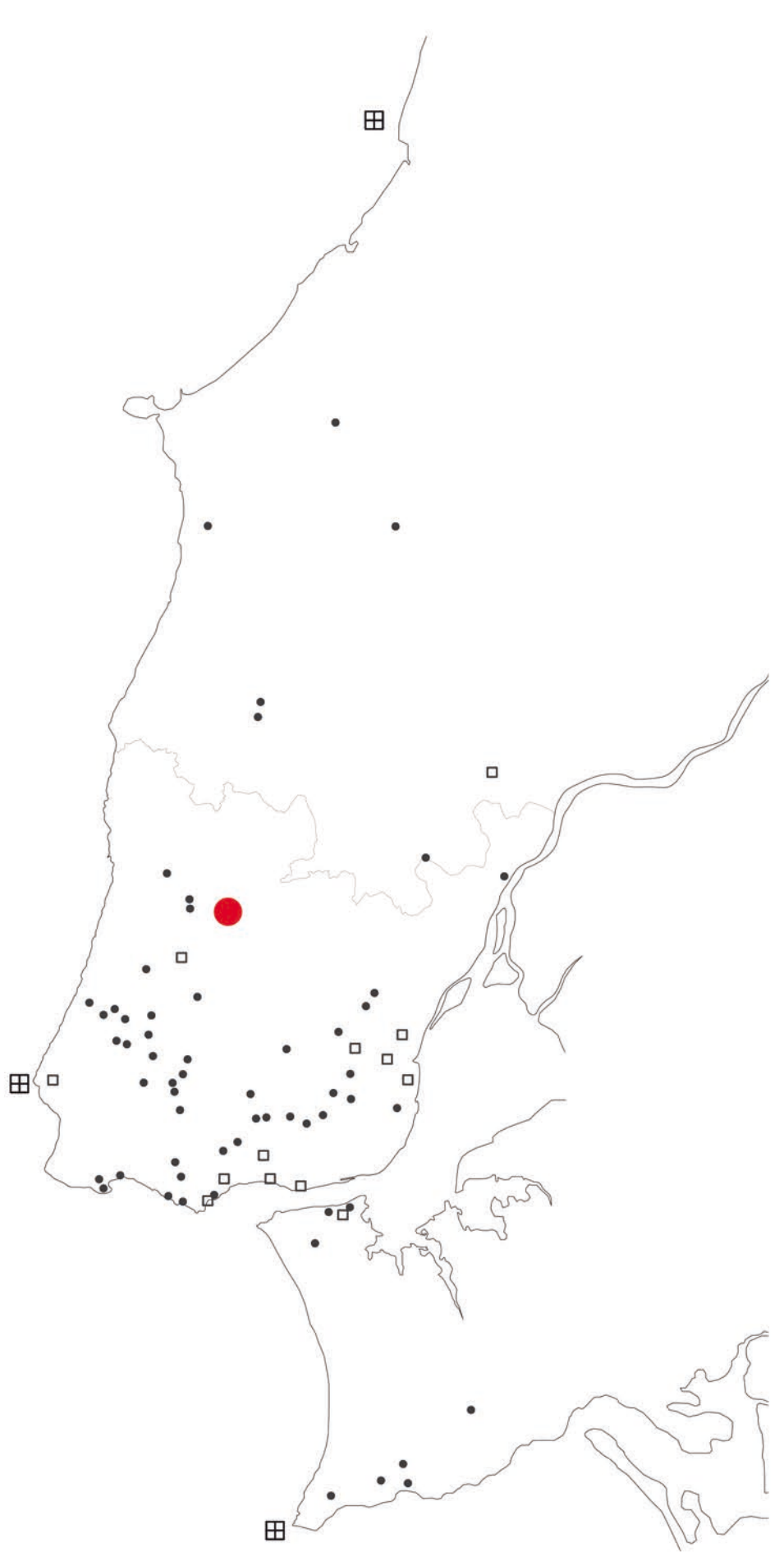
**P13** – Planta e cortes \_1/100

**P14** – Pormenorização \_1/50

**P15** – Pormenorização \_1/50

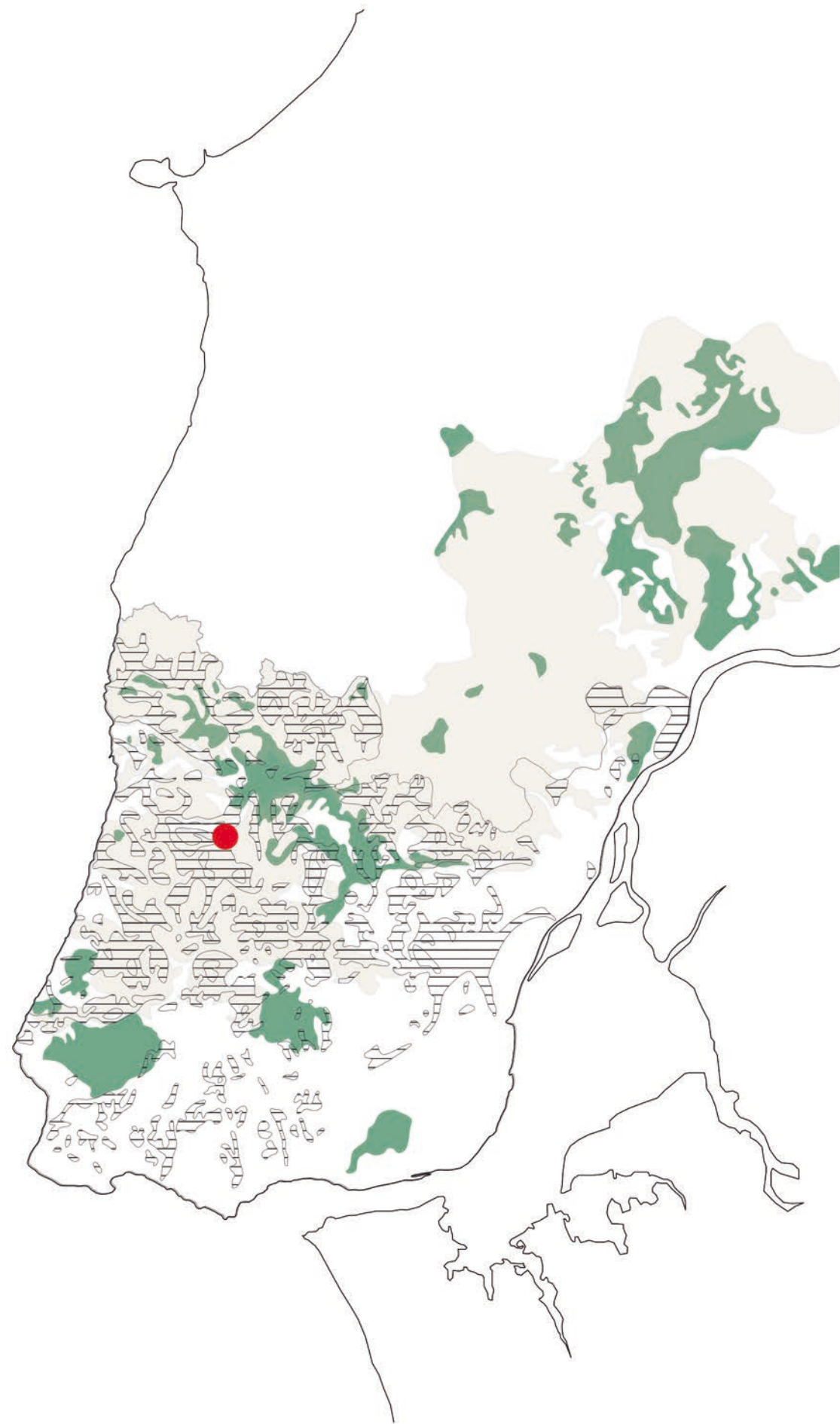
**P16** – Pormenorização \_1/20





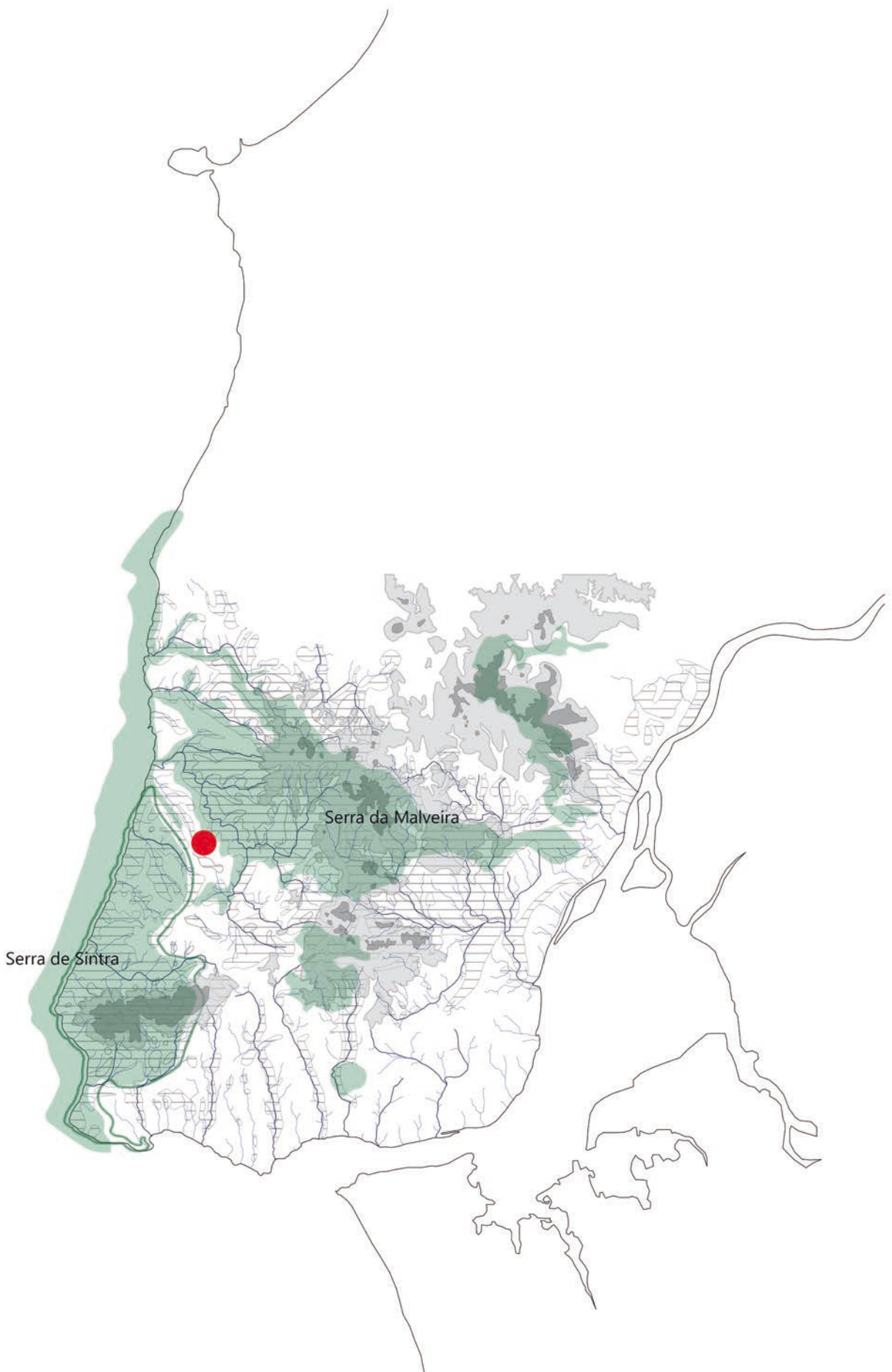
TERRITÓRIO SALOIO. REFERÊNCIAS DE OCUPAÇÃO SALOIA.

- Reguengos
- ▣ Locais de Peregrinação
- Referências de arquitetura saloia



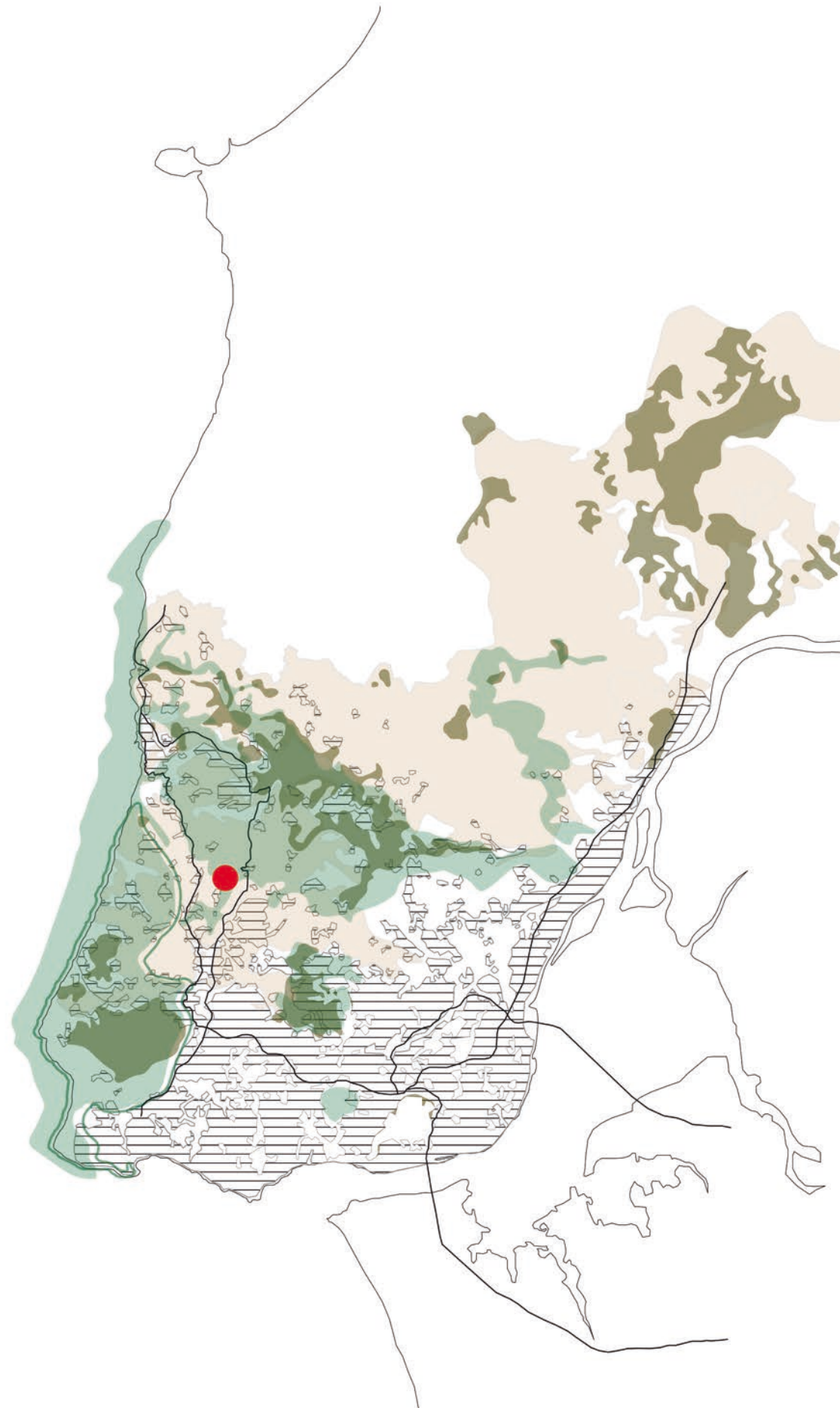
NORTE AGROFLORESTAL. ÁREAS DE USO AGRÍCOLA E FLORESTAL.

- REN
- Área florestal
- Área agrícola



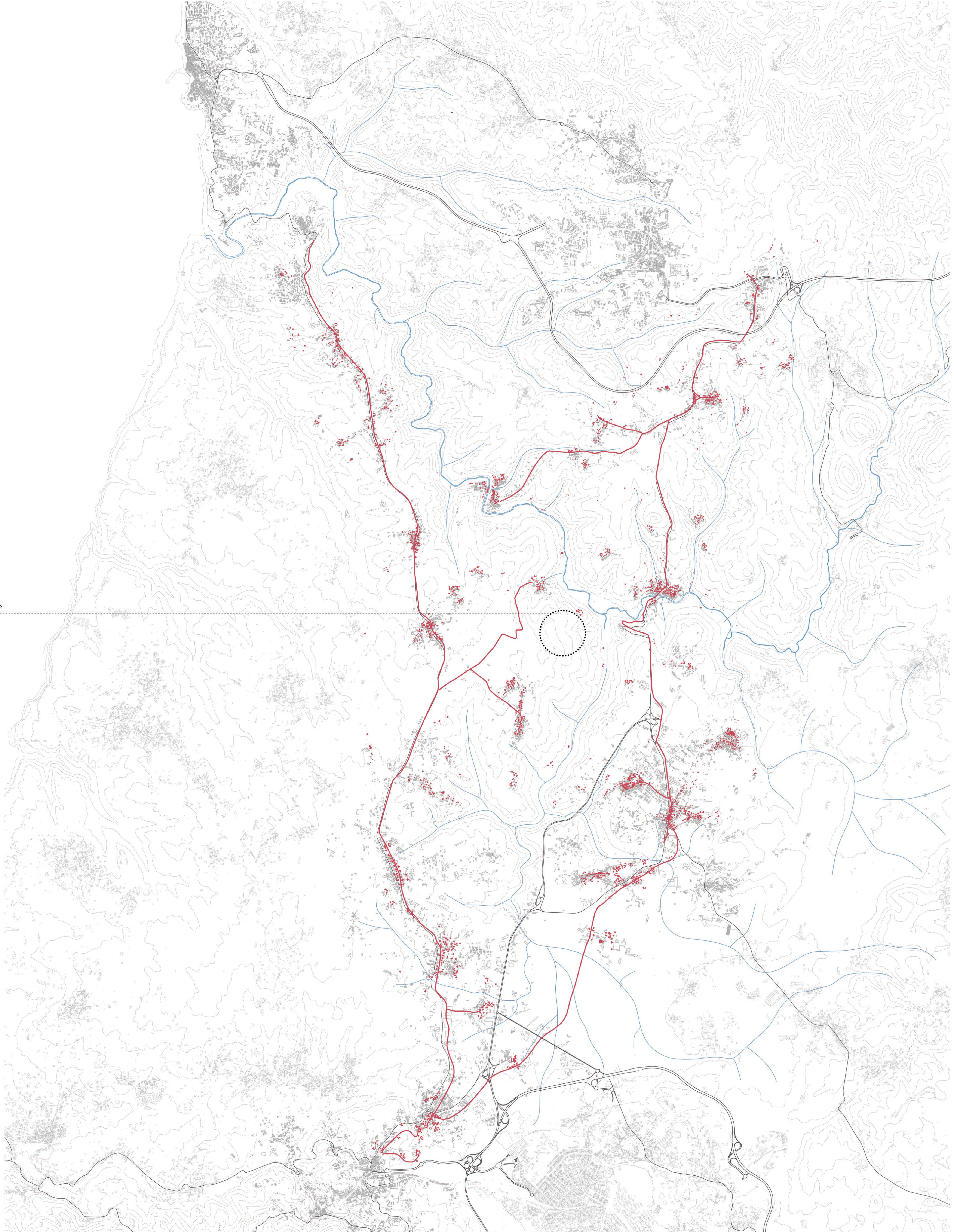
DIVERSIDADE E QUALIDADE NATURAL. ÁREAS DE PRIORIDADE DE CONSERVAÇÃO / PRINCIPAIS SERRAS / REDE HIDRÓFUGA.

- REN
- Área de conservação da natureza
- Altitude +175
- Altitude +275
- Parque Natural Sintra-Cascais



TERRITÓRIO RURAL A PRESERVAR. A EXPANSÃO URBANA E ÁREAS NATURAIS / ATIVIDADES AGROFLORESTAIS.

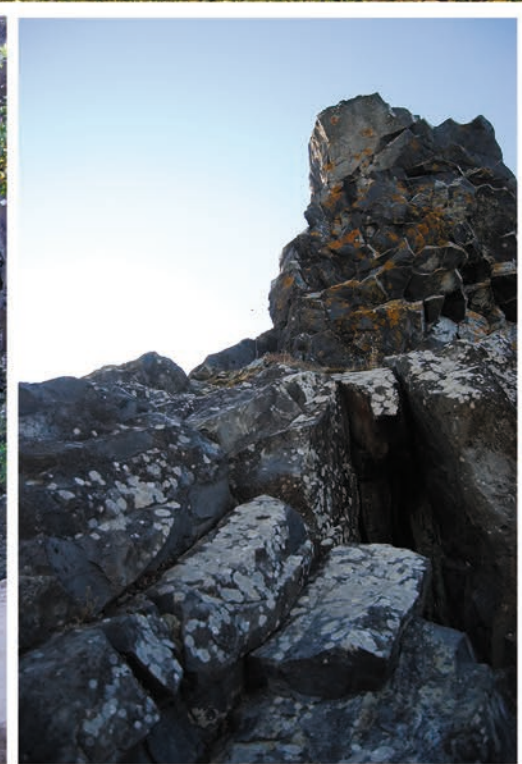
- Área urbana / urbanizável
- Área de conservação da natureza
- Área florestal
- Área agrícola
- Parque Natural Sintra-Cascais
- Principais vias de acesso



TERRITÓRIO SINTRA-MAFRA. SOBREPOSIÇÃO DA OCUPAÇÃO TRADICIONAL AO EDIFICADO E VIAS ATUAIS.

ESC. 1:25000





CASCATAS DE ANÇOS

PENEDO DO LEXIM

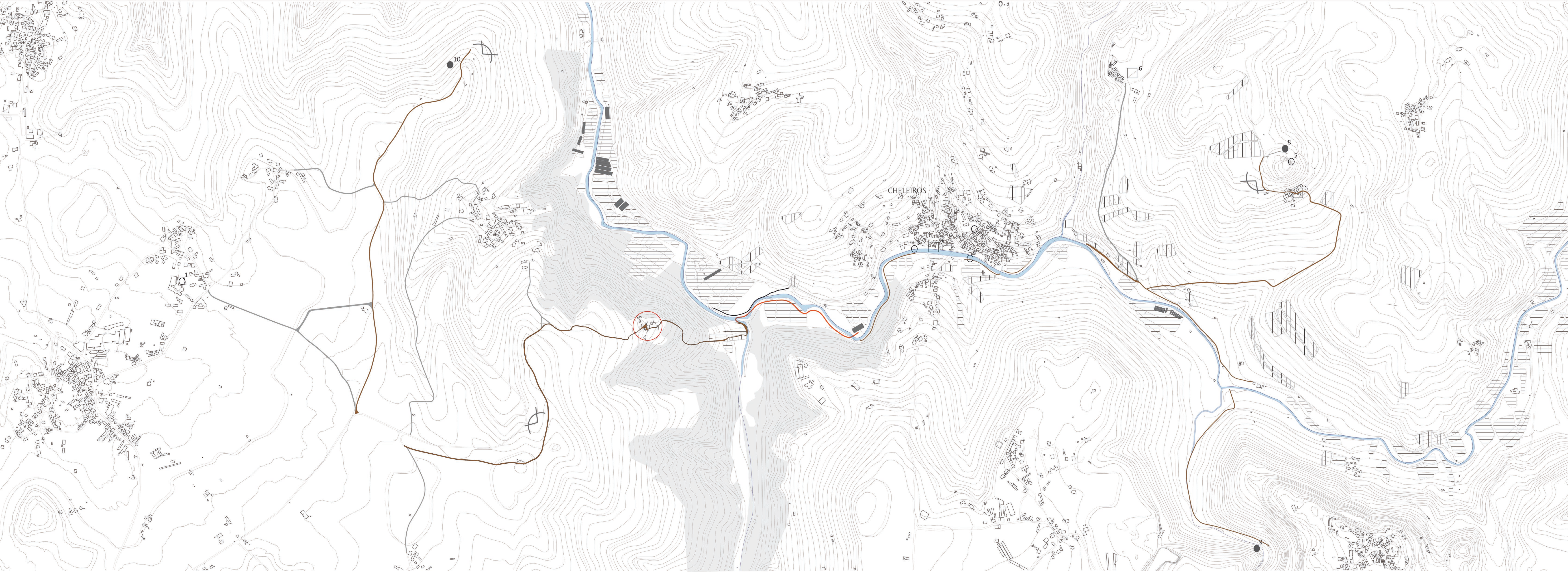
VALE AGRÍCOLA

CAPELA DO ESPÍRITO SANTO

PONTE ANTIGA DE CHELEIROS

CAMINHO DOS MOINHOS

VISTA DO PENEDO DO LEXIM



PATRIMÓNIO CLASSIFICADO

- 1- RUÍNAS DE ODRINHAS- MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ODRINHAS
- 2- IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO ROCADOR
- 3- CAPELA DO ESPÍRITO SANTO
- 4- PONTE ANTIGA DE CHELEIROS
- 5- PENEDO DO LEXIM

TURISMO RURAL

- 6- TURISMO DE HABITAÇÃO
- 7- ENOTURISMO

LOCAIS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO

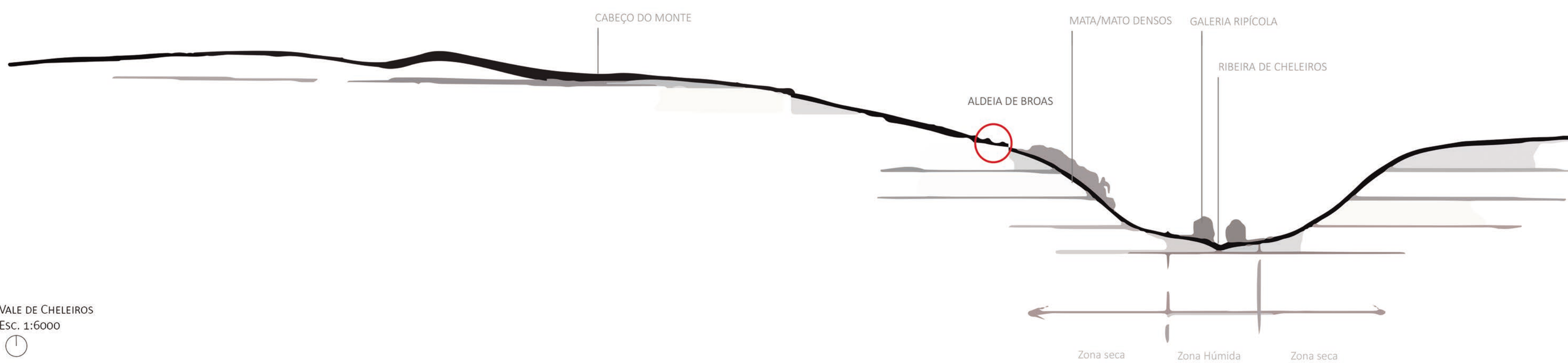
- 8- PENEDO DO LEXIM
- 9- CASCATAS DE ANÇOS
- 10- CAMINHO DOS MOINHOS

ACTIVIDADE AGRÍCOLA

- ESTUFAS
- VINHAS
- CULTURAS DE RAGADIO

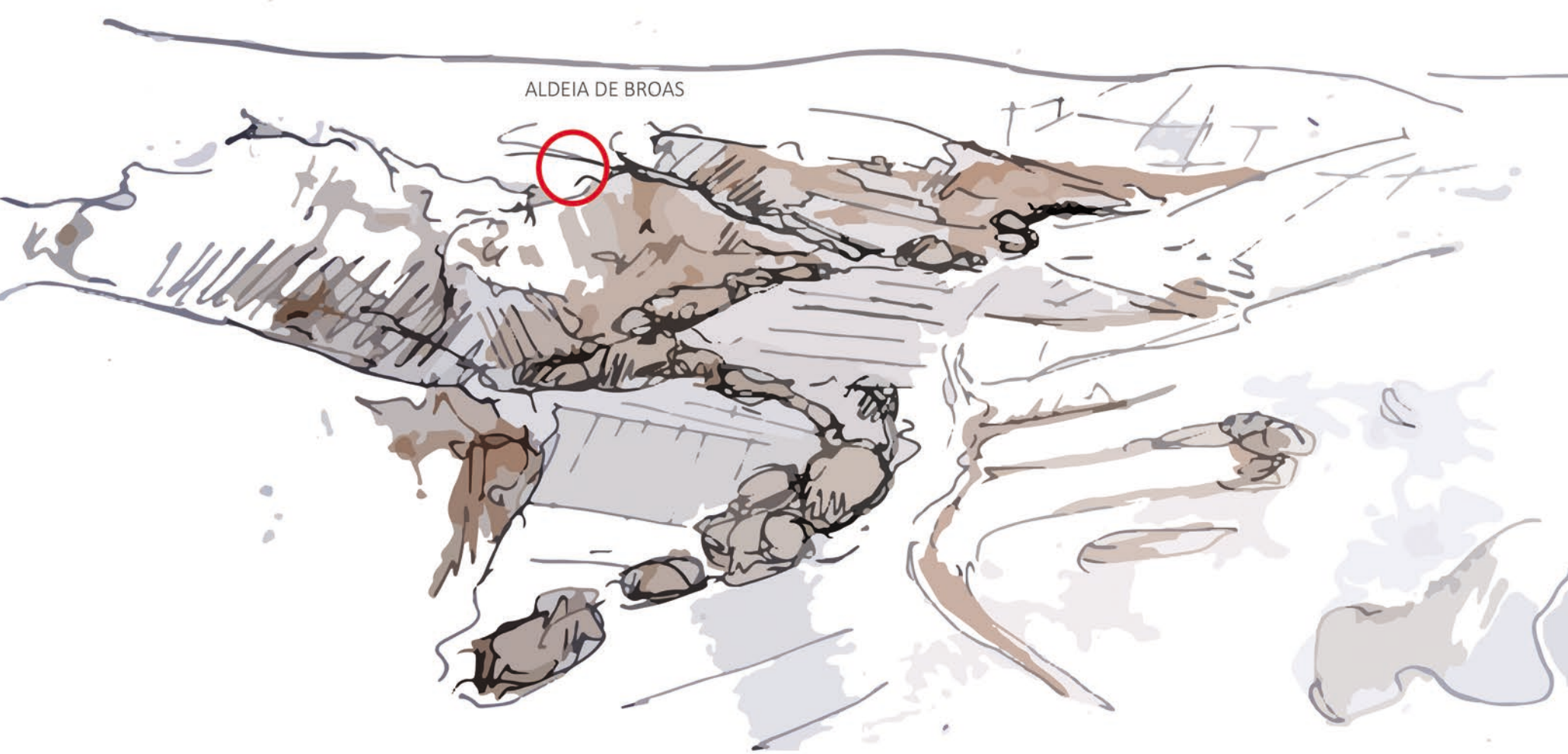
PERCURSOS

- CAMINHOS EXISTENTES
- PROPOSTA DE UM TROÇO DE LIGAÇÃO
- VISTAS

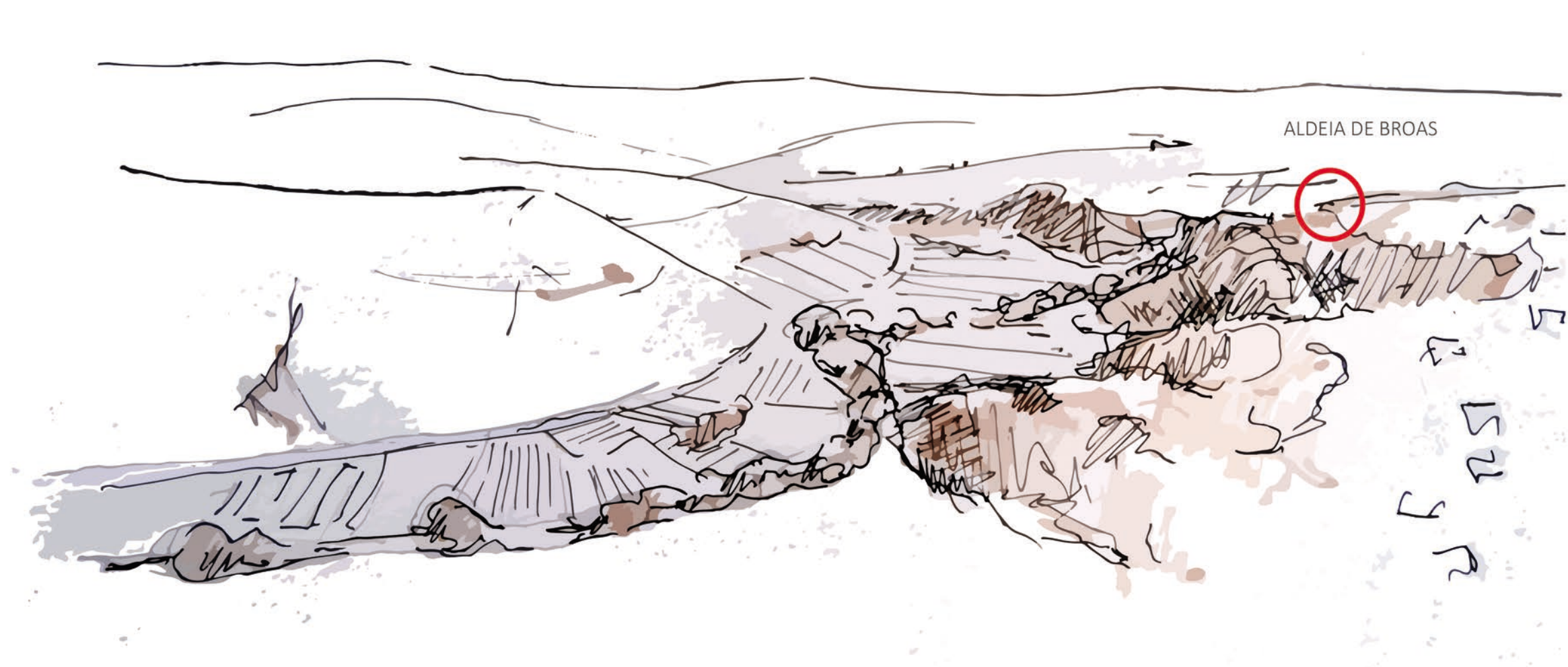


VALE DE CHELEIROS  
Esc. 1:6000

HABITAR A RUÍNA, VIVER A MEMÓRIA  
REABILITAÇÃO DA ALDEIA DE BROAS



Vista do Vale de Cheleiros\_ Direcção Norte



Vista do Vale de Cheleiros\_ Direcção Sul





CHEGADA À ALDEIA



POÇO



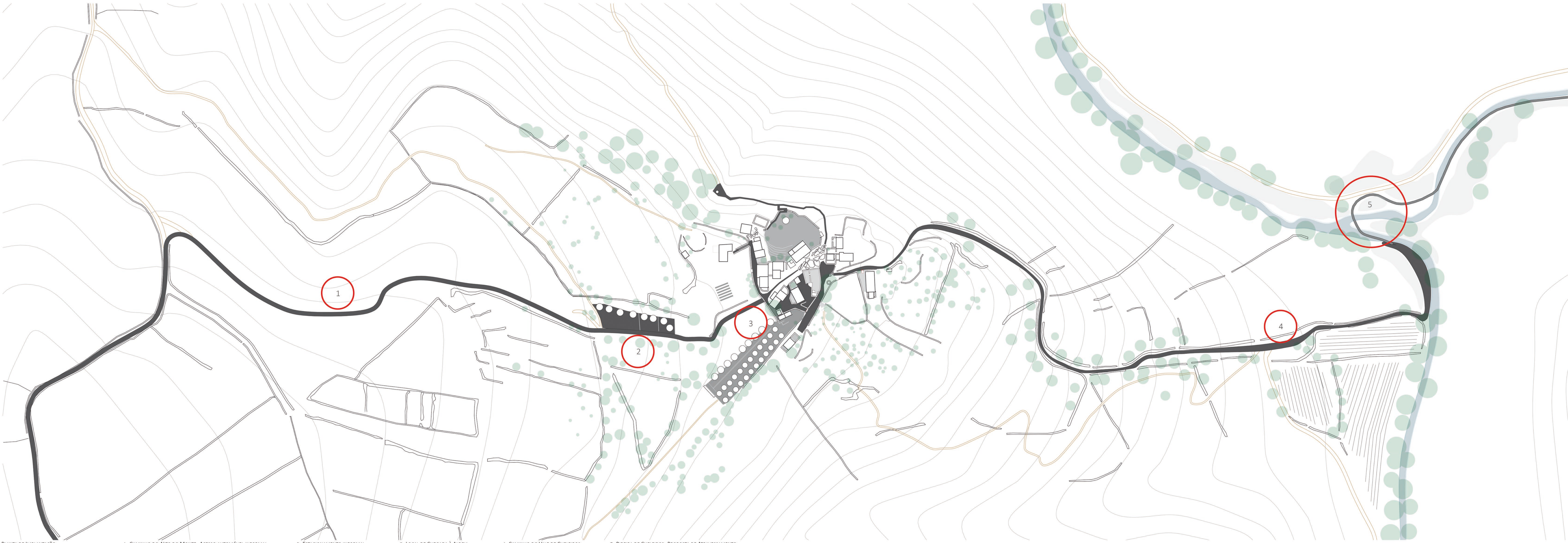
CAMINHO DO ALTO DO MONTE



RIBEIRA DE CHELEIROS

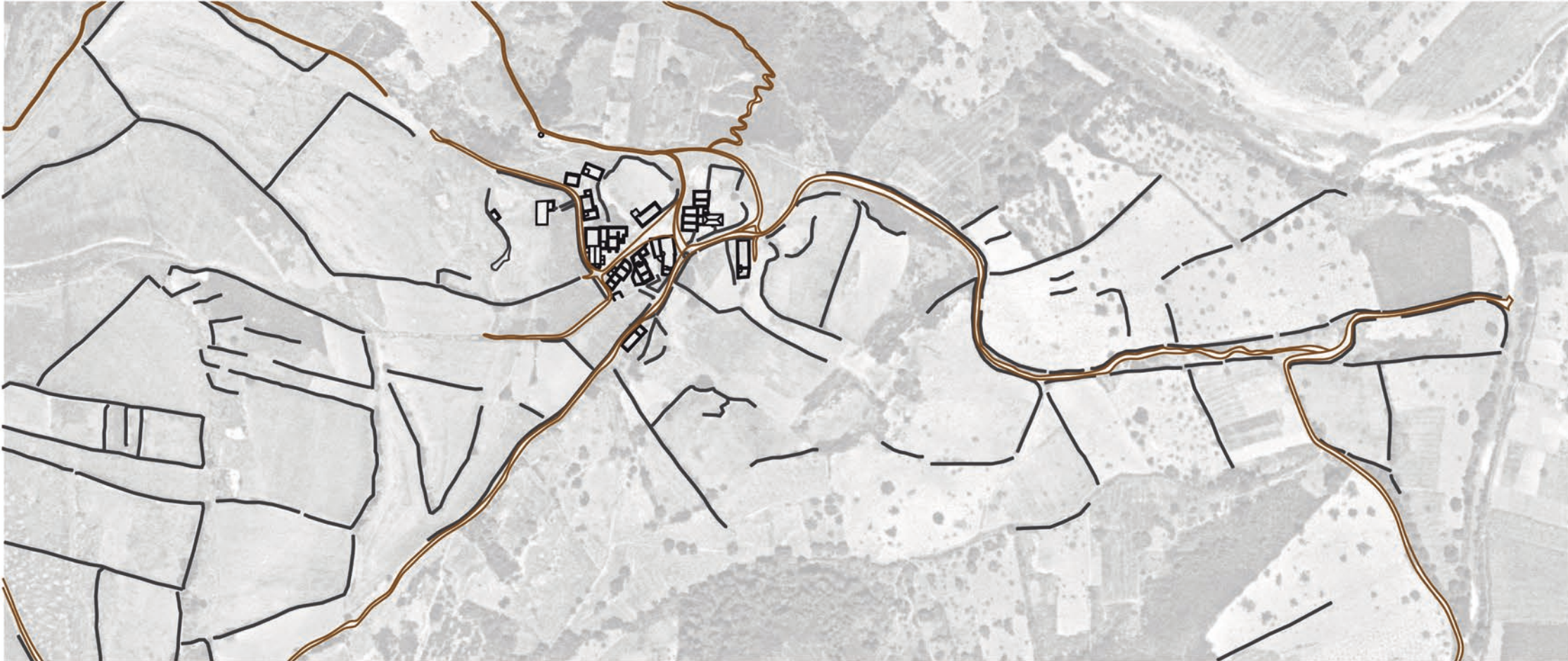


VALE DE CHELEIROS



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO  
Esc. 1:1000

1- CAMINHO DO ALTO DO MONTE- ACESSO AUTOMÓVEL INFORMAL  
2- ESTACIONAMENTO INFORMAL  
3- LOCAL DE CHEGADA À ALDEIA  
4- CAMINHO DO VALE DE CHELEIROS  
5- RIBEIRA DE CHELEIROS- PROPOSTA DE ATRAVESSAMENTO



SEM ESCALA







CAMINHO PRINCIPAL DA ALDEIA



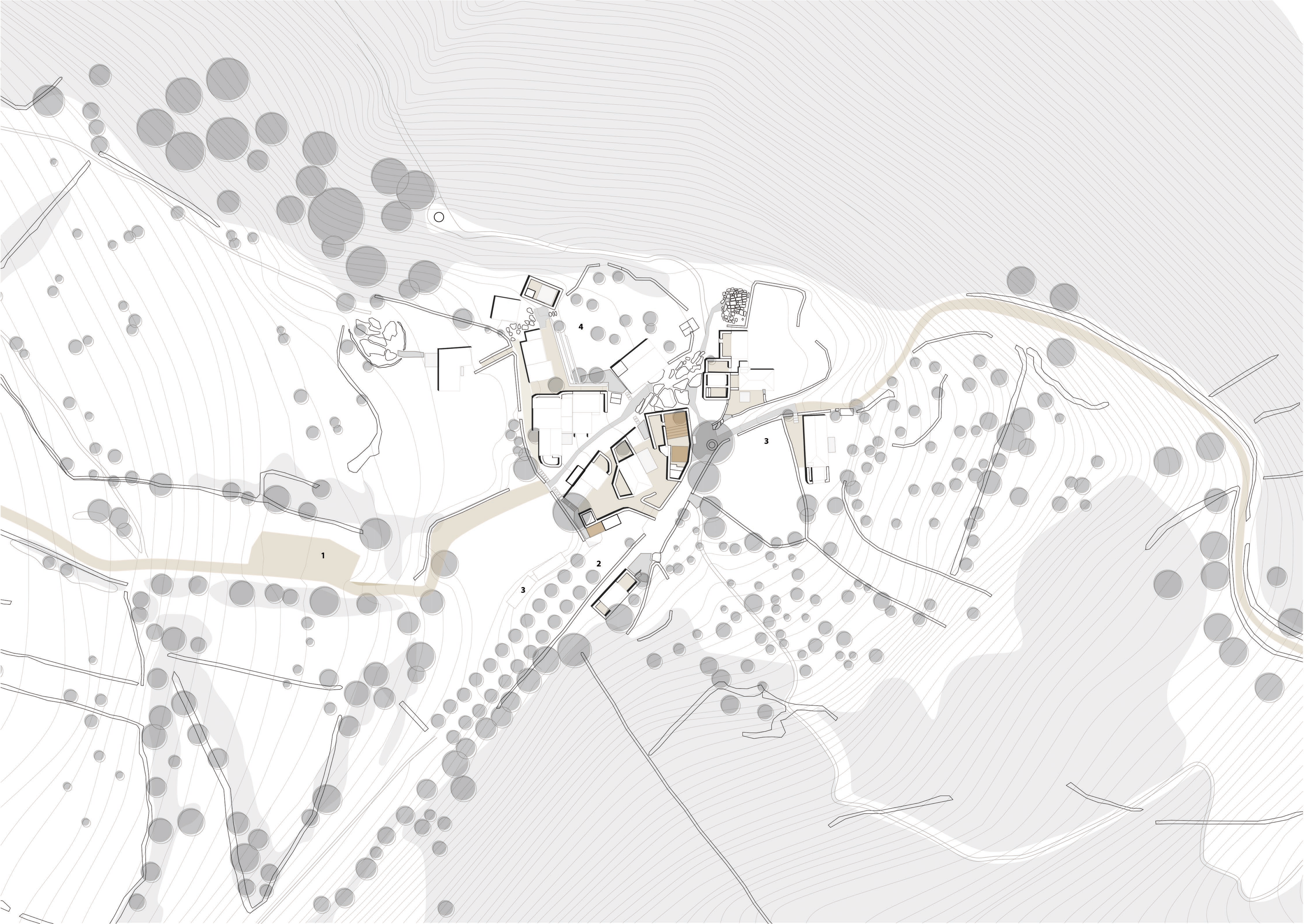
EIRA DE BAIXO



LUGAR DO FREIXO



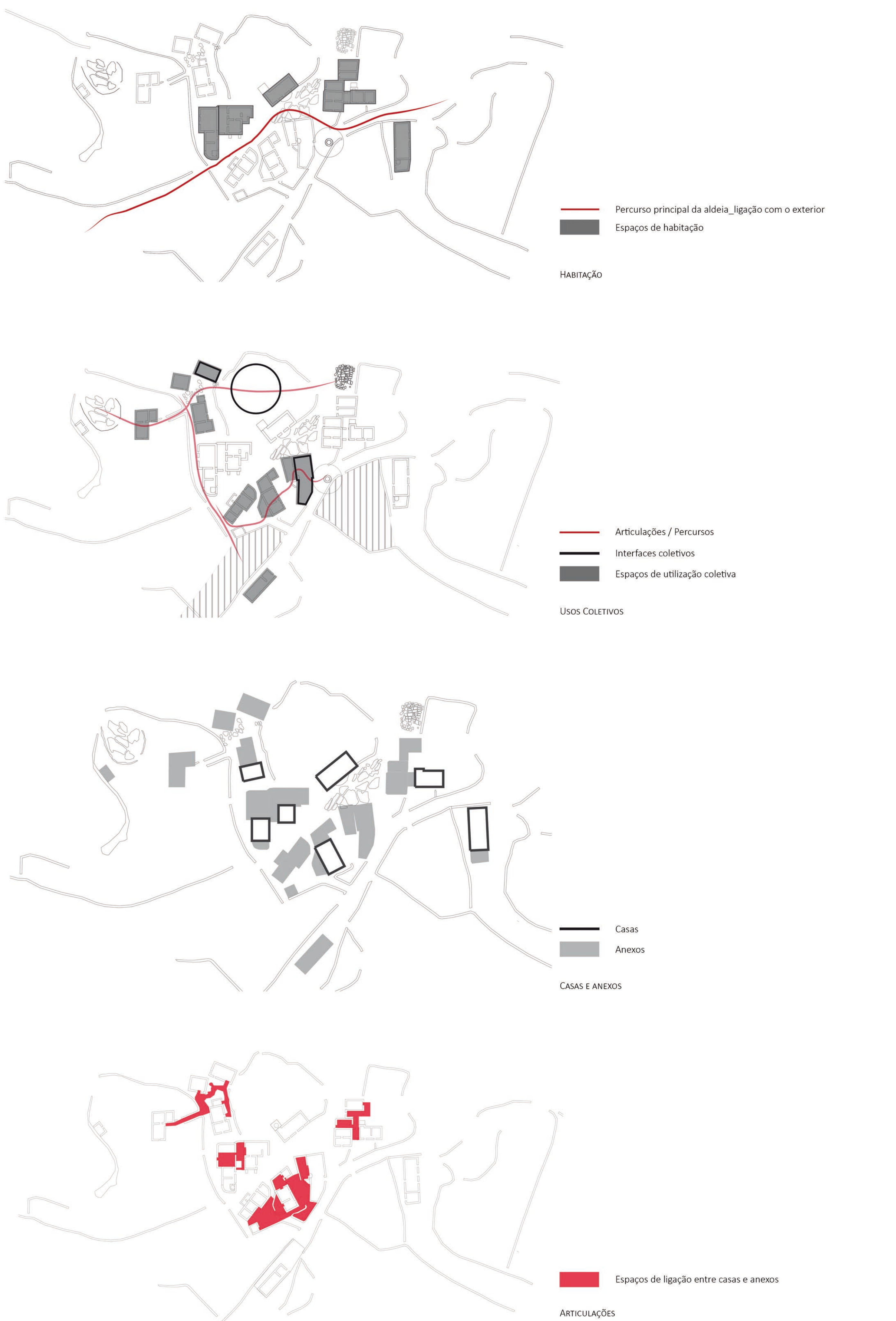
EIRA DE CIMA



1- ESTACIONAMENTO INFORMAL 2- POMAR 3- PAINÉIS SOLARES E FOTOVOLTAICOS 4- HORTAS 5- ANFITEATRO EXTERIOR

PLANTA DE COBERTURAS  
Esc. 1:500

HABITAR A RUÍNA, VIVER A MEMÓRIA  
REABILITAÇÃO DA ALDEIA DE BROAS



— Percurso principal da aldeia\_ligação com o exterior  
■ Espaços de habitação

HABITAÇÃO

— Articulações / Percursos  
— Interfaces coletivos  
■ Espaços de utilização coletiva

USOS COLETIVOS

— Casas  
■ Anexos

CASAS E ANEXOS

■ Espaços de ligação entre casas e anexos

ARTICULAÇÕES





PORTA DO LAGAR DO FREIXO



LAGAR DO FREIXO / LAGAR DA FOGUEIRA

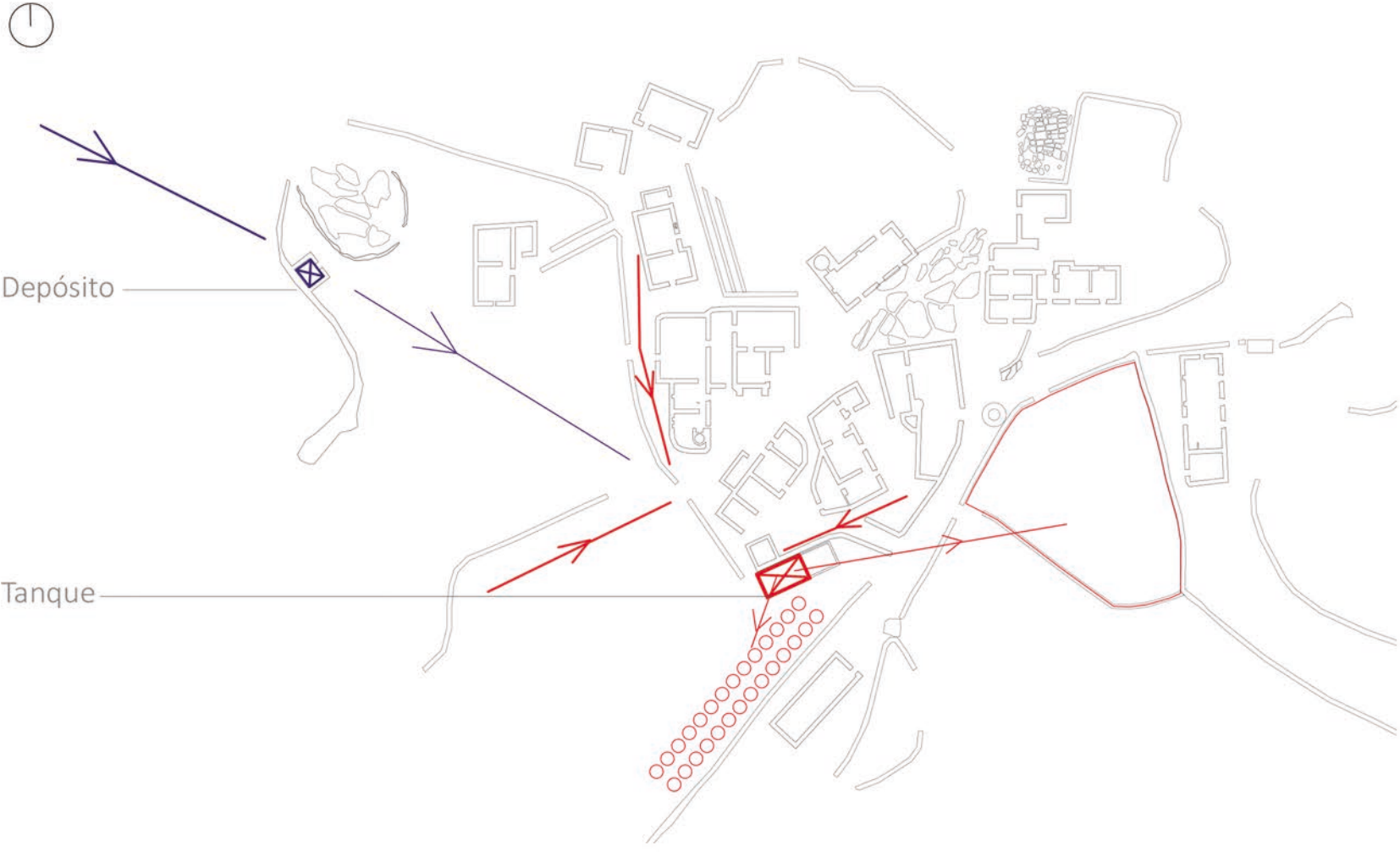


PERCURSOS E PÁTIOS DE LIGAÇÃO



- INTERVENÇÃO: ESPAÇOS EXTERIORES      INTERVENÇÃO: MADEIRA COMO ESTRUTURA SECUNDÁRIA      INTERVENÇÃO: ALVENARIA DE PEDRA COM ISOLAMENTO E REBOCO PELO INTERIOR

- 1- EIRA DE CIMA SEM ESCALA      2- LAGAR DA FOGUEIRA      3- LAGAR DO FREIXO      4- EIRA DE BAIXO      5- FREIXO

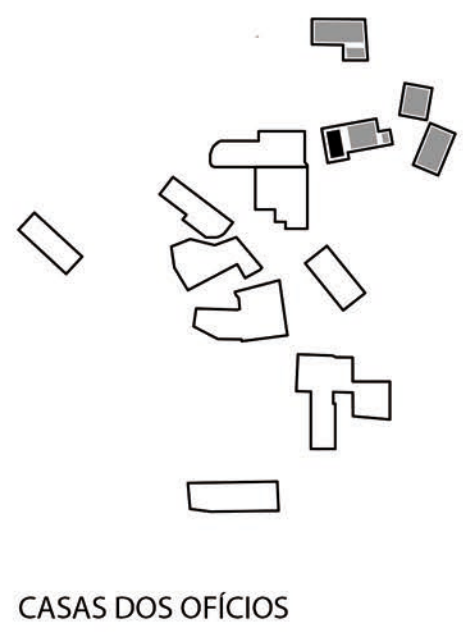


Água para consumo geral\_ proveniente de um poço  
Água para rega\_captada dos caminhos

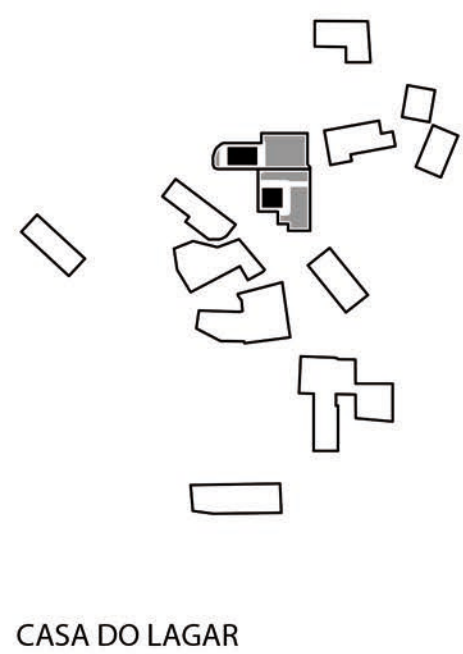


Energia eléctrica  
Aquecimento geral  
Aquecimento água para banhos

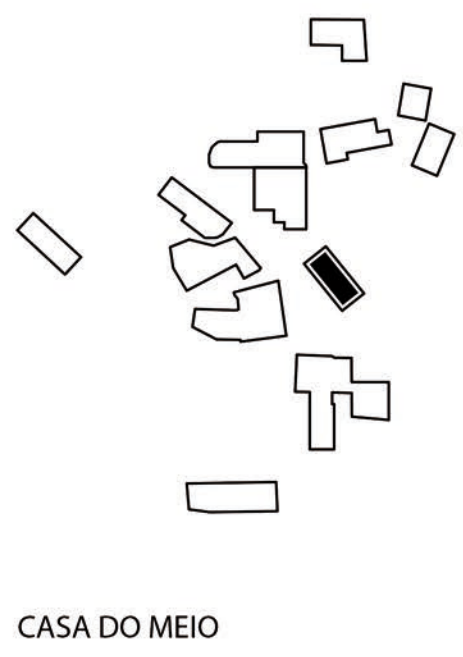




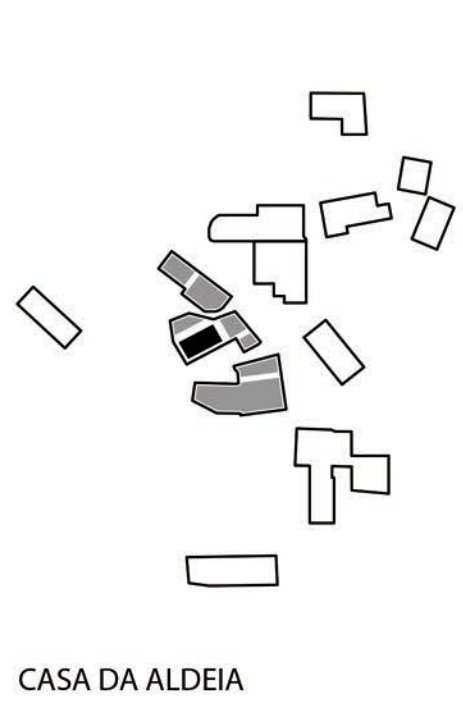
CASAS DOS OFÍCIOS



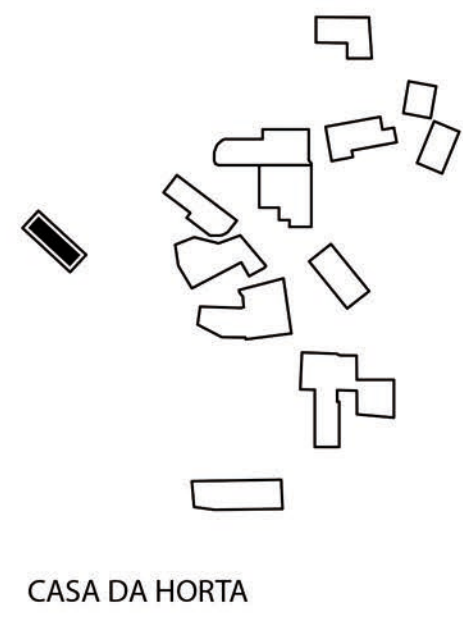
CASA DO LAGAR



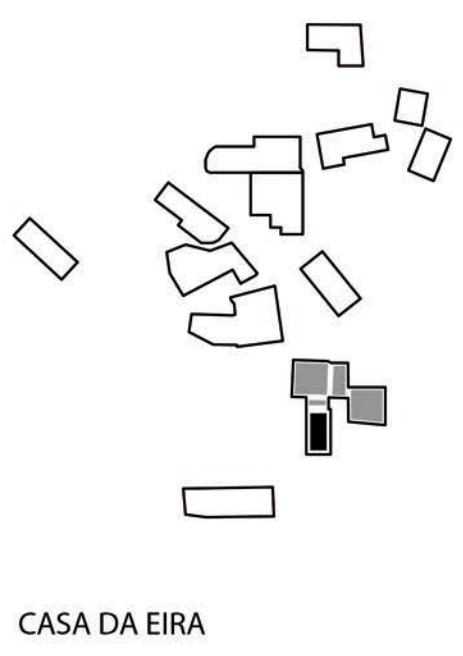
CASA DO MEIO



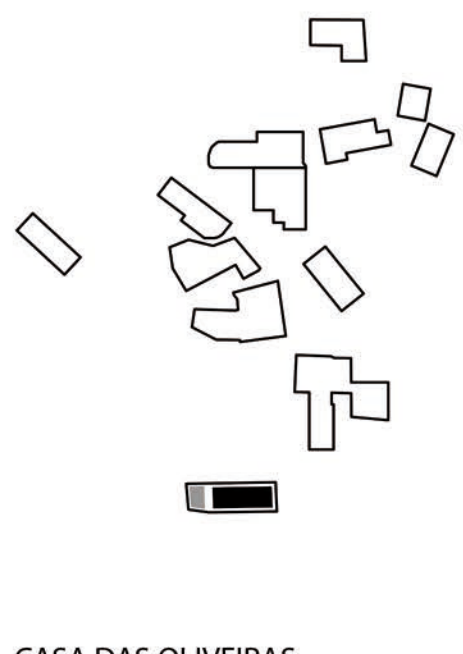
CASA DA ALDEIA



CASA DA HORTA



CASA DA EIRA



CASA DAS OLIVEIRAS











CASAS DOS OFÍCIOS\_ Trabalho e Investigação  
Casa da leitura  
Atelier  
Lagar da fogueira  
Oficina  
Quarto

CASA DO LAGAR\_ Habitação  
Sala  
Quarto  
Cozinha  
Pátio do lagar  
Casa dos banhos  
Salão

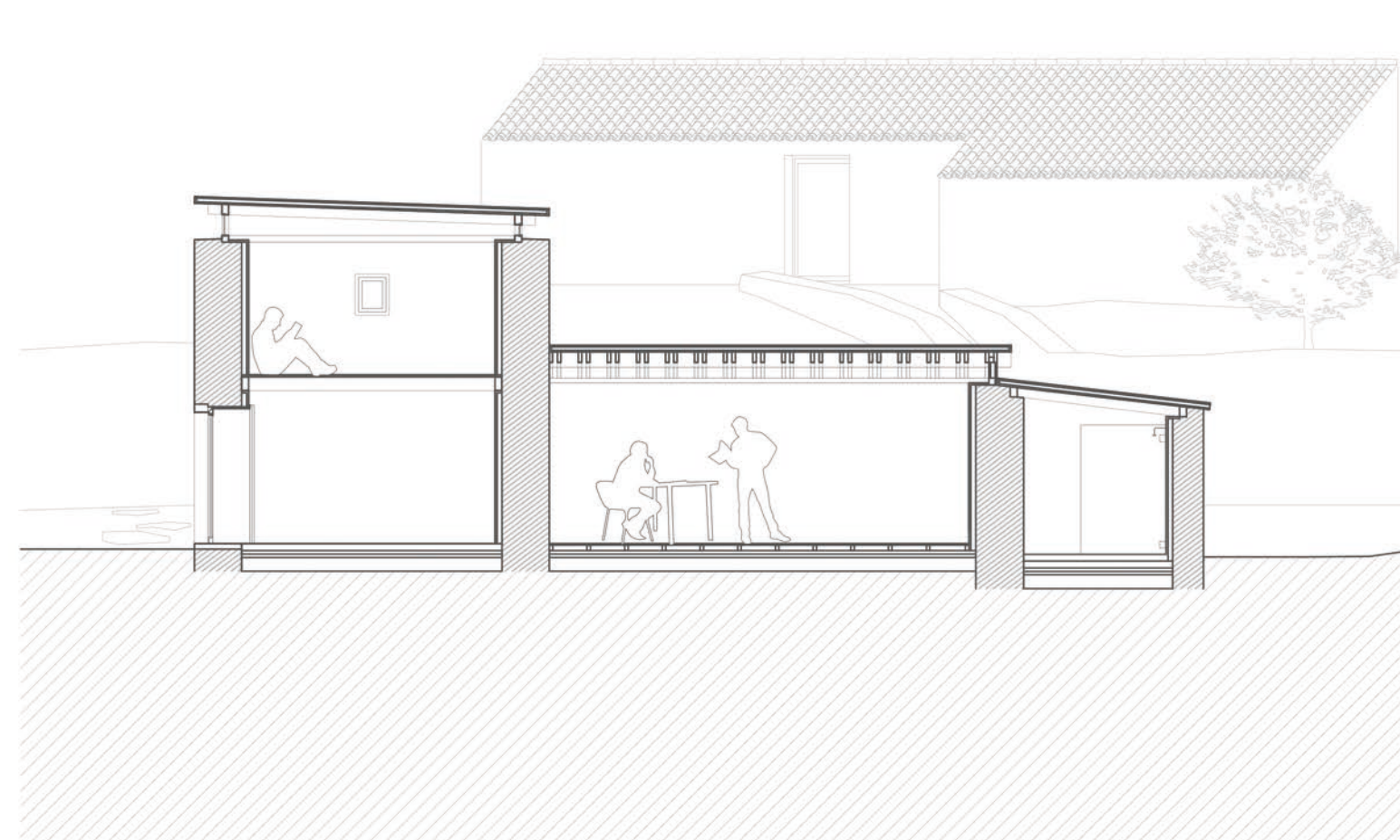
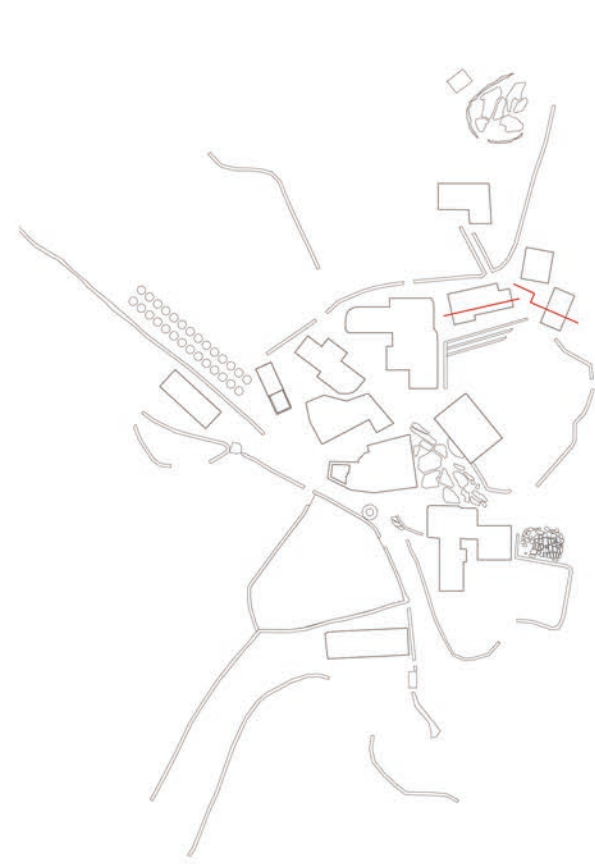
CASA DA ALDEIA\_ Comunidade  
salão  
Sala de Refeições  
Cozinha  
Casa de banho  
Lavandaria  
Casa das máquinas  
Tanque  
Lagar dos banhos  
Telheiro  
Pomar  
Horta

CASA DO MEIO  
Sala e cozinha  
Quarto

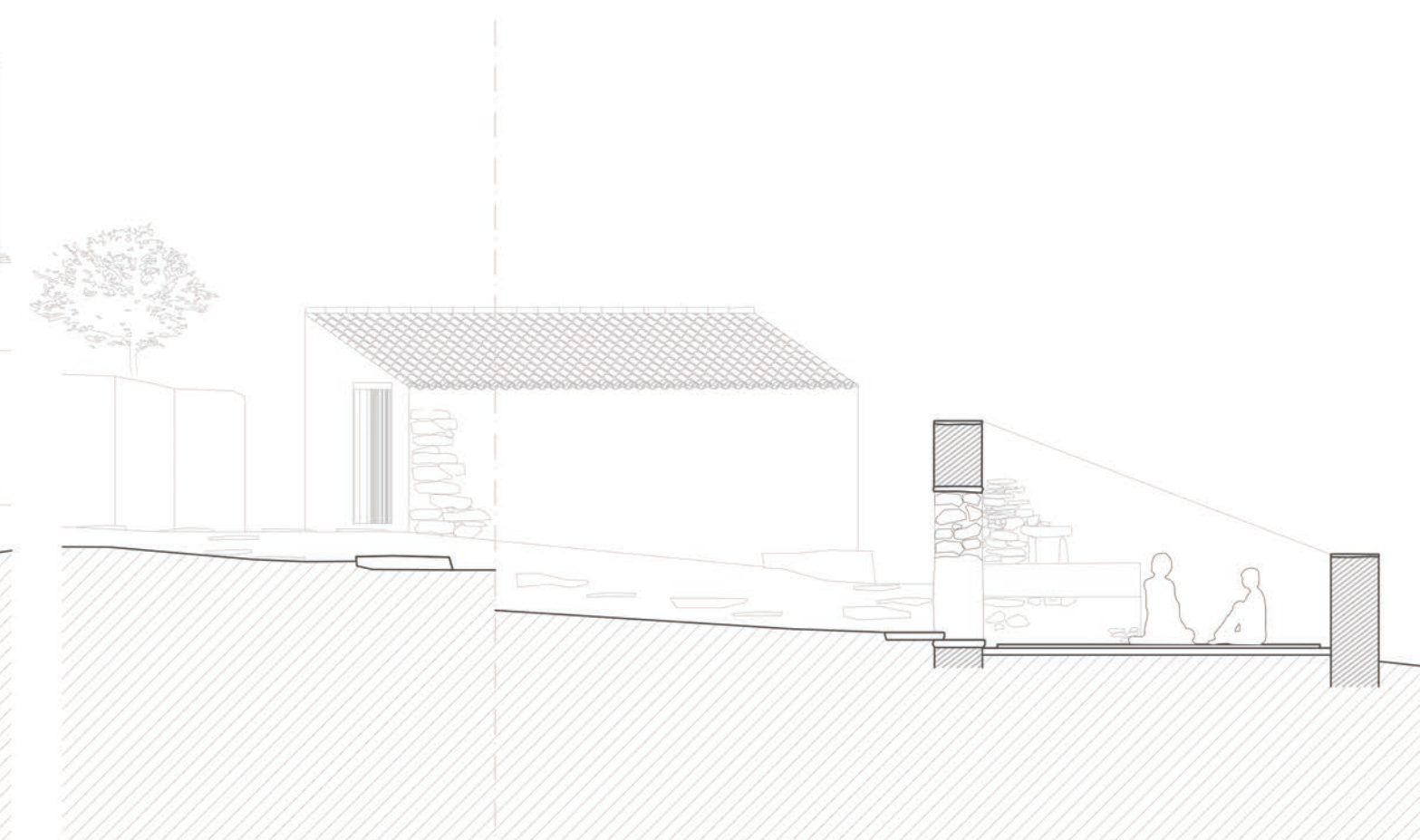
CASA DA EIRA  
Sala  
Cozinha  
Casa dos banhos  
Anexo  
Quarto

CASA DAS RUÍNAS  
Sala e cozinha  
Quarto  
Telheiro

PLANTA COTA +126,50M  
ESC. 1:100



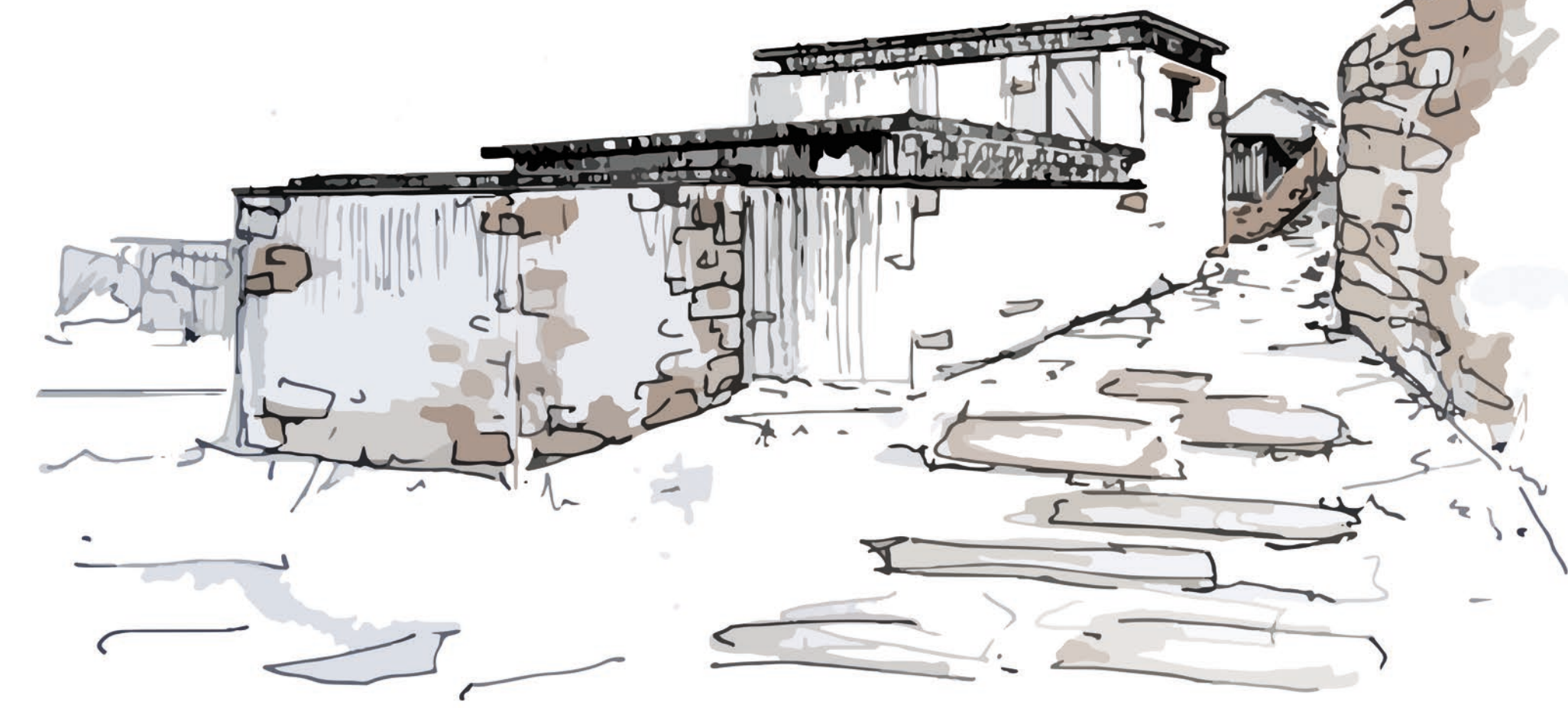
Corte A-A



Corte B-B



Vista da Entrada da Aldeia



Vista da Casa da Leitura









CASAS DOS OFÍCIOS\_ Trabalho e investigação  
Casa da leitura  
Atelier  
Lagar da fogueira  
Oficina  
Quarto

CASA DO LAGAR\_ Habitação  
Pátio do lagar  
Casa dos banhos  
Sala  
Quarto  
Cozinha  
Salão

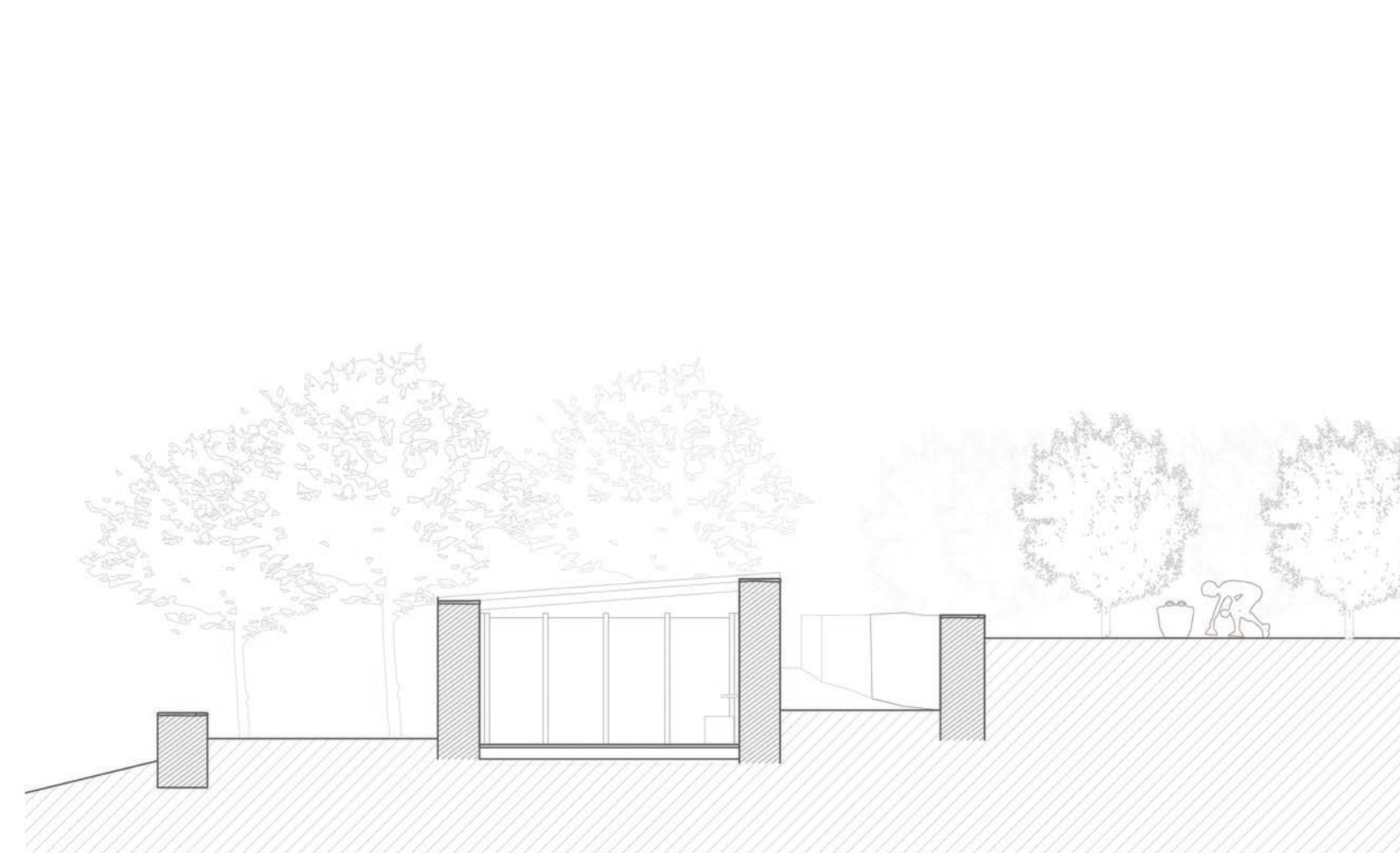
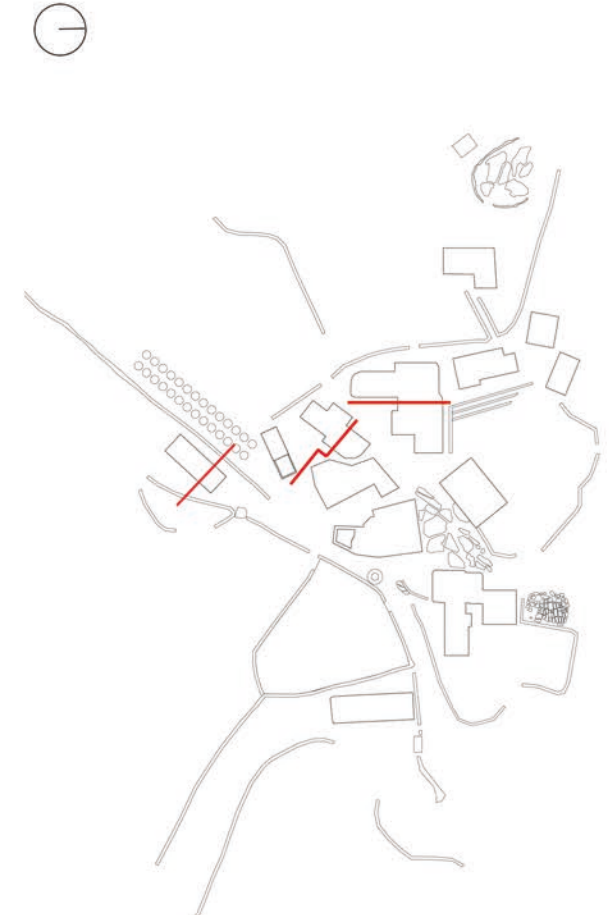
CASA DA ALDEIA\_ Comunidade  
Salão  
Sala de Refeições  
Cozinha  
Casa de banho  
Lavandaria  
Casa das máquinas  
Tanque  
Lagar dos banhos  
Telheiro  
Pomar  
Horta

CASA DO MEIO  
Sala e cozinha  
Quarto

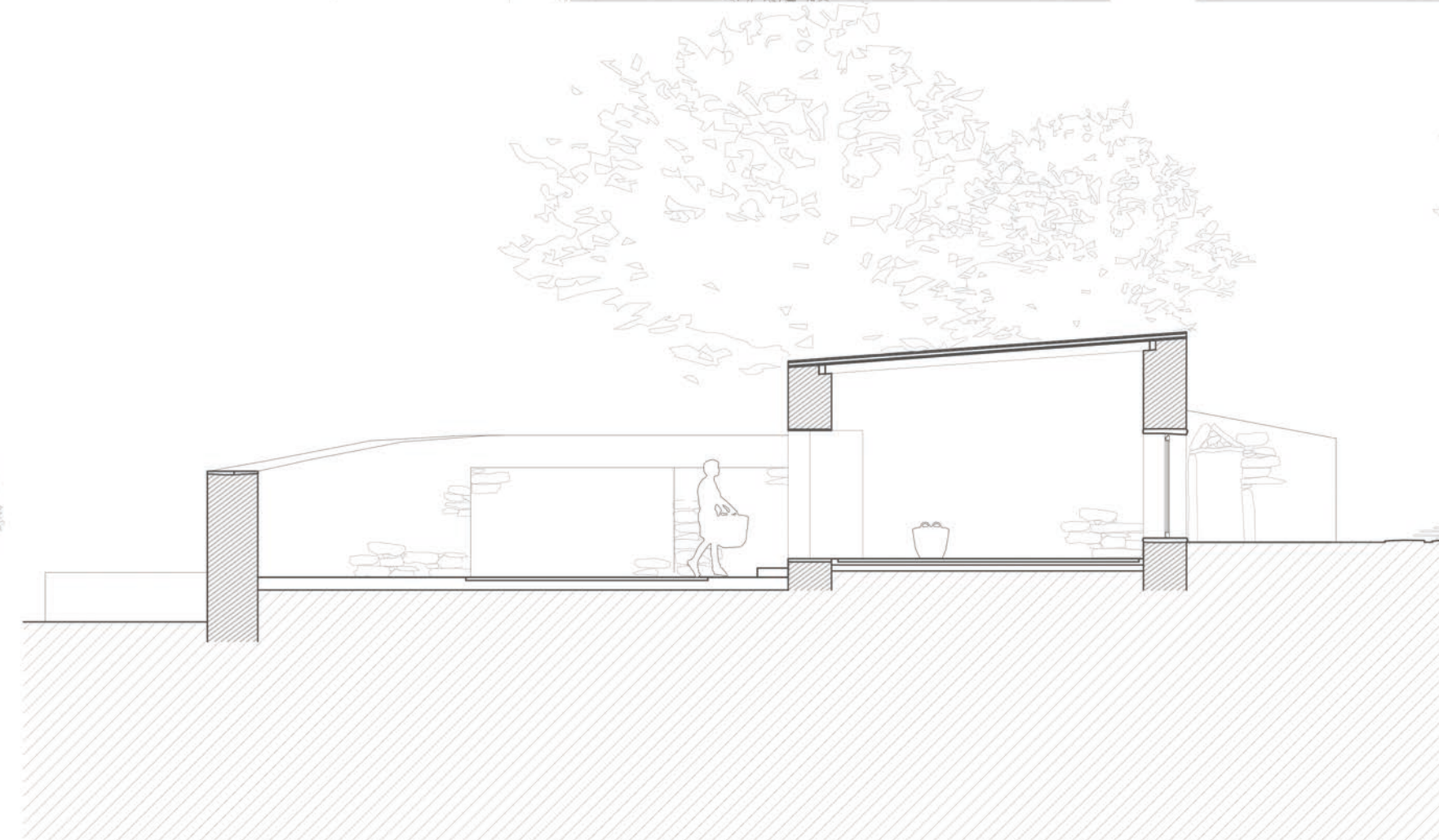
CASA DA EIRA  
Sala  
Cozinha  
Casa dos banhos  
Anexo  
Quarto

CASA DAS OLIVEIRAS  
Sala e cozinha  
Quarto  
Telheiro

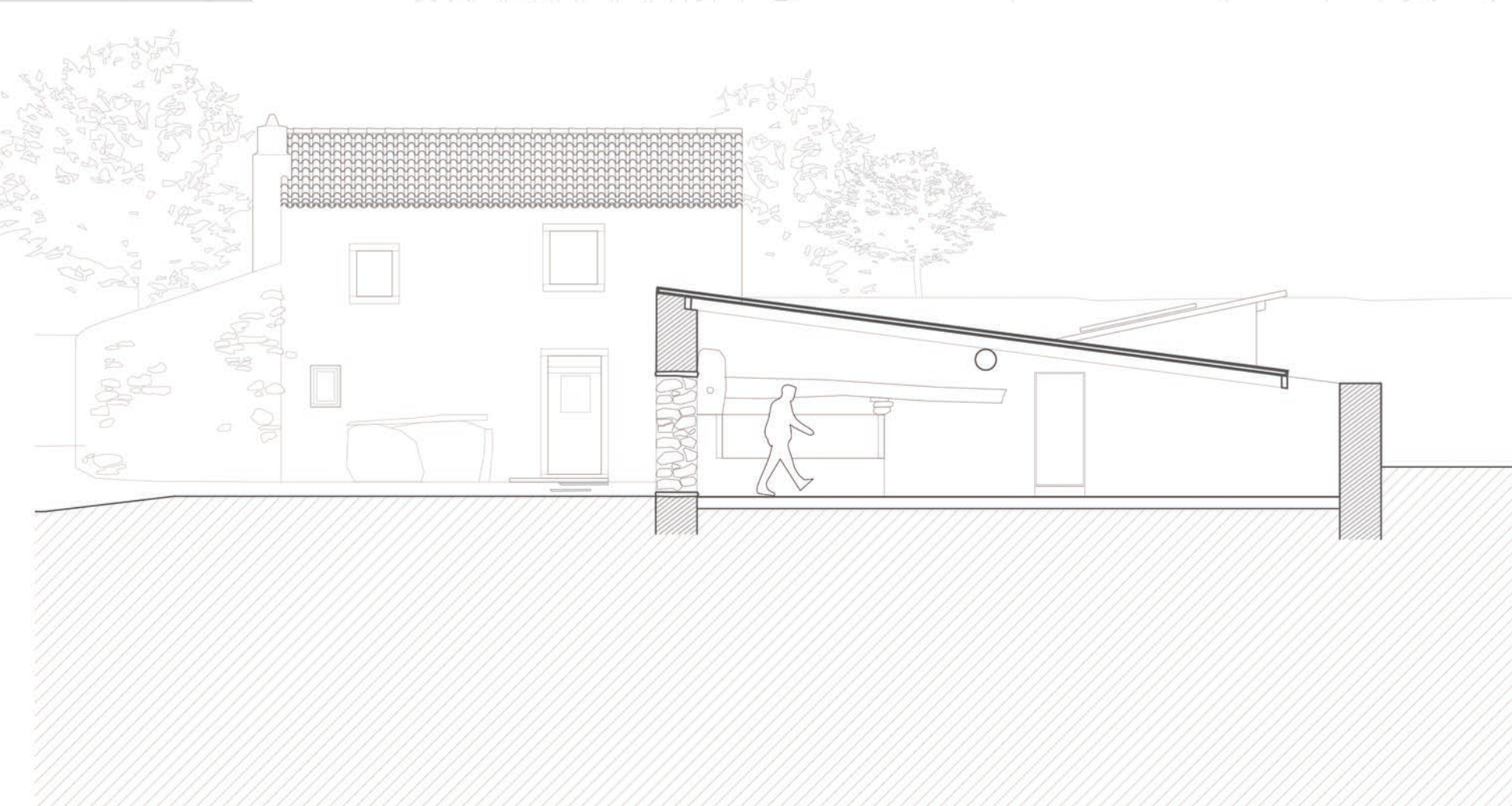
PLANTA COTA +126,50M  
ESC. 1:100



CORTE E-E



CORTE F-F



CORTE G-G

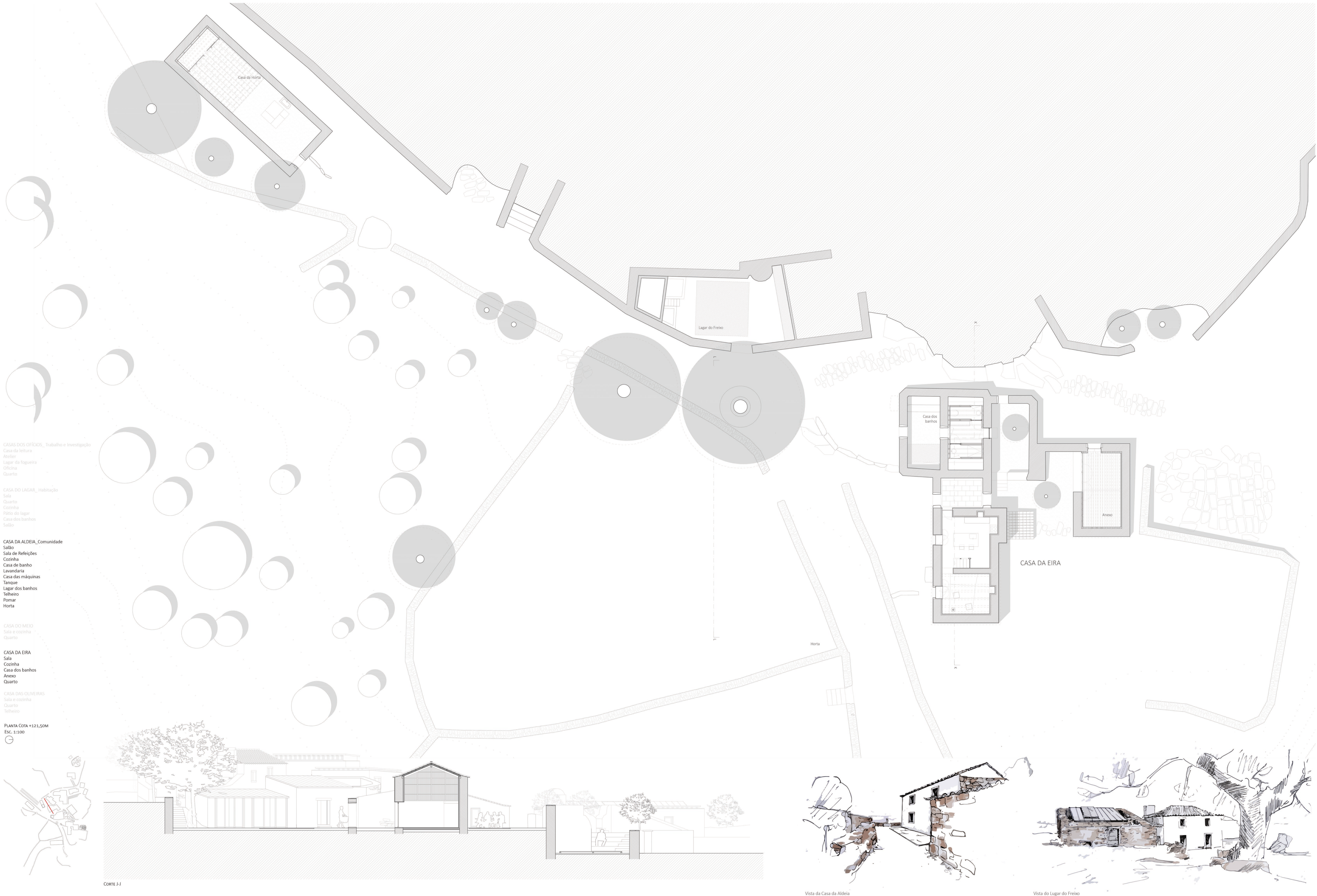


VISTA DA CASA DO LAGAR









CASAS DOS OFÍCIOS\_ Trabalho e Investigação  
Casa da leitura  
Atelier  
Lugar da fogueira  
Oficina  
Quarto

CASA DO LAGAR\_ Habitação  
Sala  
Quarto  
Cozinha  
Pátio do lagar  
Casa dos banhos  
Salão

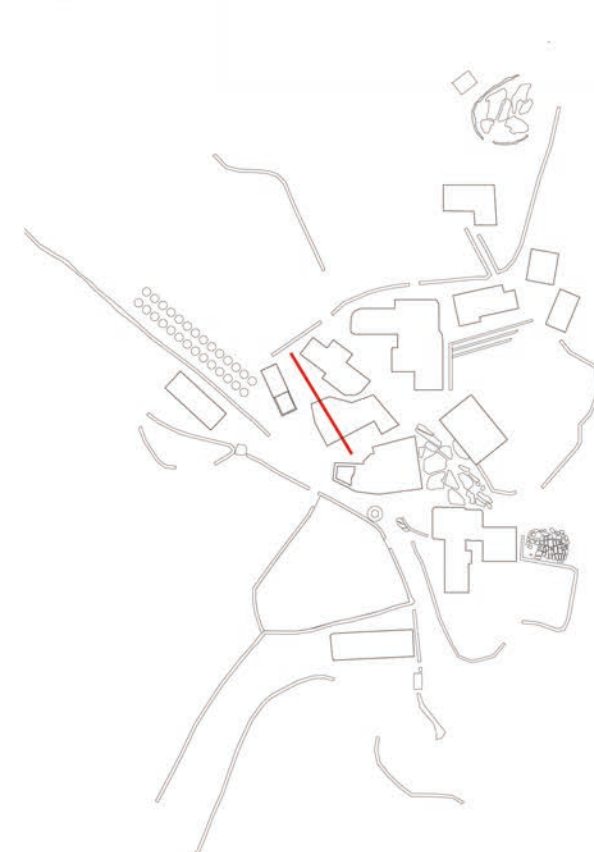
CASA DA ALDEIA\_ Comunidade  
Salão  
Sala de refeições  
Cozinha  
Casa de banho  
Lavandaria  
Casa das máquinas  
Tanque  
Lugar dos banhos  
Telheiro  
Pomar  
Horta

CASA DO MEIO  
Sala e cozinha  
Quarto

CASA DA EIRA  
Sala  
Cozinha  
Casa dos banhos  
Anexo  
Quarto

CASA DAS OLIVEIRAS  
Sala e cozinha  
Quarto  
Telheiro

PLANTA COTA +121,50M  
ESC. 1:100

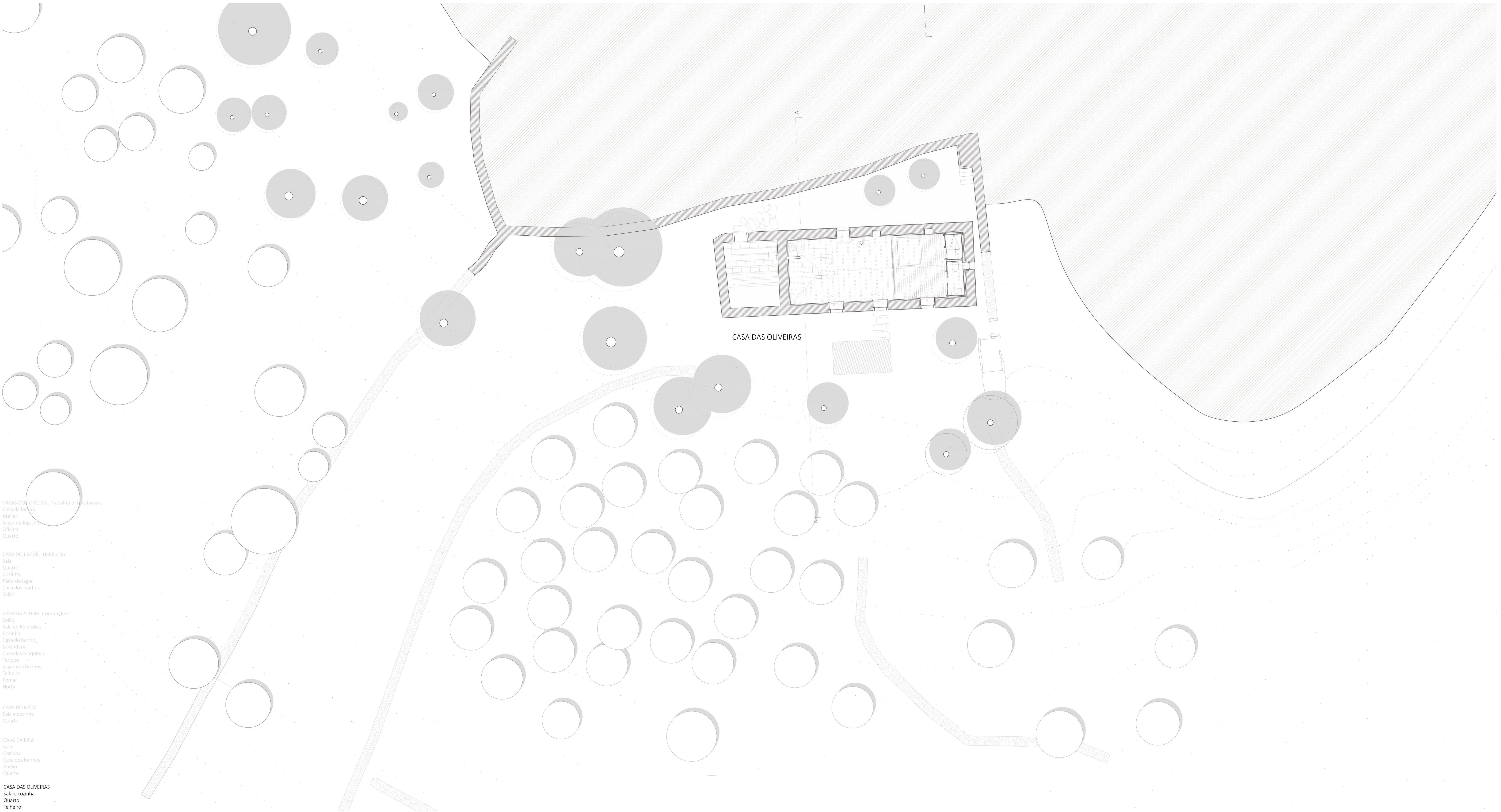


CORTE J-J

Vista da Casa da Aldeia

Vista do Lugar do Freixo





CASAS DOS OFÍCIOS, Trabalho e Investigação  
Casa da leitura  
Atelier  
Lugar da fogueira  
Oficina  
Quarto

CASA DO LAGAR, Habitação  
Sala  
Quarto  
Cozinha  
Pátio do lagar  
Casa dos banhos  
Salão

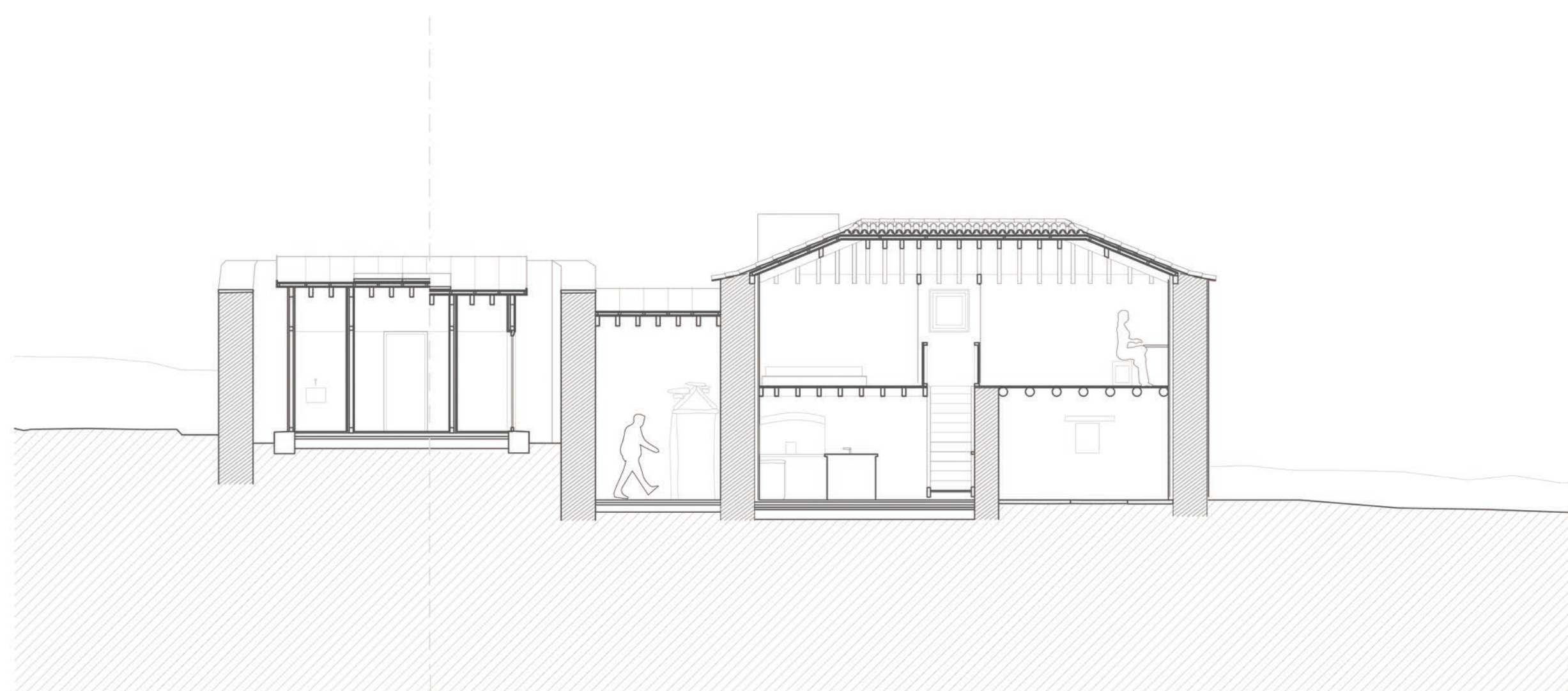
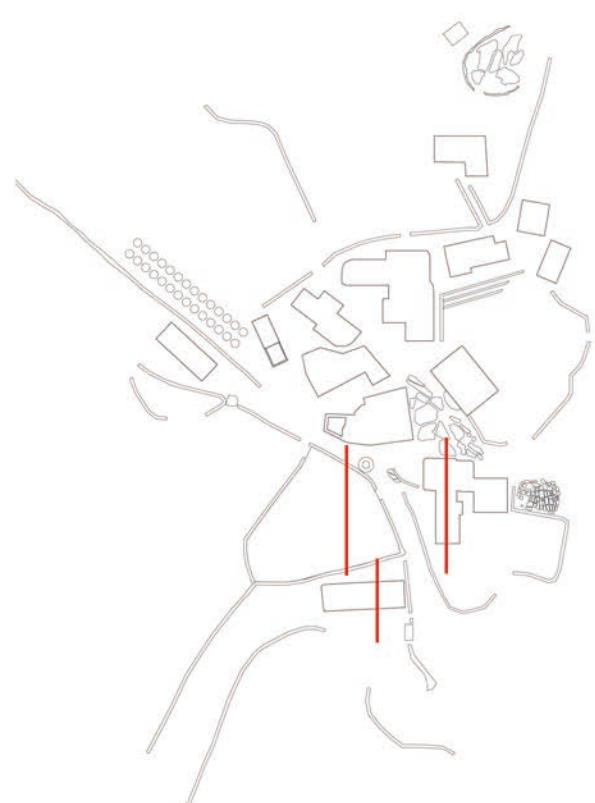
CASA DA ALDEIA, Comunidade  
Salão  
Sala de refeições  
Cozinha  
Casa de banho  
Lavandaria  
Casa das máquinas  
Tanque  
Lugar dos banhos  
Telheiro  
Pomar  
Horta

CASA DO MEIO  
Sala e cozinha  
Quarto

CASA DA EIRA  
Sala  
Cozinha  
Casa dos banhos  
Anexo  
Quarto

CASA DAS OLIVEIRAS  
Sala e cozinha  
Quarto  
Telheiro

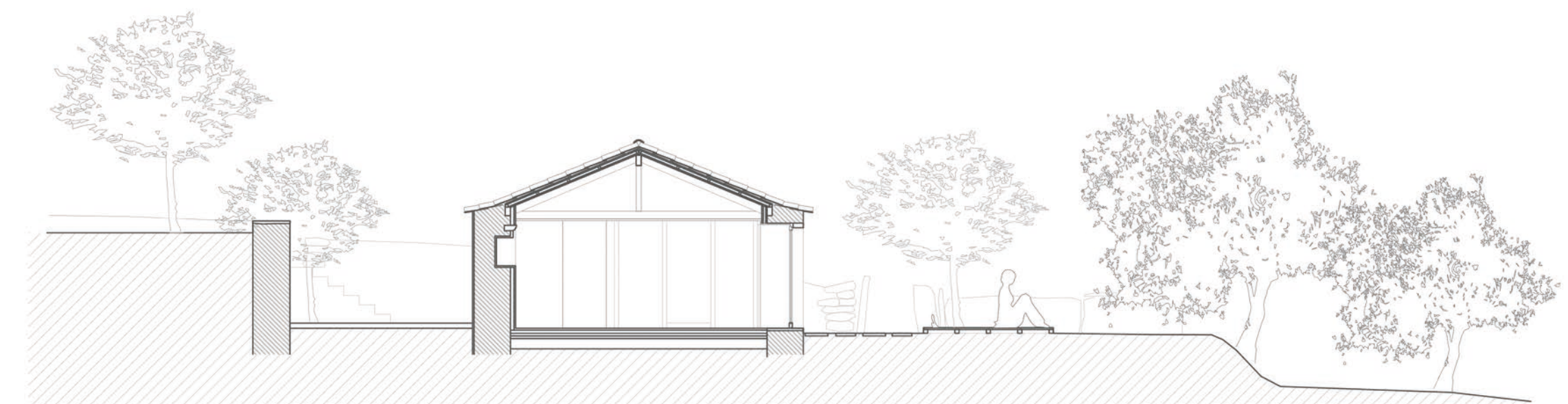
PLANTA COTA +118,50M  
ESC. 1:100



CORTE K-K

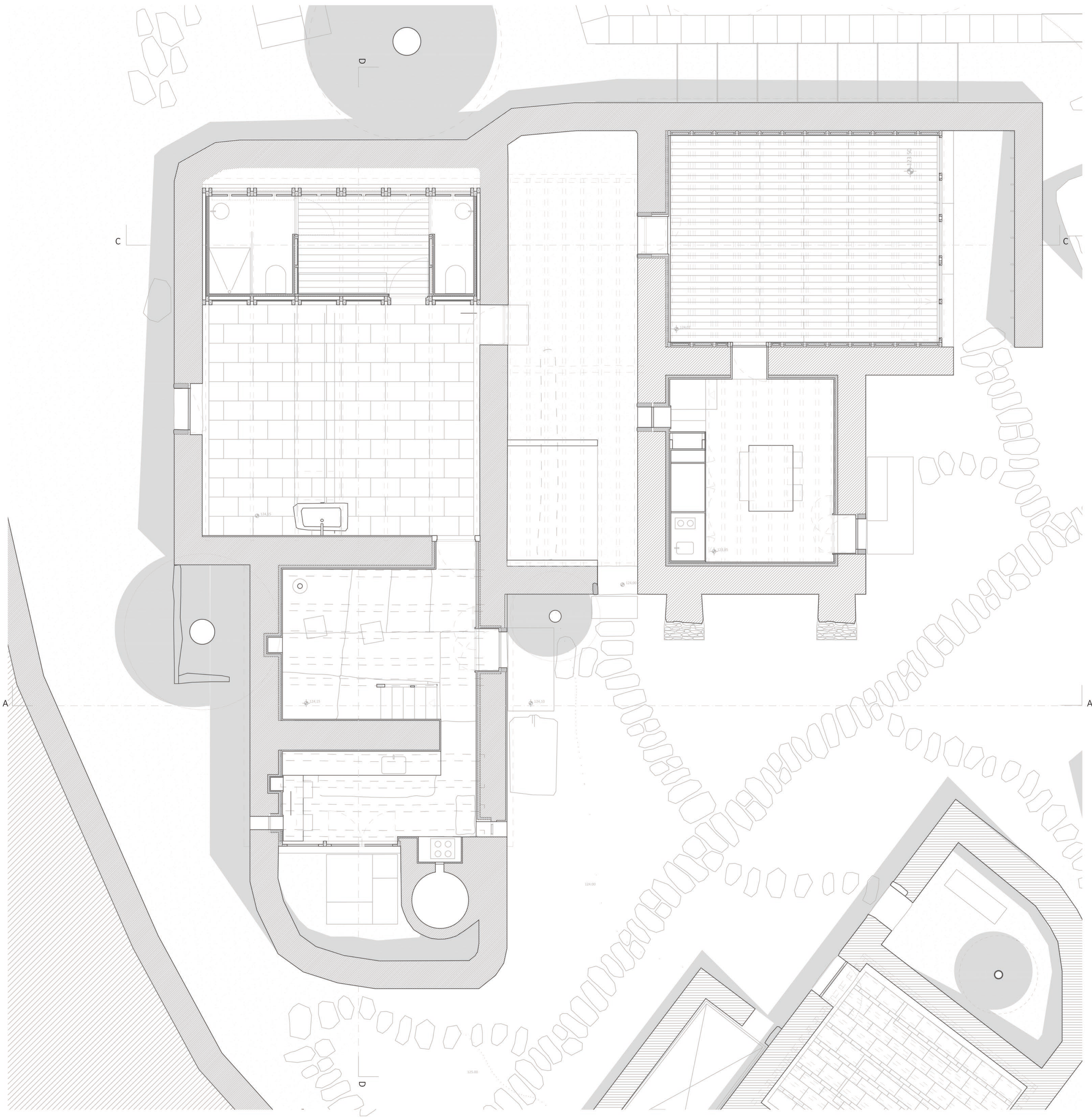


CORTE L-L

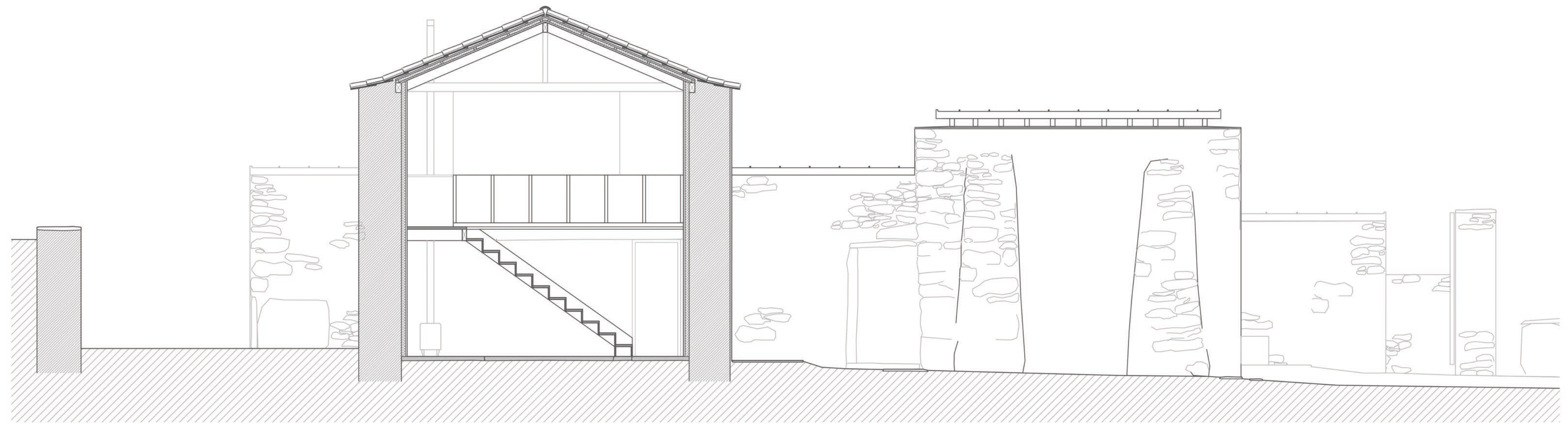


CORTE M-M



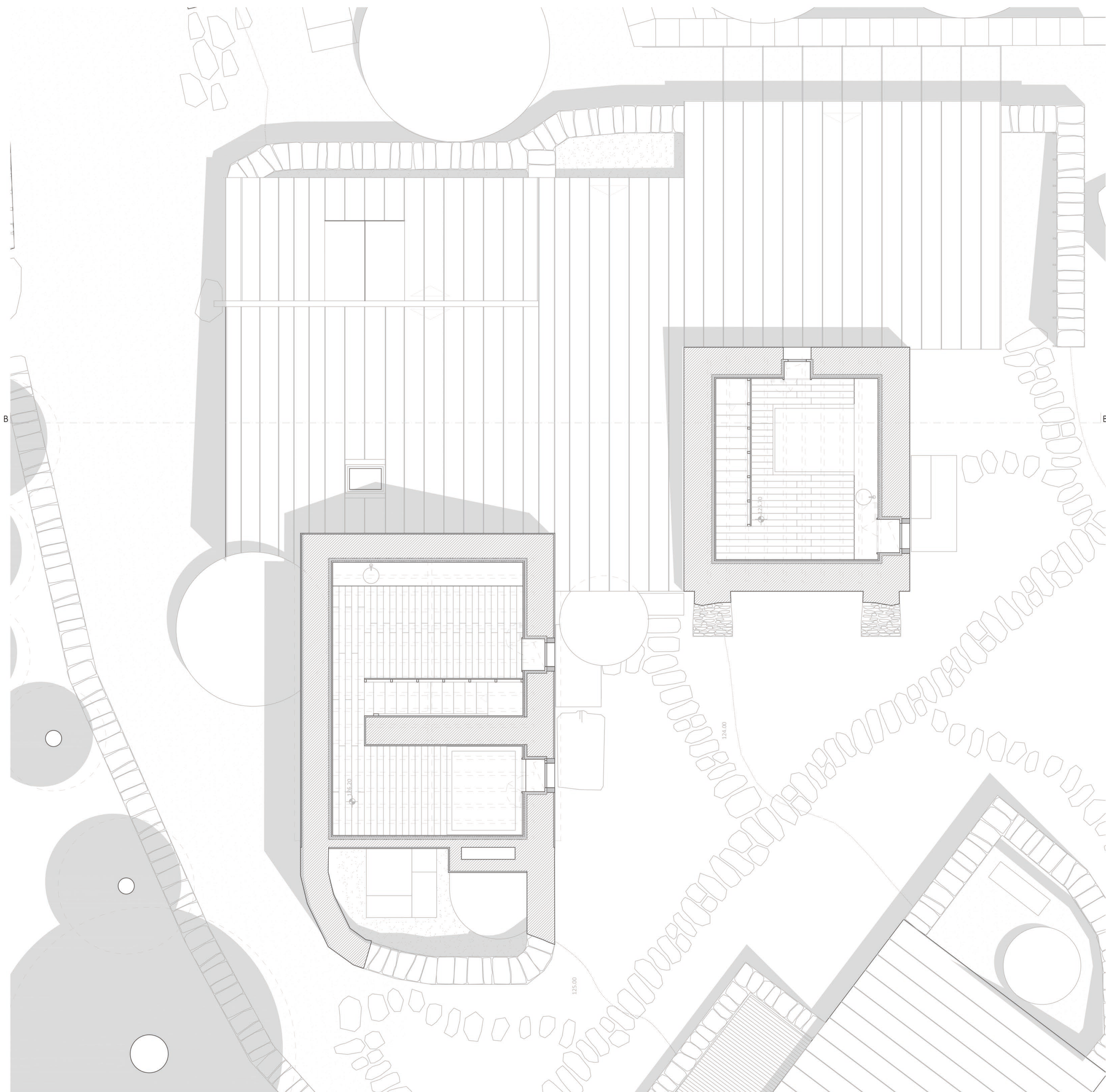


PLANTA CASA DO LAGAR PISO 0  
Esc. 1:50

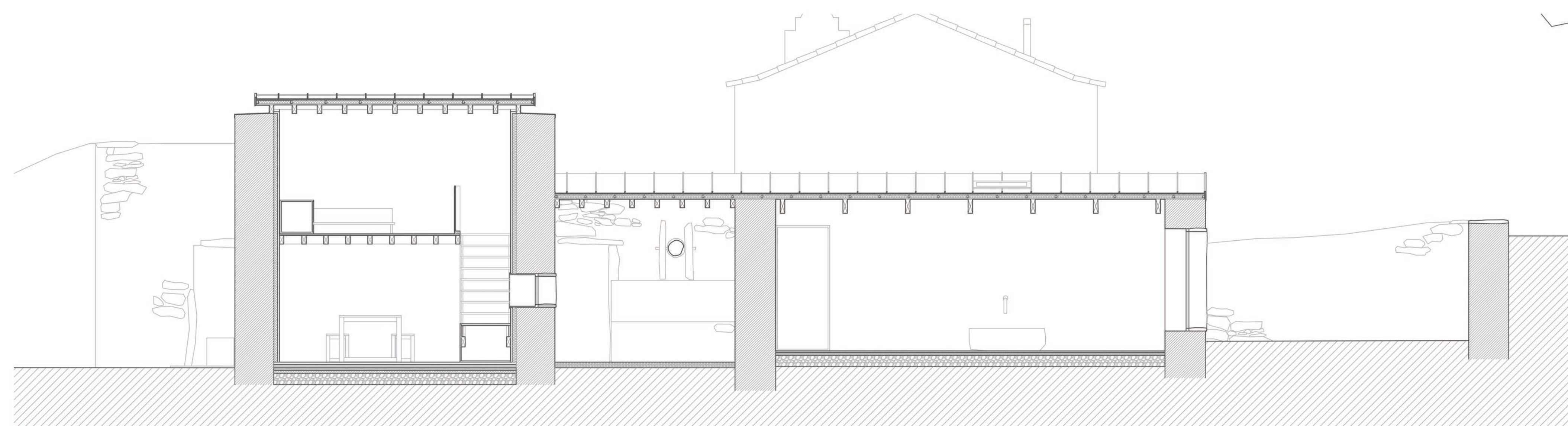


CORTE A-A  
Esc. 1:50



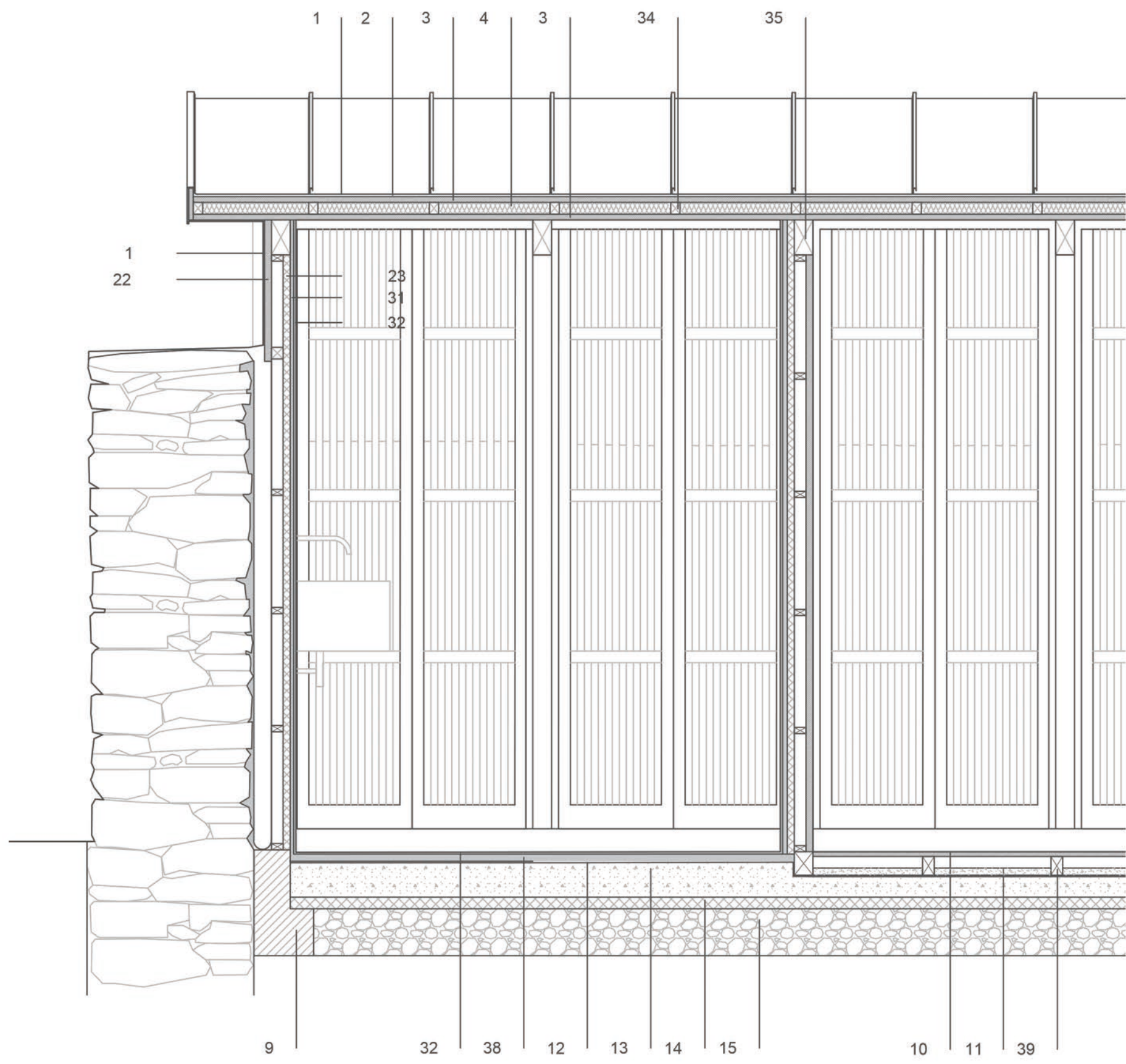


PLANTA CASA DO LAGAR PISO 0  
Esc. 1:50

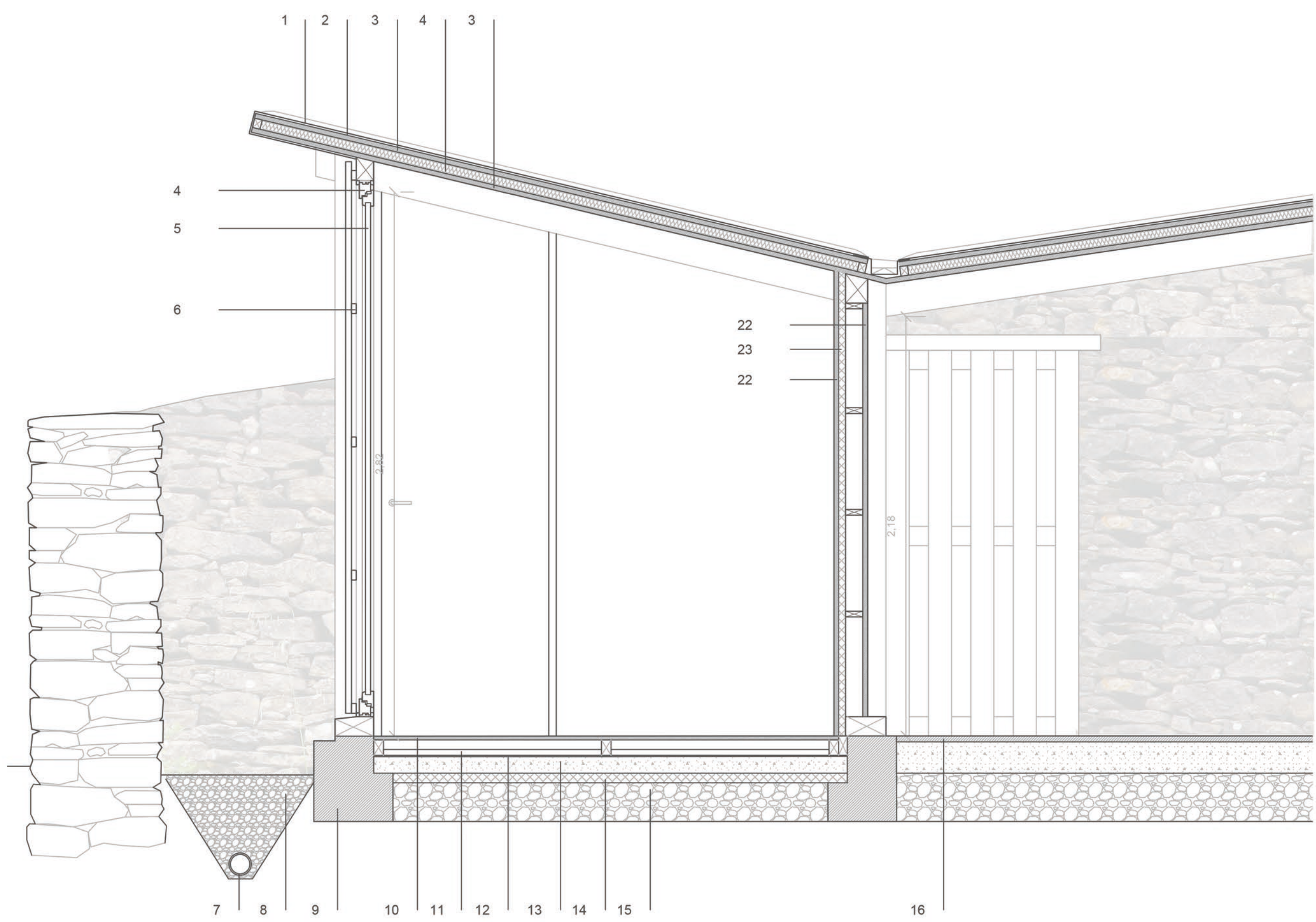
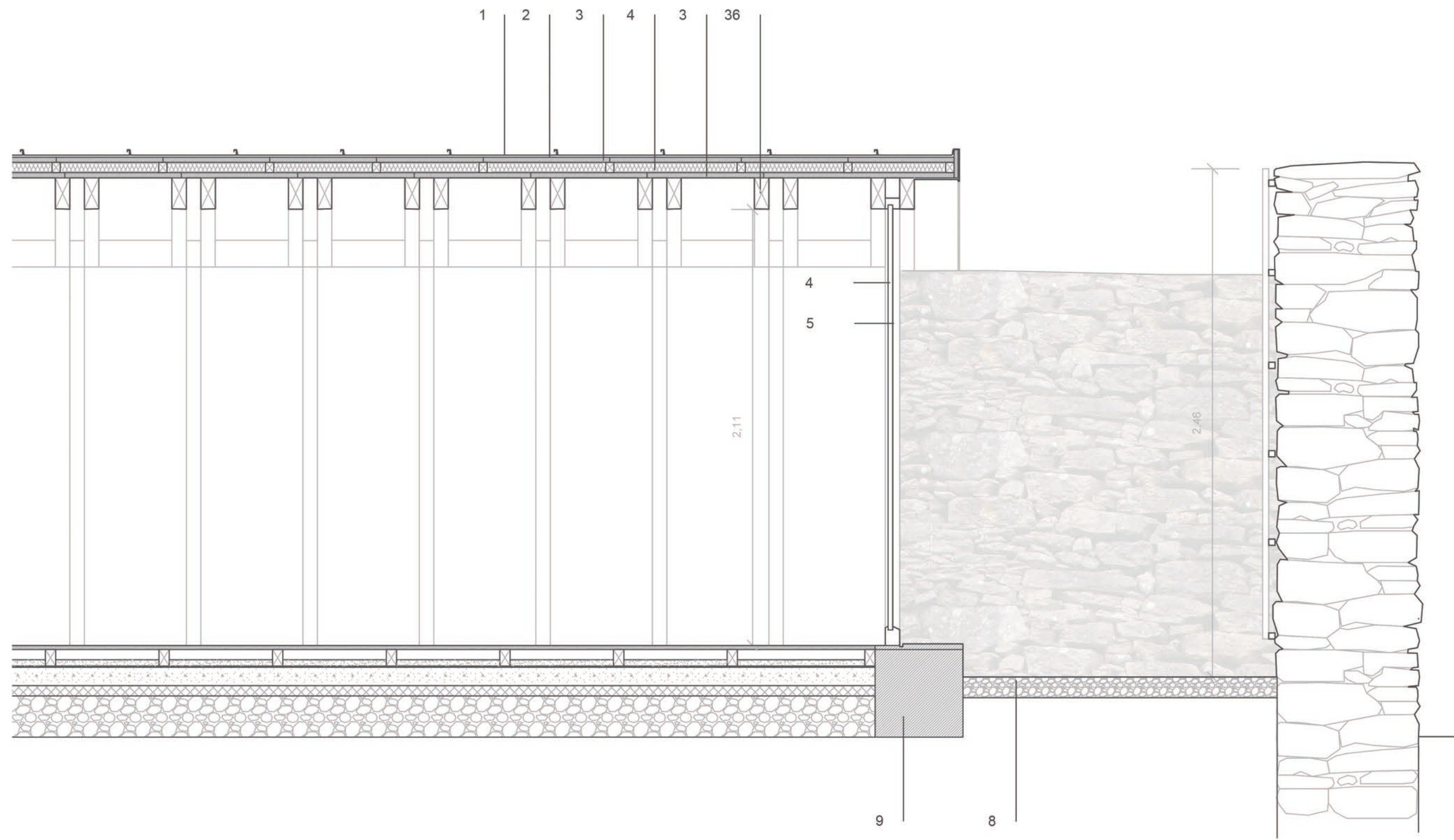
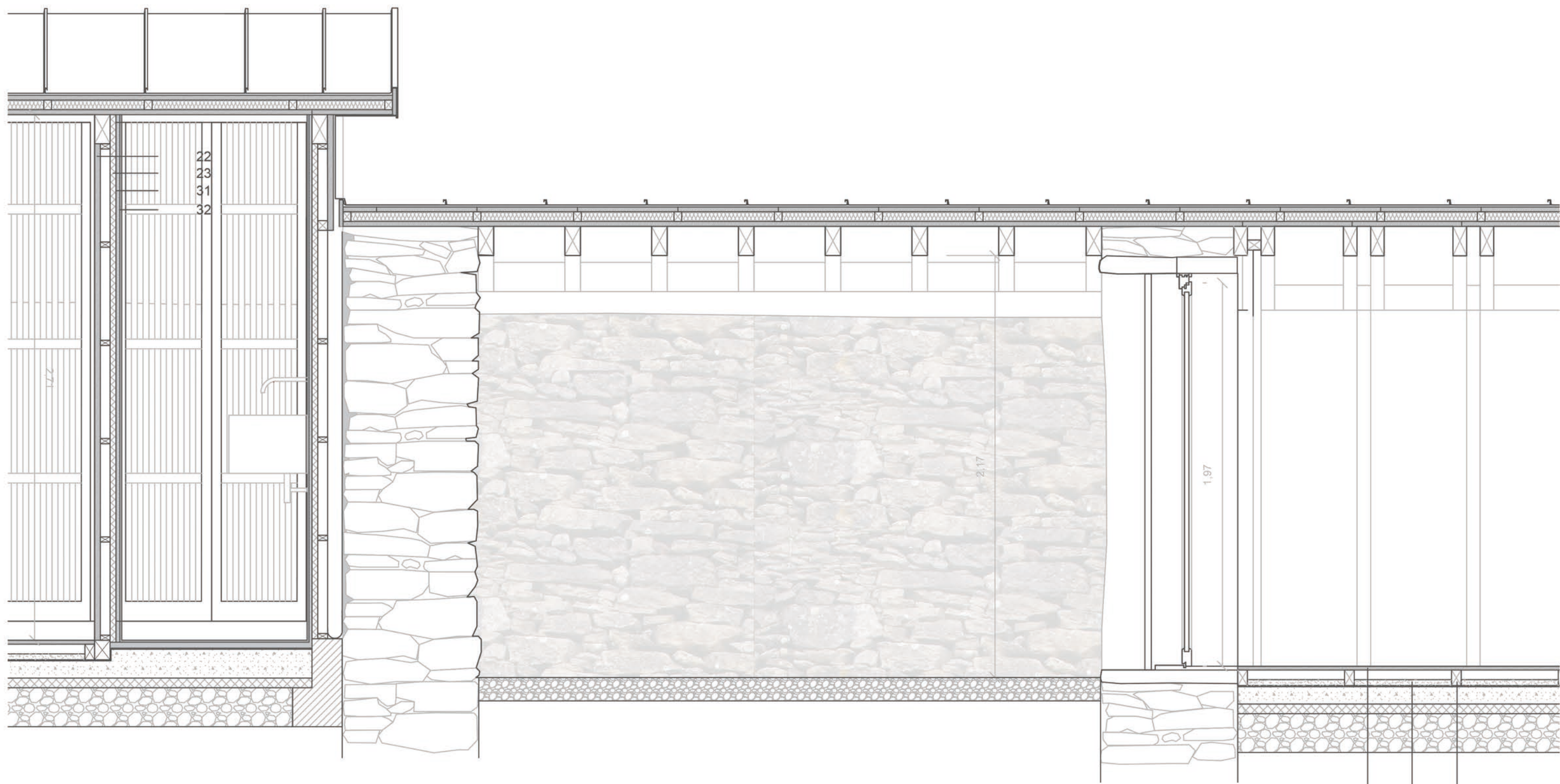


CORTE B-B  
Esc. 1:50

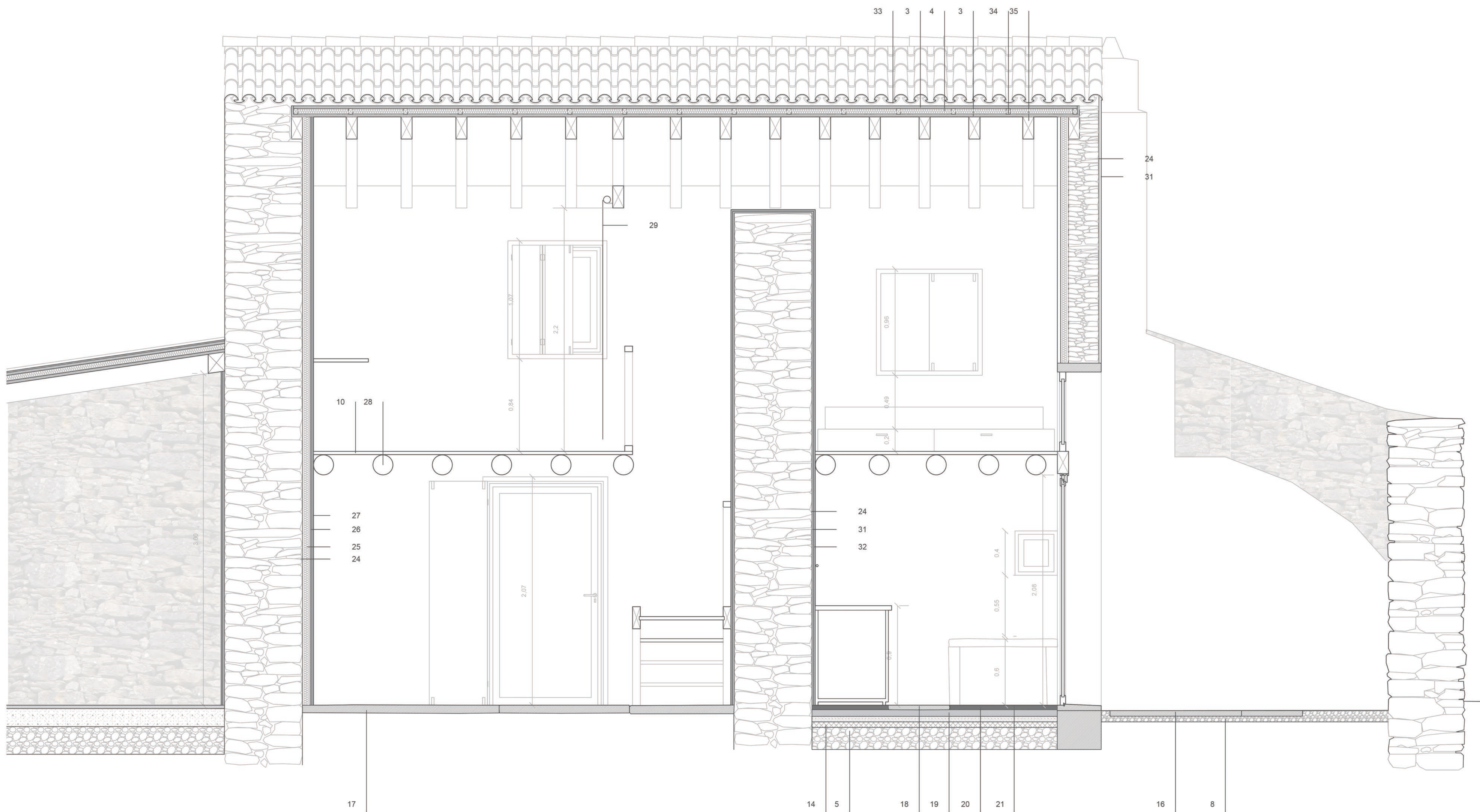




CORTE C-C  
ESC. 1:20



CORTE D-D  
ESC. 1:20



- 1 - Chapa de cobre com 2mm de espessura
- 2 - Membrana de drenagem
- 3 - Painel de OSB com 25 mm de espessura
- 4 - Isolamento térmico de cortiça com 5 cm de espessura
- 4 - Caixilho de madeira
- 5 - Vidro duplo
- 6 - Ripa de madeira 5cmx2,5cm para suporte do ripado
- 7 - Tubo geodreno
- 8 - Gravilha
- 9 - Soco de pedra
- 10 - Soalho em tábuas de madeira com 15cm de largura
- 11 - Areia compactada
- 12 - Tela asfáltica
- 13 - Massame
- 14 - Isolamento térmico a base de fibras de madeira aglomeradas com cimento com 5cm de espessura.
- 15 - Camada de enrocamento
- 16 - Pavimento em laje de pedra
- 17 - Pavimento pré-existente em laje de pedra
- 18 - Laje de pedra do local
- 19 - Argila de construção com cascalho de tamanho misto - camada rugosa de 6cm
- 20 - Argila compactada, com cascalho de 6mm - camada fina de 4cm.
- 21 - Proteção com óleo para superfícies minerais
- 22 - Painel de contraplacado de folha de abeto com 25 mm espessura
- 23 - Isolamento térmico a base de fibras de madeira aglomeradas com cimento com 3cm de espessura.
- 24 - Argamassa de regularização de base de cal hidráulica
- 25 - Painéis de isolamento térmico de fibra de madeira aglomerada com argila com 7cm espessura
- 26 - Emboço de 2cm com argamassa mineral de argila
- 27 - Reboco de 1 cm com argamassa mineral de argila
- 28 - Barrotes de madeira existentes
- 29 - Cortina
- 30 - Painel de contraplacado com 3cm de espessura
- 31 - Reboco de cal hidráulica com 2cm de espessura
- 32 - Revestimento em tadelakt com 1cm de espessura
- 33 - Telha canudo
- 34 - Ripa de madeira com seção 4x5cm
- 35 - Viga de madeira com seção 10x20cm
- 36 - Viga de madeira com seção 8x15cm
- 37 - Viga de madeira com seção 7x15cm
- 38 - Camada de betonilha de regularização com 5cm
- 39 - Sarrafo de madeira com seção 5x8cm



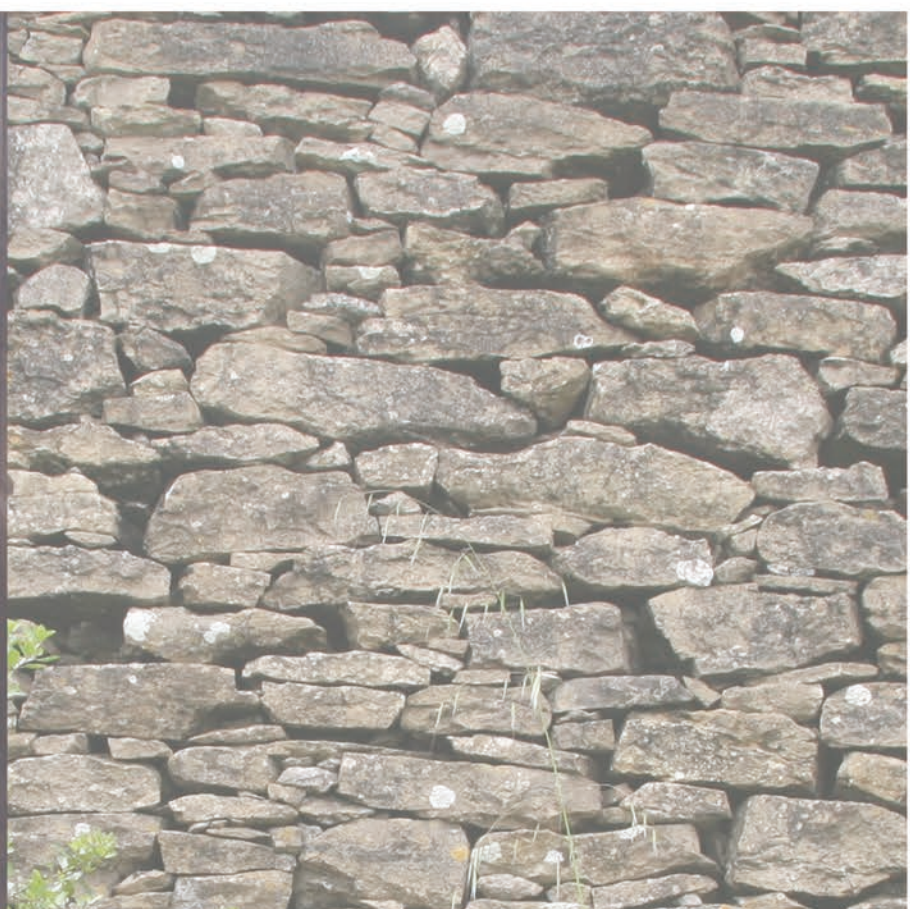
TELHA CANUDO



REBOCO DE CAL



CHAPA DE COBRE



ALVENARIA DE PEDRA



PAINÉIS OSB

CONTRAPLACADO DE BÉTULA

REBOCO DE ARGILA



PAVIMENTO EM LAJE DE PEDRA | PAVIMENTO EM ARGILA COMPACTADA



REVESTIMENTO EM TADELAKT